

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MOISÉS FURMANN

**ENCÍCLICA *LAUDATO SI'*:
ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA UMA ÉTICA SOCIOAMBIENTAL**

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

MOISÉS FURMANN

**ENCÍCLICA *LAUDATO SI'*: ELEMENTOS
FUNDAMENTAIS PARA UMA ÉTICA SOCIOAMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Murilo Dias da Silva

Porto Alegre
2021

MOISÉS FURMANN

ENCÍCLICA *LAUDATO SI'*: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA UMA ÉTICA SOCIOAMBIENTAL

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em 27 de agosto de 2021, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Cássio Murilo Dias da Silva – PPG Teologia/PUCRS (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Suzin (PUCRS)

Prof. Dr. Evandro Pontel (PPGFilo/PUCRS)

À memória do meu pai,
Severino Furmann.
E minha irmã, Jussara.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e aos meus familiares: minha mãe Clara Furmann,
meus irmãos e suas famílias:
Bronislau Furmann, Eder José Furmann, Leandro Furmann
pelo apoio e incentivo;

A todos que de uma ou outra forma,
direta ou indiretamente, contribuíram no percurso deste estudo;

Agradeço, de forma especial:
Ao prof. Dr. Pe. Cássio Murilo Dias da Silva, pela cuidadosa e
dedicada orientação na realização deste estudo;

Ao prof. Dr. Evandro Pontel e Dr. Olmaro Mass,
pela leitura e sugestões;

À Congregação dos Missionários da Sagrada Família,
pelo incentivo e aporte econômico que possibilitou esta pesquisa;

A todos os professores e secretaria do PPG em Teologia da PUCRS;

Aos colegas, amigos e amigas: Sóstenes Tavares Luna, Irio Luiz Conti, Francisco Ary
Carnaúba, Gabriela Schafer, Geralda Batista, André da Costa, Liseu Spohr
pelo constante incentivo, convivência e diálogos no decurso desta tarefa.

“A nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços” (LS 1).

“Porque um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus” (LS 8).

“O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social” (LS 48).

Se às vezes uma má compreensão dos nossos princípios nos levou a justificar o abuso da natureza, ou o domínio despótico do ser humano sobre a criação, ou as guerras, a injustiça e a violência, nós, crentes, podemos reconhecer que então fomos infiéis ao tesouro de sabedoria que devíamos guardar” (LS 200).

Papa Francisco

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a ética socioambiental instigada pela Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, que aborda o cuidado da casa comum no contexto hodierno. A Encíclica questiona o modo de vida do ser humano no planeta e contextualiza a situação em que se encontra a criação, com duras críticas ao sistema econômico, político e social que está conduzindo a humanidade a uma espiral de destruição. A abordagem do Sumo Pontífice acolhe dados científicos fornecidos por especialistas que se dedicam a pesquisas sobre os impactos causados pela ação humana no planeta e integra a visão teológica da tradição com as reflexões que fazem parte das pautas das Conferências Episcopais das diversas partes do mundo. A Igreja Católica, de modo especial depois do Vaticano II, vem refletindo sobre a dignidade humana por ocasião dos *sinais dos tempos*, na Doutrina Social da Igreja. A *Laudato Si'* é um marco na reflexão sobre a ecologia no interior da Igreja Católica, que se abre ao diálogo com o mundo em crise sistêmica para construir um novo modelo de vida humana na face da terra.

Palavras-chave: Ecologia. Ética socioambiental. *Laudato Si'*. Papa Francisco. Teologia.

ABSTRACT

This work seeks to reflect on the socio-environmental ethics instigated by Pope Francis' Encyclical *Laudato Si'*, which addresses the care of the common home in today's context. The Encyclical questions the way of life of human beings on the planet and contextualizes the situation in which creation finds itself, with harsh criticisms of the economic, political and social system that is leading humanity into a spiral of destruction. The Supreme Pontiff's approach includes scientific data provided by specialists who are dedicated to research on the impacts caused by human action on the planet and integrates the theological vision of tradition with the reflections that are part of the agendas of Episcopal Conferences from different parts of the world. The Catholic Church, especially after Vatican II, has been reflecting on human dignity on the occasion of the signs of the times, in the Church's Social Doctrine. *Laudato Si'* is a milestone in the reflection on ecology within the Catholic Church, which is open to dialogue with the world in systemic crisis to build a new model of human life on the face of the earth.

Keywords: Ecology. Social and environmental ethics. *Laudato Si'*. Pope Francis. Theology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CDSI - Compêndio da Doutrina Social da Igreja.
- CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano.
- DAp - Documento de *Aparecida*.
- DP - Documento de *Puebla*.
- EG - Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.
- FT – Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.
- GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.
- LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.
- LS - Carta Encíclica *Laudato Si'*.
- QA - Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*.
- SRS – Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 Ecologia integral para o século XXI e os sinais dos tempos	17
1.1 Três paradoxos	19
1.1.1 Paradoxo de uma época em esgotamento	19
1.1.2 Paradoxo da salvação econômica	22
1.1.3 Paradoxo do ‘deus’ dinheiro	25
1.2 Os sinais da <i>Laudato Si’</i>	30
1.3 Leitura socioambiental da <i>Evangelii Gaudium</i> e da <i>Laudato Si’</i>	33
1.4 Elementos basilares de uma ecologia integral	36
2 <i>Laudato Si’</i> e os desafios da construção de uma “Ética Comunitária”	41
2.1 Marcos predecessores	41
2.1.1 Documentos do <i>Conselho Episcopal Latino-Americano</i>	41
2.1.2 Enrique Dussel: “Ética Comunitária”	44
2.1.3 Leonardo Boff: ética e ecologia	49
2.2 <i>Laudato Si’</i>	56
2.2.1 Desafios ético-teológicos emergentes da <i>Laudato Si’</i>	57
2.2.2 Princípios éticos presentes na <i>Laudato Si’</i>	59
2.3 Reflexos e perspectivas a partir da <i>Laudato Si’</i>	61
2.3.1 Enrique Dussel	61
2.3.2 Leonardo Boff	64
3 Francisco depois da <i>Laudato Si’</i>	69
3.1 O “Evangelho da Criação”	70
3.2 O cuidado solidário	76
3.3 Rumo à conversão ecológica	81
3.4 A responsabilidade ética	86

CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa refletir acerca das questões socioambientais, segundo a Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) do Papa Francisco, sobre o cuidado da casa comum. A referida Encíclica, situa-se na Doutrina Social da Igreja e contempla a natureza como criação, dom do plano de amor do Criador, que não abandona sua obra criada e oferece a vida para todas as criaturas. A *Laudato Si'* é um documento importante com abordagem simples e profunda sobre o contexto atual, com uma análise crítica e propositiva, o que permite e facilita analisar e problematizar criticamente o que está acontecendo com a casa comum. Nessa direção é que se insere a presente pesquisa, sob uma perspectiva de esperança, de se perquirir e indagar acerca das questões fulcrais, *dos sinais dos tempos* presentes no século XXI à luz da fé, tendo como horizonte perseguir a construção de um pensamento propositivo, proativo e encorajador, capaz de orientar e conduzir os homens e mulheres de boa vontade na edificação desde o plano terreno, desde o tempo de agora, o Reino de Deus.

No decurso dos últimos séculos sucederam-se rápidas e profundas mudanças na sociedade e no meio ambiente, em um panorama desafiante e controverso. Mesmo que sejam inegáveis os avanços das ciências, da tecnologia e da técnica, também se constata paradoxalmente, uma crescente espiral de destruição causada pela ação humana, que ameaça as diversas formas de vida no planeta. Nesta senda, diante da análise acurada apresentada na *Laudato Si'* acerca da situação atual, evidencia-se que a raiz humana da crise ecológica, contradiz a realidade e danifica as relações vitais do ser humano, que perde o sentido da vida ao adotar um modelo de vida autodestrutivo. Esse contexto é marcado por múltiplas crises de valores éticos, porém na presente investigação tem-se como escopo e foco central de análise a crise socioambiental que atinge toda a humanidade, que requer mudanças no modo de vida do ser humano e urge pelo redesenho de um novo *ethos*.

O modelo de vida do ser humano, sobretudo a partir da época moderna, gerou uma crise social e ambiental que perpassa as dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas e espirituais. Sua origem está no âmago do humano, causada pelo modo desordenado de autoconceber-se, de conceber a vida, e o paradigma de desenvolvimento e “progresso” estatuído, que depreda a natureza, pondo em crise a ética e a moral e se exterioriza na cultura do descartável, do imediatismo e do relativismo. Este modelo de desenvolvimento humano e

social, centrado na noção de progresso, entende a natureza como mera fonte de matéria-prima, disponível para ser explorada e transformada, sob a guia suprema da razão instrumental e pela técnica para satisfazer os desejos humanos. O ser humano, a partir da concepção antropocêntrica assente na racionalidade ordenadora, que visa dispor as coisas e gerir a natureza, passou a dominar e usufruir dos seus bens de modo despótico, olvidando-se do que faz parte dessa natureza e que depende dela para sobreviver na casa comum.

O tecido social da época contemporânea, imbuído pelo espírito tecnocrata tem como pilar central a racionalidade instrumentalizada, que propugnou um modelo de desenvolvimento e de progresso ilimitados, que não contempla a sabedoria inscrita pelo Criador na natureza, como ordenamento para a vida das criaturas. A ciência e a técnica usadas para sustentar o sistema econômico vigente produzem bens descartáveis para satisfazer indivíduos consumistas e desprovidos do sentimento de cuidado com o bem comum. Em decorrência disso, a partir do emergir da pandemia do *Covid-19* evidencia-se um contexto de convivência humana dramático que põe em xeque esse modelo de vida, de produção e de organização vigentes na sociedade atual.

O ser humano ao longo da história, buscou construir saberes e conhecimentos para dominar a natureza. Nesse sentido, a ciência e a técnica alcançaram o máximo de excelência, proporcionando inúmeros avanços e conquistas para a humanidade. Porém, tais avanços não se deram na mesma proporcionalidade em termos de construção de uma convivência equilibrada e harmônica entre a humanidade e a natureza. Nessa perspectiva, conforme leciona o Papa Francisco, ‘tudo está interligado’, visto que a natureza, obra do Criador, possui interconexões entre todas as criaturas e cada ser presente na criação é parte integral do processo da vida do planeta. As relações estabelecidas entre os seres humanos e deles com as demais criaturas coloca-os diante do desafio e da responsabilidade de cuidar e de preservar os bens da criação para que a vida possa acontecer na casa comum. Essa exigência requer que o ser humano esteja atento e aberto para contemplar a obra da criação e respeitá-la enquanto desígnio divino que habita a criação, e que o exorta a construir o Reino de Deus desde o plano terreno.

O tema central desta pesquisa visa abordar e compreender a ética como modo de vida do ser humano na casa comum, em um planeta que demonstra sinais de enfraquecimento da fonte vital. Isso será apresentado de modo sintético por meio dos seguintes paradoxos: uma época em esgotamento, a salvação econômica e o ‘deus’ dinheiro. Nesse intuito, buscar-se-á perquirir o caminho percorrido pelo Papa Francisco, que remonta genealogicamente aos documentos da tradição da Igreja Católica, reposiciona a leitura dos textos Bíblicos sobre a criação e o exemplo de São Francisco de Assis, para propor os traços fundamentais de uma

ecologia integral. A Encíclica convoca os cristãos e os homens e mulheres de boa vontade a se unirem em torno de um projeto comum para defender as causas sociais e ambientais de proteção do bem comum.

Diante desta temática que se pretende investigar, emergem as seguintes questões: Como os problemas sociais e ambientais estão implicados no discurso teológico? Quais os princípios basilares da ética socioambiental na *Laudato Si'*? Como a espiritualidade embasada numa ética da responsabilidade solidária pode ser uma linha mestra e guia na proposta de construção de um mundo mais digno e justo, a fim de que todos tenham vida, e vida em abundância (Cf. Jo 10,10)? Em que medida a perspectiva de uma ética da responsabilidade solidária da comunidade cristã pode proporcionar um engajamento social, político e de fé dos cristãos diante do cenário urbano à da *Laudato Si'*? Como a Igreja, enquanto presença e testemunho vivo da fé em Jesus Cristo possibilita aos cristãos a vivência espiritual, encarnada e transformadora, dialogando com os novos areópagos da *polis* urbana na atualidade?

Neste exercício reflexivo a ser desenvolvido, percorre-se um itinerário que permita facilitar a compreensão do tema, que se divide em três capítulos. No primeiro capítulo faz-se uma incursão sobre a *Laudato Si'*, trazendo presente o contexto marcado pela razão idolátrica do mercado, que diviniza o dinheiro e desumaniza as relações vitais do ser humano com as demais criaturas e com o Criador. O modelo de sociedade idolatrizado é paradoxal e dominador, que perde a sensibilidade para com a vida e faz valer a máxima do lucro como bandeira de desenvolvimento e de progresso. O mercado e a economia ganham vida própria e estabelecem critérios para a vida humana e para as políticas mundiais, nacionais e locais, sem ocupar-se com os pobres e a natureza, mas unicamente com o lucro. A política e a economia culpam-se entre si pelas consequências desastrosas do contexto atual, sem construir um diálogo capaz de reparar seus danos.

O Papa Francisco acompanha as reflexões da Doutrina Social da Igreja e das diversas Conferências Episcopais da Igreja presentes no mundo, trazendo para a discussão as questões sociais e ambientais desenvolvidas nas mesmas. Este trabalho, porém, apresenta a Conferência de Aparecida, que já refletia a questão social e ambiental latino-americana e caribenha com ênfase na evangelização da Amazônia.

O segundo capítulo expõe o posicionamento de dois grandes pensadores latino-americanos que contribuíram com as discussões sobre a ética e as questões socioambientais no continente, a saber: Leonardo Boff e Enrique Dussel. Este estudo apresenta dois textos de cada autor, tendo presente um antes e um depois da *Laudato Si'*. Esta interlocução visa expor o que se pode chamar de germe da Encíclica, ou seja, as sementes que o Cardeal Bergoglio levou ao

Pontificado de Francisco que, contemplando o atual contexto mundial, elaborou a Encíclica *Laudato Si'*. E esta, passa a germinar no espírito da humanidade com a ideia de cuidado da criação na ecologia integral.

Por fim, o terceiro capítulo visa explicitar e contemplar a proposta do Papa Francisco, desde a *Laudato Si'* e suas decorrências, nos pronunciamentos do Santo Padre e em suas explicações sobre a temática da ética e das questões socioambientais a partir da Encíclica. No Evangelho da Criação se dinamiza a reflexão sobre o guardar e o cultivar, sem esquecer o cuidado, a solidariedade e a responsabilidade do ser humano, que é criatura, com toda a criação como condição para a vida humana na casa comum.

Frente ao exposto, a pesquisa visa compreender sobre a ética socioambiental na Encíclica *Laudato Si'*, em uma análise crítica, em vista de explicitar as implicações desta Encíclica na vida do mundo e da Igreja, como dinamismo da fé e da esperança de mudanças no modelo de vida do ser humano. Além disso, almeja aprofundar a crítica teológica elaborada pelo Papa Francisco ao sistema idólatrico da sociedade hodierna, em vista da construção de um novo paradigma socioambiental enquanto esfera definidora do humano e da humanidade.

Segundo Francisco, “a esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (LS 61). A saída que desenvolvemos neste trabalho imbrica o dinamismo da fé que possibilita convergir em direção a algo, a conversão, a mudança oferecida pelo Criador a toda criatura e de modo especial ao ser humano, visto que o atual sistema mundial deixou de pensar na finalidade das ações humanas (Cf. LS 61). No decorrer dessa pesquisa, questionamo-nos sobre as motivações e finalidades das ações humanas e acerca do modelo de vida humana no conjunto da criação, isto é, como a vida humana age e interage com as demais criaturas e formas de vidas presentes na Mãe-Terra (Gaia).

O convite expresso ao longo da *Laudato Si'* motiva-nos e insere-nos em uma dinâmica capaz de vislumbrar saídas para as crises da humanidade, indagando sobre o modelo de vida pessoal e comunitário vigente enquanto dado basilar que possibilita desenvolver um novo paradigma de relação entre a criatura humana e as demais criaturas e seres existentes na criação; conforme exorta-nos Francisco, a direção deve voltar-se para um olhar que permita a atitude de esperar: “nem tudo está perdido, porque se os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhes seja imposto” (LS 205). Esta afirmação motiva-nos a aprofundar esta reflexão a fim de perceber as possibilidades oferecidas pela teologia, na direção de um novo modo de vida

no contexto atual, para reabilitar e guardar o bem comum respeitando e contemplando a vida, para que haja vida, mas vida em abundância.

1 Ecologia integral para o século XXI e os sinais dos tempos

Neste capítulo nos propomos realizar uma incursão sobre a Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, publicada no ano de 2015. Buscamos compreender, a partir da reconstrução conceitual, o que está acontecendo com o mundo hodierno à luz do referido documento papal. Conforme a Encíclica, nos últimos dois séculos o ser humano avança no conhecimento científico e tecnológico e aumenta de forma desenfreada o consumo de matéria-prima extraída da natureza. A natureza, por sua vez, vem apresentando sinais de esgotamento e, conseqüentemente, o impacto ambiental reflete em prejuízo à vida no planeta. O ser humano, fascinado com as obras de suas mãos, perde a sensibilidade com as outras criaturas, com a terra, com o Criador e passa a adorar as obras de suas mãos. A idolatria do mercado globalizado, que mantém o poder econômico, domina a ciência, a técnica e o próprio ser humano.

No primeiro capítulo da *Laudato Si'* o Papa Francisco explicita de forma contundente “o que está acontecendo com nossa casa comum”. Para tanto, usa o método indutivo, por meio do qual descreve a atual crise social e ambiental, com dados coletados de pesquisas científicas publicadas. Nessa senda, o pontífice deixa-se tocar pela realidade para dar uma base concreta, a partir da qual e dos sinais dos tempos nela presentes, desenha o percurso ético e espiritual a ser seguido.

A leitura que Francisco faz expõe a desigualdade planetária, a deterioração da vida humana e os impactos ambientais das atividades humanas, revelando a cultura do descarté, a crise hídrica, a emissão de gases e a ameaça à biodiversidade. Aponta, ainda, que a ecologia superficial incorpora um comportamento evasivo para manter o estilo de vida reinante na sociedade civil organizada, em boa medida, estabelecida sob o imperativo de produção e consumo. E, reconhece que, existem boas práticas sustentáveis em andamento, que confirmam a capacidade do ser humano de intervir de forma positiva, proativa e responsável na natureza.

O meio ambiente, com sua exuberante beleza, reflete ao brilho do sol e das estrelas a serenidade de uma expressão viva e harmoniosa com o ritmo marcado pela claridade e pela escuridão. No decorrer do dia, a terra exhibe a vibrante alegria da diversidade de cores e paisagens que se perdem da visão humana na complexidade da existência. À noite, tudo esconde na escuridão, porém sua vibração e intensidade não cessam de processar a misteriosa ação vital do seu esplendor. A natureza louva o Criador e exala um ar de generosidade, de esperança, de solidariedade e a alegria da vida. Os gestos de generosidade, cuidado e solidariedade dão base

ao caminho a ser seguido, com boas práticas de intervenção que ocorrem entre os humanos e o meio ambiente.

O Papa Francisco reflete e discorre, na *Laudato Si'*, sobre a crise socioambiental hodierna, que tem as raízes humanas com a crise do antropocentrismo tecnocrático e consumista em plena ascensão no século XXI. Um olhar sensível sobre a realidade enxerga o que está acontecendo ao seu redor e constata que tem pessoas morando nas ruas dos grandes centros urbanos, em casebres das periferias, retirando da lixeira o seu alimento e materiais para usar ou reciclar. Nas ruas dos grandes centros urbanos encontram-se pessoas que andam de um lado para o outro num ritmo frenético, ou nas filas onde cada um espera a sua vez para ser atendido. Constata-se essa realidade nos caixas das lojas, dos bancos, dos supermercados e nos hospitais para acessar os recursos da medicina a fim de solucionar os seus problemas de saúde, ou para se dirigir ao trabalho ou para realizar seus negócios: comprar e vender.

Nesta direção, acentua Francisco:

Quantas vezes vemos os pobres nas lixeiras a catar o descarte e o supérfluo, a fim de encontrar algo para se alimentar ou vestir! Tendo-se tornado, eles próprios, parte duma lixeira humana, são tratados como lixo, sem que isto provoque qualquer sentido de culpa em quantos são cúmplices deste escândalo. Aos pobres, frequentemente considerados parasitas da sociedade, não se lhes perdoa sequer a sua pobreza. A condenação está sempre pronta. Não se podem permitir sequer o medo ou o desânimo: simplesmente porque pobres, serão tidos por ameaçadores ou incapazes.¹

A crise moderna e o estado de coisas que ele encerra é a possibilidade de superar o que levou até esse patamar ‘civilizacional’ e “habita em sua profundidade uma dimensão de abertura, de profunda positividade a ser fecundamente explorada”², para um futuro mais harmônico entre as diversificadas formas de vida que coabitam o cosmos, para um ambiente de convívio melhor. O olhar crítico da profundidade da crise pela qual o mundo passa, revela a nossa compreensão, o seu funcionamento e a sua lógica ambiental e social própria de cada lugar. A família humana está envolvida neste contexto, se empenha para garanti-lo, ou para transformá-lo. O paradoxo de uma época em esgotamento reflete os aspectos da crise socioambiental tecnocrática sob o olhar da idolatria do mercado e da religião³.

¹ FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres*.

² SOUZA, *Ética*, p. 32.

³ Cf. ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 253.

Vivemos numa época de esgotamento que abala a natureza e a humanidade, com forças sombrias que impulsionam a vida humana para sua autodestruição e para a morte. A sociedade atual, alicerçada num modelo de desenvolvimento considerado ilimitado, vive do sangue dos seres humanos, dos animais, das plantas e da terra. As ações de destruição da vida do planeta são realizadas pelo próprio ser humano, que se torna algoz de si mesmo. Nesse movimento desastroso da humanidade, são perceptíveis os rastros de sofrimento, de dor e de pobreza aliados à destruição da casa comum, dos ecossistemas e da diversidade da vida.

1.1 Três paradoxos

Os paradoxos⁴ que iremos desenvolver neste trabalho são: uma época em esgotamento, a salvação econômica e o ‘deus’ dinheiro.

1.1.1 Paradoxo de uma época em esgotamento

O ser humano, firmado sob um prisma antropocêntrico, que cultiva a ganância e o egoísmo, usa a técnica e a ciência para explorar e lucrar a todo custo. O mercado é a nova divindade, apresentando-se como a realidade total. O que e quem não está no mercado, não existe⁵, assim como, o que não está na rede mundial de computadores, ‘não existe’. Será que a idolatria do mercado e da religião são responsáveis pela crise socioambiental? A fé cristã pode iluminar os caminhos para a vida hodierna, nesse clima sombrio?

A crise do meio ambiente inquieta toda a humanidade e, de modo especial, as ciências e as religiões, que por diferentes abordagens da realidade, podem construir um diálogo na busca por relações equitativas e garantir a continuação da vida na nossa casa comum. A terra, ameaçada pelo modo de vida do ser humano, que explora os recursos minerais, vegetais e animais, a fragiliza ao ponto de não conseguir recuperar o que perdeu e colocar em risco as diversas formas de vida. Esta situação atinge toda a humanidade, ruindo estruturas e esquemas mentais que sustentam, até então, um domínio da realidade social e ambiental. O cultivo da

⁴ A etimologia da palavra paradoxo significa: “contrário à opinião (δόξα), isto é, contrário à opinião recebida e comum. Cicero (De fin., IV, 74) escreve: *Haec παράδοξα illi, admirabilia dicamus*, "O que eles [os gregos] chamam de παράδοξα, chamamos 'coisas que maravilham'". Na verdade, o paradoxo maravilha, porque propõe algo que parece surpreendente que possa ser como se diz ser". MORA, *Dicionário*, II, p. 365. Segundo Mora, podemos verificar que paradoxo significa “contrário à opinião”, isto é, “contrário à opinião adquirida e comum”.

⁵ Cf. BOFF, *Ecologia*, p. 126.

esperança entusiasmo o pensamento criativo, que permite novas visões sistêmicas para enfrentar a crise. Segundo Boff: “A crise é criativa e o sofrimento faz pensar”⁶.

O objetivo principal do ser humano no contexto atual é conquistar maior lucro⁷. “O desejo do lucro é maior do que o temor da ameaça da morte”⁸. O esgotamento da humanidade na época atual atinge todas as suas dimensões com características necróticas. As evidências de tal mentalidade, podem ser observadas a partir da destruição da terra, da pobreza e da degradação dos valores éticos da humanidade. O modelo de sociedade embasado no mercado, na competição, no consumo, no poder econômico e na dominação, revela que o ser humano é a espécie de maior potencial destrutivo, capaz de degradar a si próprio, a terra e tudo o que ela contém. A verdadeira face do humano se revela em tempos difíceis e, de modo especial, na pandemia, nos desastres e nas catástrofes ecológicas, quando negocia para lucrar até com a morte, mesmo se for para enterrar os mortos. Vejamos o que nos exorta a *Laudato Si'* 48:

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta: Tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres. [...] O impacto dos desequilíbrios atuais manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais.

As teses centrais que alicerçam esta noção de poder econômico tecnocrático vigente visam lucro e não se preocupam, nem se ocupam com os desequilíbrios que causam na natureza e no ser humano. Os problemas socioeconômicos da maioria da humanidade aprofundam a crise ecológica e humana com a pobreza, a vulnerabilidade, os descartados⁹ e os que são sacrificados

⁶ BOFF, *Ecologia*, p. 9.

⁷ Segundo Leonardo Boff, a ética do sistema capitalista afirma que o “bom é o que permite acumular mais com menos investimento e em menos tempo possível. A moral capitalista concreta reza: empregar menos gente possível, pagar menos salários e impostos e explorar melhor a natureza para acumular mais meios de vida e riqueza”. Cf. BOFF, *Ética e moral*, p. 41.

⁸ COMBLIN, *A vida*, p. 54.

⁹ No segundo capítulo da obra: “Vidas desperdiçadas”, Zygmunt Bauman discorre sobre a temática: “Serão eles demasiados? Ou o refúgio da globalização”. Conforme o autor: “A “população excedente” é mais uma variedade de refúgio humano”. BAUMAN, *Vidas desperdiçadas*, p. 53. Os excluídos são o excedente do progresso econômico e vítimas do projeto de construção da ordem social vigente. Os sobreviventes do desmonte promovido pela modernidade não podem ser consertados, ou ainda, não são necessários para o bom funcionamento da sociedade,

(mortos)¹⁰. As estruturas perversas que garantem o domínio disfarçam os problemas e ocultam os sintomas. Tal poder procura reduzir alguns impactos negativos para explorar ainda mais a terra, com um modelo de produção altamente poluente e tóxico, controlado pela ciência e pela técnica¹¹. A terra e o que ela contém, são utilizados como mercadorias e dispostos ao prazer do ser humano. Na *Laudato Si'* 190, encontramos:

Neste contexto, sempre se deve recordar que a proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente. [...] Dentro do esquema do ganho não há lugar para pensar nos ritmos da natureza, nos seus tempos de degradação e regeneração, e na complexidade dos ecossistemas que podem ser gravemente alterados pela intervenção humana. Além disso, quando se fala de biodiversidade, no máximo pensa-se nela como um reservatório de recursos econômicos que poderia ser explorado, mas não se considera seriamente o valor real das coisas, o seu significado para as pessoas e as culturas, os interesses e as necessidades dos pobres.

A idolatria¹² do mercado, acelera a exploração dos bens naturais e reflete diretamente na subjetividade do ser humano, que vive a crise de sentido para a vida. Os referenciais usados na construção de sentido emergem do contexto fragmentado das ciências e da técnica, que são aplicadas para a solução instantânea dos problemas. Além de exaltar o individualismo que torna o sujeito independente e isolado, a idolatria do mercado¹³ apresenta o caminho da felicidade e do bem-estar, consigo mesmo, sem necessitar estabelecer relação com o outro.

que necessita somente uma quantidade reduzida deles para compor os novos mecanismos de trabalho, em geral mais dinâmicos e menos robustos. Cf. BAUMAN, *Vidas desperdiçadas*, p. 53-56.

¹⁰ Segundo BAUMAN, na obra *Vida para consumo*, aduz que: “Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. [...] A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a *transformação dos consumidores em mercadorias*; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias...”, BAUMAN, *Vida para consumo*, p. 20. Para essa sociedade, quem não consome não existe e está morto.

¹¹ Para Francisco, a técnica dificilmente vai se questionar e limitar o seu poder, sem uma postura ética, ainda mais, ao se unir com a economia e atrelada a uma política antropocêntrica, que pensa somente no lucro sem se importar com os valores humanos (Cf., LS 136).

¹² Segundo Ricardo Timm de Souza, o antídoto da possibilidade do surgimento da idolatria é o tempo real, que autoriza o cultivo de todos os contravenenos ao narcisismo tanático, pois engendra a verdade relacional. “É o tempo que permite que a realidade não se cristalice e ofereça à idolatria um campo de cultivo.” SOUZA, *Crítica da razão idólatrica*, p. 160.

¹³ A idolatria do mercado “representa uma profunda perversão do cristianismo”. ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 199.

Hoje vivemos, por tudo o que ficou dito, um tempo de acirrada "luta dos deuses" e de incrível produção de ídolos. É inegável que o capitalismo, definitivamente transnacionalizado e em crise de "governabilidade", invoca seus fetiches com um culto idolátrico cada vez indisfarçado.¹⁴

As falsas seguranças de felicidade e de gozo vividas pelo sujeito isolado, não passam de ficção e ilusão, mas lhe permite negociar tudo, até a própria vida. Isto será abordado em seguida. Também a paradoxal condição de luta incessante pela salvação econômica, que está sedimentada sob uma dimensão unidimensional, a primazia do econômico, sem atentar para os riscos que tal processo de idolatrização acarreta na convivência humana, tanto para as gerações presentes, quanto para as vindouras.

1.1.2 Paradoxo da salvação econômica

A idolatria¹⁵, segundo Hugo Assmann e Franz J. Hinkelammert, é a manipulação de símbolos religiosos “para criar sujeições, legitimar opressões e apoiar poderes dominadores na organização do convívio humano”¹⁶. A racionalidade econômica confisca e utiliza as formas essenciais da religião para a autorregulação dos mecanismos de domínio. Para Assmann e Hinkelammert, esta “racionalidade econômica “sequestrou” e funcionaliza aspectos essenciais do cristianismo”¹⁷, para alimentar uma ideologia sacrificial de autorregulação dos mecanismos de mercado. Essa idolatria econômica se alimenta de uma ideologia sacrificial e, além de sacrificar vidas humanas, destrói a natureza.

Leonardo Boff assevera:

O sistema hoje imperante, aquele do capital, bem como seu concorrente histórico (hoje em decomposição em vastas partes do mundo), o socialismo, elaboraram

¹⁴ ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 411.

¹⁵ Segundo SOUZA, *Crítica*, p. 11, o nosso tempo é marcado “[...] entre as infinitas características que se multiplicam na vida contemporânea, muitos dos seus analistas excitados parecem descurar a principal. *Vivemos a era por excelência da idolatria*, no sentido consagrado por Flusser: ‘*Idolatria: incapacidade de decifrar os significados da ideia, não obstante a capacidade de lê-la, portanto, adoração da imagem*’”.

¹⁶ ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 7.

¹⁷ ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 7.

métodos próprios de construção coletiva da subjetividade humana. Na verdade, os sistemas, também religiosos e ideológicos, somente se mantêm porque conseguem penetrar na mente das pessoas e construí-las por dentro. O sistema do capital e do mercado conseguiu penetrar em todos os poros da subjetividade pessoal e coletiva, conseguiu determinar o modo de viver, de elaborar as emoções, de relacionar-se com os outros próximos, com os distantes, com o amor e a amizade, com a vida e com a morte.¹⁸

Os sistemas de mercado produzem socialmente o indivíduo com as virtudes que lhes convém para reforçá-los e sustentá-los. Segundo Boff, os valores culturais e ideológicos são adaptados e desenvolvidos pelo sistema de mercado¹⁹. Os indivíduos são impulsionados a consumir mais do que realmente necessitam, numa cultura do descarte, numa espécie de usa e joga fora. Segundo Boff, o sistema não reprime os impulsos naturais do ser humano, mas incentiva alguns de forma controlada e recalca outros como a sexualidade, que é reduzida ao intercâmbio dos órgãos genitais sem sentimentos. Além destas formas de controle e reprodução do sistema, Boff afirma que:

Na era tecnológica verifica-se na psique a invasão por objetos inanimados, sem referência humana nenhuma; os artefatos criam solidão; os dados da informática e do computador vêm destituídos de tonalidade afetiva. Gera-se o individualismo com personalidades áridas, emotivamente fragmentadas, hostis e antissociais. Os outros são vividos como estranhos e empecilhos à satisfação dos desejos individuais. Oculta-se a outra necessidade fundamental do ser humano que é a necessidade de ser, de elaborar a sua identidade singular.²⁰

O poder econômico, segundo Francisco, justifica o sistema que lhe dá sustentação, garante a especulação financeira sem se importar com os efeitos que atingem a dignidade humana e o meio ambiente (Cf. LS 56). A degradação ambiental, humana e ética se associa aos que dizem não ter consciência de realizar ações imorais, pois vivem a condição de constante distração e desencoraja outros a advertir a realidade dum mundo que é limitado e finito. Assim, os interesses do mercado se divinizam e se transformam em regra absoluta, diante da fragilidade do meio ambiente e dos pobres indefesos e vulneráveis, que ficam à mercê deste absoluto (Cf. LS 64).

¹⁸ BOFF, *Ecologia*, p. 38.

¹⁹ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 45.

²⁰ BOFF, *Ecologia*, p. 38-39.

Segundo Assmann e Hinkelammert, o sistema idolátrico do mercado é uma ficção e seus dogmas continuam intocados e difundidos como doutrina que tem valor universal. O seu evangelho é pregado como facilitador da melhor convivência e interação humana. Suas pretensões salvíficas são usufruídas nos países ricos, enquanto os mais afetados são os países economicamente pobres, menos desenvolvidos, e dependentes dos países ricos, que padecem com a pobreza²¹. Nessa direção os pensadores supramencionados, se posicionam diante deste problema:

A simples colocação desse problema nos sugere, de imediato, que o discurso sobre o "lugar econômico" da fé não pode ser reduzido às dimensões limitadas da inserção individual na economia, embora este aspecto também mereça muita consideração. Trata-se de um desafio aos cristãos, às Igrejas e ao cristianismo em sua globalidade enquanto afeta a própria identidade e credibilidade da mensagem cristã. Nessa perspectiva ampla, provavelmente não há nenhum exagero em afirmar que o futuro do cristianismo se verá afetado, positiva ou negativamente, pela capacidade que os cristãos e as Igrejas revelarem (ou não revelarem) de opor-se ao império da idolatria consubstanciado na religião econômica.²²

A economia assume vida própria, controla a sociedade, as instituições e dita o modelo de relação entre os indivíduos e a natureza, e jamais deixa de ser uma atividade política. A idolatria da economia se apoia numa cruel espiritualidade que sacrifica vidas humanas, legitimada pelas raízes econômicas da idolatria, os falsos deuses criados pela mesma e alimentados por um radicalismo teológico²³.

Para a Teologia da Libertação, a "fala sobre Deus", de acordo com as fontes bíblicas, sempre é historicamente determinada, isto é, corresponde, em suas variações, às diferentes posições dos homens em relação a si mesmos e seus semelhantes enquanto afetados por necessidades e problemas concretos na história. Por isso, as "falas sobre Deus", na Bíblia, são discernidas (pelos profetas, por Jesus etc.) segundo as opções históricas daqueles que emitem essas "falas". E acrescenta-se, imediatamente, que não

²¹ Cf. ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 429.

²² ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 430.

²³ Para elucidar a diferença entre o teólogo conservador e o teólogo da libertação ASSMANN e HINKELAMMERT apresentam um dito que se escuta na América Latina: "Uma diferença básica entre um teólogo conservador e um teólogo da Libertação consiste no fato de que o teólogo: conservador busca exorcizar demônios, enquanto o da Libertação busca exorcizar falsos deuses. O conservador está aferrado a um tipo de deus e por isso, está preocupado com o *ateísmo*. O teólogo da Libertação, por isso mesmo e também por razões políticas e econômicas, está mais preocupado com a *idolatria*." ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 58. Com este dito se evidencia a compreensão que os teólogos fazem da realidade, a partir do ponto onde apoiam os seus pés.

todas essas "falas sobre Deus" merecem igual aceitação. Os deuses que se nomeiam para oprimir chamam-se ídolos. A eles se contrapõe o Deus que liberta, o Deus da Vida.²⁴

A idolatria do mercado, segundo Asmann e Hinkelammert, advém da sua afirmação como caminho do bem absoluto da humanidade, que combate o mal até eliminar todas as forças que lhe fazem oposição. “O próprio mercado se transforma num altar sacrificial e a vida nele é um ato religioso”²⁵. O seu deus é o dinheiro, a sua lei é o capital e a salvação é a satisfação aqui e agora para o indivíduo, mesmo que para isso ocorra destruição e morte. A alegria do homem é cumprir esta lei para obter o bem-estar do corpo e as sensações agradáveis. Abdicar do direito de viver e oferecer sua vida toda em sacrifício, eis o valor maior. Embora a terra e a humanidade pereçam, a promessa feita pelo mercado é de total salvação expressa pelo milênio do apocalipse e do poder econômico, em que o indivíduo bem-sucedido conquista o que deseja, aqui e agora, lógica na qual a suprema busca direciona-se ao deus dinheiro, ou seja, Deus não morreu, mas tornou-se o dinheiro²⁶, na doce ilusão de que tudo é quantificável, adquirível e, em última instância, comprável, mensurável por meio de uma entidade sacralizada²⁷ e posta a serviço dos interesses individuais, conforme veremos a seguir.

1.1.3 Paradoxo do ‘deus’ dinheiro

O paradoxo do ‘deus’ dinheiro²⁸ criado pelo homem, perpassa toda a história da humanidade configurando-se a um modo de vida e, nos últimos séculos, ultrapassou a capacidade de regeneração da terra danificando as fontes da vida. Os pobres e a terra se manifestam clamando pela vida na história da humanidade que, vira as costas para este clamor. Os pobres asfíxiados pelas misérias vividas não têm força para transformar a realidade de sofrimento do contexto atual, porém a natureza se manifesta com clamor implacável e sinaliza uma condicional: ou a humanidade muda e transforma o seu modo de vida para continuar sua existência na face da terra, ou permanece como está e extingue a sua vida terrena. A terra e os

²⁴ ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 59.

²⁵ ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 106.

²⁶ Cf. SALVÀ, *Deus não morreu*.

²⁷ Cf. AGAMBEN, *Profanações*, p. 8.

²⁸ “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro” (Mt 6,24).

pobres clamam por mudanças urgentes e, a partir disso, forja a nova humanidade, um novo mundo, no qual não cabem mais os sistemas idolátricos e sanguinários vigentes, que regem a vida humana na face da terra.

Segundo Jung Mo Sung, a “idolatria não é algo unívoco, mas comporta várias possíveis interpretações”²⁹. A crítica teológica do novo mito do capitalismo, a idolatria do dinheiro, é entendida por Jung Mo Sung como uma versão moderna do bezerro de ouro e expressão de uma economia que mata. A economia deixou de ser meio para a vida humana e passou a ser um fim em si mesma, “[...] e rebaixou o ser humano a um instrumento, meio, para acumulação econômica”³⁰. Nessa perspectiva, na esteira do autor supramencionado, no contexto atual, a crítica contra a “idolatria do dinheiro” ou a “idolatria do lucro” visualiza o ídolo, “o dinheiro” e, assim contrapõe de certa forma à expectativa que passou a existir da compreensão da idolatria como adoração de imagens. “Antigamente, a idolatria consistia em adoração de imagens visíveis de deuses ou de santos; hoje, consistiria na adoração de uma outra coisa visível: dinheiro”³¹. Isso lhe dá vantagens ao trabalhar com a ideia conhecida por todos: o lucro. “É uma visão que identifica o ídolo a uma coisa e a idolatria à absolutização dessa coisa”³². A idolatria é a absolutização da coisa, que em si não tem nenhum poder.

O tema da idolatria já faz parte do discurso religioso e teológico das nossas comunidades. Há tempo superamos uma visão ingênua da idolatria que a identificava com a adoração de imagens religiosas. Idolatria é a adoração de um deus, obra de mãos humanas (Is 44,12-17; Jr 16,20 e outros), que coloca o sofrimento, a opressão e a morte como o único caminho para a salvação. É o deus que exige sacrifício dos pobres, o seu “sangue”, para poder viver e crescer. O ídolo não é nada, não salva e não é capaz de ouvir os clamores dos pobres. Seu único fruto é a morte dos pobres e fracos. Mas, para aqueles que o adoram, o ídolo é Deus e o sofrimento/morte é o caminho da salvação.³³

Ao falar sobre religião, Oliveira observa que, se acentua a compreensão da religião como espaço de articulação do sentido da vida, seus símbolos e significados produzidos institucionalmente, ou livremente buscados pelos indivíduos em múltiplos percursos e níveis.

²⁹ SUNG, Jung Mo. *Idolatria do dinheiro*, p.146.

³⁰ SUNG, *Idolatria do dinheiro*, p. 155.

³¹ SUNG, *Deus é ídolo na economia*, p. 15-20.

³² SUNG, *Deus é ídolo na economia*, p. 15-20.

³³ SUNG, *Deus é ídolo na economia*, p. 15-20

E, citando J. Rawls, aduz: a religião é uma “doutrina compreensiva”, ou seja, uma visão da totalidade do mundo, ainda que planejada fora dos limites da religião. E por outro lado, o “renascimento da religião” que ocorre de modo especial pela revitalização política nos Estados Unidos, que evidencia uma ambiguidade do fenômeno religioso, que parece suscitar interesse na sociedade pós-metafísica e pós-religiosa, interpretada como consolação diante dos males e carências da vida humana. A religião é vista sem sentido diante do saber científico e do progresso técnico que rompe com a tradição metafísica e teológica. Assim, a religião está situada na esfera das preferências subjetivas individuais, sem necessitar da justificação racional³⁴.

A religião das Igrejas deixa de ser o caminho basilar das experiências religiosas, pois surge no mundo hodierno a “religião econômica”, com ritos sacramentais dinâmicos que operam no âmago das experiências devocionais e das emoções, sem necessariamente se apresentar como religião. O deus desta religião abomina se exhibir, mas está ativo, poderoso e providencial em tudo o que se alude à economia³⁵. A espiral do desenvolvimento deste modelo de religião adota as mudanças sociais, políticas, econômicas e intelectuais pelas quais é envolvida num processo agrilhado.

Segundo Boff, “no capitalismo tudo vira mercadoria, coisa que dá dinheiro”³⁶, entre elas a religião e a mística, que podem ser compradas, como se compram os alimentos. Toda atividade humana e sua produção são mediadas e medidas em valor econômico e, por isso, a exploração maior recai sobre os mais pobres. Este modelo de organização socioeconômico apresenta a realidade como se esta estivesse sem forma e disponível para o sujeito manipular. Mas a realidade é muito maior do que a razão e não se deixa aprisionar pela vontade do conhecimento dominador³⁷. A experiência respeitosa da realidade na vida e no sagrado conduz ao cerne da religião e ao mistério experimentado pelo místico.

No monoteísmo, a idolatria da religião³⁸ é a denúncia de toda tentativa de manipulação, ou desvio do ‘Deus’ único, ‘Um’. Segundo Walter Kasper, no Antigo Testamento, o conceito

³⁴ Cf. OLIVEIRA, *A religião na sociedade*, p. 6.

³⁵ Cf. ASSMANN; HINKELAMMERT, *A idolatria*, p. 177.

³⁶ BOFF, *Ecologia*, p. 112.

³⁷ Cf. BOFF, *Ecologia*, p. 146.

³⁸ Segundo, Russel Normann Champlin, “A idolatria em Israel surgiu não porque a adoração a Yahweh se desenvolveu com base em cultos pagãos, mediante um processo de evolução religiosa, mas porque o povo de Israel resistia ao conhecimento e à adoração de Deus, inclinando-se por aceitar costumes religiosos dos povos ao redor. A idolatria geralmente origina-se do impulso humano de buscar objetos visíveis de adoração. No Sinai, enquanto Moisés recebia os mandamentos, Israel construía um desses objetos de culto idólatra, o bezerro de ouro. - A história subsequente de Israel pode ser vista como um conflito entre a adoração prescrita. Que nunca foi totalmente

de idolatria é a adoração de outros deuses, ao lado ou no lugar de um só Deus. Sua designação como ídolos deixa claro que eles devem ser despojados de sua dignidade divina. O nome dado para identificar os diversos deuses é ídolo, termo com conotação depreciativa, com vasta pluralidade de denominações sarcásticas presentes nos textos sagrados³⁹. A idolatria é a consequência da adoração e do culto prestado ao ídolo⁴⁰, o qual por si só não diz nada e não tem poder algum em si.

Quando a lógica do mercado é aplicada à religião, Deus torna-se produto comercializado nos templos modernos, que são os supermercados, os *shoppings centers*, e a bênção é o sucesso econômico do indivíduo. Essa religião não cuida do bem comum, da solidariedade, da fraternidade, mas da venda do seu produto. Na prateleira do mercado religioso encontramos a doutrina do sucesso, do enriquecimento, do ‘milagre’, da fé individual que cultiva os sentimentos do bem-estar pessoal, do gozo e da bênção como sinônimos de riqueza e prosperidade.

Numa palavra, sem referência ao Absoluto, o ser humano está, em princípio, ameaçado de ser esmagado por finitudes que se absolutiza, como é o caso das configurações institucionais de sociedades como as nossas, voltadas fundamentalmente para a produção e o consumo, o que conduziu à marginalização de dois terços do mundo. Nesse contexto, o mercado mundial frequentemente emerge como algo absoluto a que as pessoas e todos os valores estão subordinados. “Somente a ligação a algo infinito proporciona liberdade em relação a tudo que é finito”, portanto, destrói a idolatria das estruturas concretas de violência.⁴¹

O paradoxo do ‘deus’ dinheiro está relacionado com o que causa morte e destruição, que exige uma reflexão profunda e iluminadora sobre a ação e a relação do ser humano com Deus, com a natureza e com o próximo. A crítica à idolatria do mercado e da religião identifica

abandonada, e os cultos idólatras que constantemente ameaçavam introduzir-se. Isso produziu períodos de declínio espiritual e períodos de reforma religiosa. Juízes, reis e profetas empenharam-se no combate à tendência idólatra. Os reis maus abandonavam a adoração a Yahweh, aceitando algum culto estrangeiro. Israel perdeu essa tendência à idolatria após o exílio babilônico”. CHAMPLIN, *Enciclopédia da Bíblia*, p. 57

³⁹ Cf. KASPER, *Dicionário enciclopédico*, p. 793. (Tradução livre do autor)

⁴⁰ No dicionário de vocabulários teológicos para a América Latina encontramos uma distinção entre imagem e ídolo. “As imagens sempre estiveram ligadas ao culto religioso. E a razão é evidente. Ninguém viu nem pode ver Deus. Assim, só podemos falar de seu mistério por meio de símbolos e imagens. [...] A noção de imagem também é diferente da noção de ídolo. O ídolo representa sempre um termo final da veneração, ao passo que a imagem sempre se refere a outro. O ídolo é absoluto e opaco, ao passo que a imagem é relativa e transparente”. IDÍGORAS, *Vocabulário teológico*, p. 237

⁴¹ OLIVEIRA, *A religião na sociedade*, p. 183.

caminhos para iluminar a complexa crise ecológica e humana. Os caminhos são diversos e não provêm de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. Urge recorrer às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade em vista da construção de novos caminhos (Cf. LS 63).

A mudança de época se caracteriza pela crise de horizonte da humanidade, que esgota a vida do ser humano, da natureza e prenuncia o fenecer da vida na casa comum. Além de deteriorar o meio ambiente pelo modo de vida dominador do outro e da natureza, degenera a ética, a cultura e impregna na subjetividade o consumismo exagerado e seletivo. O ser humano consumista usa, além do necessário para a vida acontecer em nome do seu bem-estar e da sua felicidade, que consistem na aquisição das coisas oferecidas pelo mercado que a todo instante apresenta novos produtos para a realização do indivíduo.

A idolatria do mercado serve aos critérios de articulação do sistema econômico e político, que adotam elementos teológicos e morais criando deuses domesticados e funcionais. A idolatria é o que o ser humano cria e passa a adorar. Os instrumentos que permitem que a lógica idolátrica funcione perfeitamente e se perpetue são a razão, a ciência e a tecnologia, que desviadas da sua função primeira de servir a vida, passam a explorá-la e destruí-la. Isso tudo gira em torno dos interesses econômicos de poder com o anseio de dominar. O mercado elabora e absolutiza suas leis, submetendo o ser humano e a natureza aos seus ídolos.

O Papa Francisco, na Encíclica *Lumen Fidei*, pontua que a idolatria é o contrário da fé e não oferece um caminho, mas um labirinto sem meta certa com multiplicidade de veredas. “Em vez da fé em Deus, prefere-se adorar o ídolo, cujo rosto se pode fixar e cuja origem é conhecida, porque foi feito por nós” (LF 13). A natureza da fé pede que se renuncie à posse imediata do que é oferecido pela visão para se abrir à fonte da luz. O “ídolo é um pretexto para se colocar a si mesmo no centro da realidade e adorar a obra das próprias mãos” (LF 13). Desta forma, o ser humano perde a orientação fundamental que dá unidade à sua existência (Cf. LF 13).

Conforme a *Evangelii Gaudium* as causas da situação atual estão na crise antropológica e na relação estabelecida com o dinheiro, que domina o ser humano e a sociedade. A versão cruel do bezerro de ouro (Cf. Ex 32,1-35), sustenta Francisco, se dá “no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano” (EG 55). A crise afeta o âmago da casa comum com alterações climáticas, perda da biodiversidade e destruição de espécies de animais e vegetais fundamentais para o equilíbrio planetário. A crise humanitária é perceptível nas relações de exploração entre as pessoas, nos moradores de rua,

nos milhões de famintos e nas instâncias de poder econômico e político, ocupados por pessoas despreocupadas com a morte dos seus semelhantes por falta de condições mínimas para a vida.

A reflexão do movimento temporal a partir dos acontecimentos não pode prender-se ao estático, mas fazer experiências no tempo: o pensar se faz no movimento. A dimensão vital se dá na temporalidade e esta é a condição de todo pensar. O despertar da razão se torna uma via para o ser humano integral construir um novo *ethos* planetário no qual a fé, a razão sensível, a solidariedade e a justiça possibilitem de forma equitativa a vida para todos: tanto dos seres humanos, quanto das demais formas de vida e ecossistemas presentes no planeta.

1.2 Os sinais da *Laudato Si'*

Os sinais da *Laudato Si'* apontam para mudanças profundas nos modelos de pensamento (Cf. LS 215), no estilo de vida da humanidade, que engloba a forma de produção, de consumo e as estruturas de poder vigentes na sociedade moderna (Cf. LS 5). Estas mudanças sinalizam para uma nova concepção do humano e da terra, que leve em conta o ambiente inteiro. A terra sobrevive sem o ser humano, mas o ser humano não sobrevive sem as outras criaturas e sem a terra.

Os bens da criação são para todos os humanos, para as outras criaturas e para a própria terra, que no seu processo contínuo de regeneração absorve os elementos necessários para tal processo. A consciência racional, faculdade que só o ser humano possui, deve ser usada cientificamente para moderar o consumo dos recursos não renováveis e reutilizar, reciclar o que descarta.

O ponto central da construção teórica e prática acerca da ecologia, na Encíclica *Laudato Si'*, consiste na rede de relações que perpassa todos os seres, liga e religa todas as ordens, tudo está em relação e nada existe fora da relação. As coisas em relação se entrelaçam para existir, subsistir e continuar neste mundo. Esta visão da ecologia integral é sistêmica, integra todas as coisas num grande todo dentro do qual nos movemos e somos. Todas as coisas relacionadas se entrelaçam para existir e continuar neste mundo. A ecologia integral indica uma nova percepção da relação entre os humanos e a natureza, desenvolvendo a ideia de interdependência e interação entre os organismos vivos e o seu meio ambiente. Os elementos da ecologia integral incluem as dimensões humanas e sociais (Cf. LS 137).

O avanço do domínio do ser humano sobre a natureza e a quantidade das mudanças intensificam o ritmo da vida e do trabalho humano, que contrastam com a velocidade natural da evolução biológica. Os apontamentos do Sumo Pontífice motivam a convicção de que tudo

está interligado e em processo de mudança. O uso do conhecimento e da técnica gera uma confiança irracional no progresso que transforma a terra em objeto de satisfação dos ideais humanos e não se preocupa com o desenvolvimento sustentável e integral. Este modo de proceder traz consequências para a qualidade de vida e atinge de modo especial os mais frágeis. Diante dos impactos socioambientais, cresce a sensibilidade por parte da sociedade para cuidar da natureza (Cf. LS 17-19).

O Papa Francisco contempla a criação e escuta a sua mensagem paradoxal e silenciosa (Cf. LS 85). Esta atitude do olhar contemplativo, do Sumo Pontífice, escava a superfície da realidade e identifica os sinais básicos e fundantes do contexto atual para a tomada de consciência, que favoreçam o discernimento das estruturas opressoras a serem transformadas em prol da vida. O seu olhar dirige-se preferencialmente aos mais pobres e as desigualdades sociais e ambientais, que infelizmente revelam situações tristes de exclusão social e destruição ambiental.

A *Laudato Si'*, conclama à escuta do clamor humano e da terra, ilumina o discernimento à luz da Palavra de Deus, em vista da transformação das realidades sofridas. A Encíclica sobre o cuidado da casa comum, abre os olhos e os ouvidos da teologia para a importância da ética⁴², como dimensão inerente à comunidade cristã e como sustentáculo basilar na edificação de uma ecologia integral, solidária e responsável. O ponto de partida desta leitura teológica é o grito da terra e do pobre, tendo em vista desencadear criativamente processos para a construção do bem comum. Constata-se na *Laudato Si'* 156:

A ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. É o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição.

Nesta direção, Libânio e Murad observam que:

A teologia latino-americana tematiza de forma ímpar a inter-relação entre reflexão sistemática e ótica interpretativa à luz do clássico axioma: *O lugar social condiciona*

⁴² Segundo Sánchez Vázquez, não é fácil reduzir as múltiplas e variadas doutrinas éticas da modernidade a um denominador comum, podemos destacar a tendência antropocêntrica que se liberta dos pressupostos éticos teocêntricos e contrasta a ética teocêntrica e os pressupostos teológicos. Na modernidade o centro e o fundamento é o homem dotado de uma natureza universal e imutável. Cf. VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*, p. 247.

o lugar hermenêutico. O teólogo, próximo do mundo dos pobres, ouvindo seus clamores e sentindo a interpelação ética que surge de sua situação, vê o rosto de Deus no reverso da história. Faz a si mesmo perguntas em que seu colega “de escritório” jamais pensou. Encontra sinais de Deus onde parecia não haver nada. Busca saídas concretas para a situação, pois o gemido do sofrimento do povo não se apazigua com livros escritos, nem se silencia por detrás de estantes de biblioteca.⁴³

A realidade interpela a reflexão teológica e vice-versa. Deste encontro surgem vozes proféticas que postulam saídas para o revés da história. Ao sintonizar-se com as grandes causas da humanidade, a teologia oferece novos caminhos para as relações humanas e para a natureza. Esta reflexão não assume uma cultura nem um sistema ideológico, mas as situações em que se perderam a humanidade e a sensibilidade para com a própria vida, a vida do outro e da natureza.

Os desafios emergentes no século XXI, no campo social e ecológico, demandam mudanças profundas na forma de viver humanamente na casa comum. A ética cristã⁴⁴ não é um catálogo de pecados e erros, mas um encontro com o Criador para harmonizar a convivência, humanizar o trabalho e pacificar a relação entre a natureza e o trabalho humano. “O trabalho obriga a perceber concretamente o espaço onde a teoria se encarna”⁴⁵. O cristianismo sensibiliza e humaniza a vida para superar a violência nas relações humanas, de modo especial, da idolatria do dinheiro⁴⁶, que é apontado como a raiz de todos os males. Um cristianismo sadio não se curva jamais à venda da dignidade humana e se abre para ler os sinais dos tempos.

Os sinais da *Laudato Si'*, com a invocação de São Francisco de Assis no cântico das criaturas, recorda que a terra é nossa mãe, nossa irmã e nossa casa comum, na qual partilhamos a existência e da qual o próprio ser humano é formado com os seus elementos, portanto, parte da terra. A generosidade da terra fornece o ar para respirar, a água para restaurar e o alimento para saciar a fome do ser humano, sem os quais não sobrevive, mas é bom não esquecer que é onde os pés têm uma base segura.

⁴³ LIBÂNIO; MURAD, *Introdução à Teologia*, p. 338.

⁴⁴ Segundo Dietrich Bonhoeffer, o ponto de partida da ética cristã é o corpo de Cristo, que tem seu tempo e lugar: Jesus Cristo, ser humano real, que ama o ser humano e se volta àquilo que serve ao ser humano real e concreto. Cf. BONHOEFFER, *Ética*, p. 52. “A ética cristã pode partir da reconciliação já acontecida do mundo com Deus e com o ser humano por Jesus Cristo e da aceitação do ser humano real por Deus.” BONHOEFFER, *Ética*, p. 53. A ética cristã está a serviço da proclamação e do acontecimento Jesus Cristo, que toma forma onde Ele se configura no mundo sem falar de modo abstrato, nem casuístico, mas onde “Cristo ganha forma entre nós hoje e aqui”. Cf. BONHOEFFER, *Ética*, p. 54.

⁴⁵ DELLA CROCE, *Simone Weil e l'esperienza di Cristo*, p. 37.

⁴⁶ Na epístola aos Hebreus encontramos a afirmação: “Que o amor ao dinheiro não inspire a vossa conduta”. *Hb*, 13,5: O contentar-se com o que se tem e não substituir Deus que está sempre conosco, pelo dinheiro.

1.3 Leitura socioambiental da *Evangelii Gaudium* e da *Laudato Si'*

As preocupações ecológicas e ambientais⁴⁷ não são inquietações exclusivas do Papa Francisco, mas de diversos líderes religiosos, chefes de nações e organizações não governamentais, que refletem o assunto nos fóruns, conferências e nos diversos espaços de debate. O Sumo Pontífice constata as evidências que têm sido noticiadas, abalizando as severas consequências que sofremos, dentre as quais: a perda da biodiversidade, a degradação socioambiental, a poluição das águas e a destruição do bem comum essencial à vida em suas diversas formas e em seus múltiplos ecossistemas.

Os caminhos apresentados pelo Papa Francisco têm implicações éticas e sua abordagem enriquece a Doutrina Social da Igreja na perspectiva socioambiental. Os valores socioambientais oferecem uma visão integradora, que supera as fragmentações dos saberes e das práticas⁴⁸. A justa e equitativa distribuição de recursos para com os mais pobres e desfavorecidos e relaciona os pobres e a fragilidade do planeta. Convida a buscar outras maneiras de compreender a economia e o progresso, pois as primeiras vítimas deste sistema são os pobres e as gerações futuras.

A Doutrina Social da Igreja consente afrontar as questões sociais do nosso tempo com adequada visão de conjunto, pois se caracterizam como questões interconexas, condicionadas entre si e dizem respeito a toda família humana (Cf. CDSI 9). O transcurso do tempo demanda nova leitura da realidade para atualizar as reflexões sobre as questões sociais e ambientais e, assim, interpretar os novos sinais dos tempos. A família humana, que habita a casa comum, é condicionada pela situação ecológica hodierna e o seu adequado enfrentamento requer uma visão de conjunto.

Pio XII, já antes do Concílio Vaticano II, na esteira do ensinamento social dos Papas, insiste na noção do direito natural como alma de um ordenamento social operante, com atenção especial às categorias profissionais e empresariais, chamadas a convergir em plena consciência para obter o bem comum (Cf. CDSI 93). João XXIII lê os sinais dos tempos com profundidade, a partir da universalização das questões sociais: ao lado da questão operária e da revolução industrial, insere também os problemas da agricultura e do aumento demográfico, bem como a necessidade da cooperação econômica mundial (Cf. CDSI 94).

⁴⁷ Segundo Francisco, “a ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem” (LS 138).

⁴⁸ Cf. SIQUEIRA, *Laudato Si'*, p. 34.

No quarto capítulo da *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco, trata da “dimensão social da evangelização” e afirma:

O *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade. (EG 177)

E, retoma a reflexão sobre a palavra “solidariedade”, esclarecendo que ela “supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (EG 187). O Pontífice, retomando dois pilares da Doutrina Social da Igreja, explica que:

A solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde. Estas convicções e práticas de solidariedade, quando se fazem carne, abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Uma mudança nas estruturas, sem gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes. (EG 189)

O ensinamento de Francisco identifica o anúncio do Evangelho com as questões sociais na opção preferencial pelos pobres e no gesto concreto de solidariedade e caridade. Assim, a opção pelos pobres é, para a Igreja, “mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica”, pois “Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles” (EG 198). A preferência divina tem consequência na vida de fé dos cristãos, que são convidados a possuir os mesmos sentimentos de Jesus Cristo (Cf. Fl 2,5) e testemunhada pela Tradição da Igreja (Cf. EG 198). A conclusão deste parágrafo 198 da *Evangelii Gaudium* revela a opção do Sumo Pontífice: “desejo uma Igreja pobre para os pobres”.

Na Encíclica *Laudato Si'*, Francisco aborda a temática ecológica e a dignidade da pessoa e, assim, abre caminho para a compreensão de que o ser humano é parte integral e relacional da criação. Com base na tradição judaico-cristã reflete o compromisso com o meio ambiente, especifica os sintomas, apresenta as principais causas da crise socioambiental e assinala as

possíveis linhas de ações integradoras nas várias dimensões da ecologia. Desta forma, identifica o lugar específico do ser humano e da política internacional.

Para tanto, assevera Francisco: “toda a mudança tem necessidade de motivações e dum caminho educativo, proporei algumas linhas de maturação humana inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã” (LS 15). Tal experiência é fundamentada no mistério da humanização de Deus, na pessoa de Jesus de Nazaré (Cf. Mt 16,15-16), da qual a experiência espiritual cristã é herdeira e tem na sua essência o Criador, fonte de toda vida.

A mudança exige uma conversão para dar respostas conscientes e responsáveis à generalizada crise ecológica mundial, pois “nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum, como nos últimos dois séculos” (LS 53), e a transformamos num “imenso depósito de lixo” (LS 21). A cultura do descarte afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo (Cf. LS 22). Este é o resultado do sistema industrial de produção e consumo, que não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e detritos.

Ao refletir sobre o que está acontecendo com a casa comum, Francisco se dirige a cada pessoa e ressalta a importância da contribuição que cada ser humano pode dar para a vida do mundo. Ao apresentar a “ecologia integral”, o Papa valoriza as iniciativas existentes para defender e proteger a natureza, critica o modelo econômico de produção e de consumo e sinaliza para a necessidade de uma mudança radical nos hábitos culturais. Além disso, relaciona a degradação ambiental com a degradação humana, ética e social. O Papa conjuga o clamor da natureza com a ecologia e o clamor dos pobres⁴⁹ com a justiça e tece a conexão entre a justiça e a economia. Desta forma, segundo a Carta aos Romanos 8,28: “Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito”.

O pensamento de Francisco articula quatro princípios básicos, que se fundamentam na Doutrina Social da Igreja⁵⁰. Igualmente, aparecem na Encíclica *Laudato Si'* e na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, onde Francisco ressalta:

⁴⁹ Para Cássio Murilo Dias da Silva, “afirmar que os pobres são os preferidos de Yhwh significa afirmar também que a justiça é um atributo essencial de Deus: ele não pode agir se não tomando o partido das vítimas das injustiças”. Assim, ao pedir que Deus venha fazer justiça não exclui a participação ativa das vítimas injustiçadas, que agem unidas no nível dos fatos para construir relações fraternas e justas, enquanto Deus age no nível dos significados e toda vitória dos pobres é um sinal de Deus. DIAS DA SILVA, *Salmos com imprecações*, p. 113-132.

⁵⁰ Os princípios da Doutrina Social da Igreja estão apoiados na lei natural, confirmados e valorizados na fé da Igreja pelo Evangelho de Cristo. Os princípios sugerem um método orgânico na busca de soluções para os problemas humanos e sociais e iluminam a vida dos cristãos e dos homens e mulheres de boa vontade na reflexão, no discernimento com critérios de julgamento mediante as diversas opções e direciona a ação como ponto de partida para promover o humanismo integral e solidário. (Cf. CDSI 2, 7 e 9). “Com a sua Doutrina Social, a Igreja

“[...] estes quatro princípios que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. Faça-o na convicção de que a sua aplicação pode ser um verdadeiro caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo inteiro”. (EG 221)

A seguir, buscaremos explicitar os quatro princípios presentes na *Evangelii Gaudium* e na *Laudato Si'*.

1.4 Elementos basilares de uma ecologia integral

Os quatro princípios que perpassam a *Laudato Si'*, são referenciais para compreender o diagnóstico da realidade, da casa comum⁵¹. A leitura sapiencial dos fenômenos sociais ilumina a construção de um povo e corroboram na harmonização das sociedades multiculturais para viver a paz, a justiça e a fraternidade entre si e com a natureza. Além de desenvolver a convivência social dos povos, harmoniza as diferenças e fortalece a construção de um projeto comum. (Cf. Sl 85,10-14) Estes são os fundamentos usados por Francisco para refletir as questões socioambientais que emergem na *Laudato Si'*:

1. “O tempo é superior ao espaço” (LS 178 e EG 222 - 225), Francisco afirma que tempo e espaço⁵² são interdependentes e carregam uma tensão bipolar entre si. “Os cidadãos vivem em tensão entre a conjuntura do momento e a luz do tempo, do horizonte maior, da utopia que nos abre ao futuro como causa final que atrai” (EG 222). O tempo refere-se à plenitude e é a expressão do horizonte que se abre diante de nós. Este atrai para o crescimento dinâmico e gerador de processo. Ao privilegiar os espaços de poder e autoafirmação, o ser humano

não persegue fins de estruturação e organização da sociedade, mas de cobrança, orientação e formação das consciências” (CDSI, 81).

⁵¹ CF. BAVARESCO, Cenários, p. 87-100.

⁵² “Na entrevista publicada pelo Pe. Antonio Spadaro na revista *La Civiltà Cattolica*, em 19 de setembro de 2013, Francisco expõe o princípio em uma perspectiva teológica: ‘Deus se manifesta numa revelação histórica, no tempo. O tempo inicia os processos, o espaço cristaliza-os. Deus encontra-se no tempo, nos processos em curso. Não é preciso privilegiar os espaços de poder em relação aos tempos, mesmo longos, dos processos. Devemos encaminhar processos, mais que ocupar espaços. Deus se manifesta no tempo e está presente nos processos da história. Isto faz privilegiar as ações que geram dinâmicas novas. E exige paciência e espera.’” MAGISTER, *Os quatro ganchos nos quais Bergoglio pendura o seu pensamento*.

cristaliza os processos e alimenta a vontade que tem em si de possuir tudo. O limite angustia o ser humano que anseia por resultados imediatos (Cf. EG 224).

Ao apresentar este princípio na LS, Francisco reflete o drama da política apoiada por populações consumistas e focada nos resultados imediatos para produzir crescimento a curto prazo. Alerta ainda, que a política evita irritar a população com medidas que controlem o nível de consumo e o risco dos investimentos estrangeiros, para não prejudicar seus interesses (Cf. LS 178). Para Francisco os alicerces da grandeza política consistem em bem gerir e primar pelo bem comum, porém os agentes políticos têm dificuldade em assumir este dever num projeto de nação, que se preocupa em gerar processos e pensa apenas no domínio dos espaços de poder.

O tempo da natureza gera, na realidade social e ambiental, uma dinâmica de processo fecundo e pleno para a vida no presente e no futuro. Os frutos que estamos colhendo foram semeados pelos nossos ancestrais. As marcas do passado repercutem no presente, ecoando nos impactos socioambientais, que geram medo e insegurança para a vida na casa comum. Em cada lugar é possível buscar soluções inculturadas, levando em conta as tradições e os desafios locais. As opções que tomamos no presente impactam o futuro, se nos apegarmos aos erros do passado não reconhecemos os erros do presente e não mudamos. O nosso compromisso ético é o caminho do bem comum e de administrar, guardar e preservar a criação. Cabe questionar: o que estamos plantando para as futuras gerações?

2. “A unidade é superior ao conflito” (LS 198 e EG 228), segundo o Sumo Pontífice, este princípio não quer ignorar os conflitos, mas conservar a potencialidade das polaridades em contraste, sem pretender uniformizá-las num sincretismo ou na absorção de uma na outra. A unidade é alcançada na diversidade com as multiformes expressões que geram vida e solidariedade. Os conflitos sociais e pessoais devem ser identificados, sem aprisionar-se neles, para não perder a perspectiva e reduzir o horizonte (Cf. EG 226). “Quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade” (EG 226).

Diante dos conflitos, Francisco observa três formas de enfrentá-los: a) olhar e passar como se nada fosse, ignorar; b) entrar e se aprisionar nele, nos leva a perder o horizonte e projetar as próprias confusões e insatisfações nas instituições impossibilitando a unidade; c) a maneira adequada para enfrentar o conflito das diferenças é suportar, resolver e transformar em elo de um novo processo de unidade na diversidade do qual nasce a solidariedade (Cf. EG 227). “A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo e desafiador, torna-se assim um estilo de construção da história, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera vida” (EG 228). Urge construir uma cultura de solidariedade.

Na LS, este princípio é a base para refletir a política e a economia, que se culpam entre si a respeito da pobreza e da degradação ambiental. “Mas o que se espera é que reconheçam os seus próprios erros e encontrem formas de interação orientadas para o bem comum” (LS 198). Tanto a política vigente, quanto a economia, estão obcecadas em conservar e aumentar o poder, não se interessando pela preservação do meio ambiente e o cuidado dos mais fracos (Cf. LS 198). A política estabelece as leis que regem os países guiados pela economia para facilitar as normas legalizando a exploração da sociedade e da natureza. A economia e a política são esferas importantes para a vida da sociedade e do meio ambiente, ao assumirem as principais funções de criar condições adequadas à vida e, de modo especial, aos mais vulneráveis, que passam fome e não têm moradia. Deverão, igualmente, favorecer a saúde e a educação e a proteção da terra, das águas e do ar.

3. “A realidade é superior à ideia” (LS 110 e 201; EG 231 e 233), este princípio impele e dinamiza o íntimo diálogo entre a realidade, que são os acontecimentos observáveis e a ideia que é a elaboração de conceitos do contexto socioambiental, sociopolítico e socioeconômico. A ideia está a serviço da captação, da compreensão e da condução da realidade e não pode ocultá-la, pois faz parte dela. O conteúdo da ideia é a conceituação da realidade como expressão concreta do ser. A encarnação da Palavra se torna realidade e Deus se humaniza. Jesus Cristo é a Palavra da salvação encarnada na história da salvação, realidade que frutifica na fecunda dinâmica da prática de obras de amor, justiça e caridade, essenciais para um novo *ethos* possível (Cf. EG 233).

Este princípio, segundo Francisco, interpela a humanidade a reconhecer a realidade do contexto atual, marcado pela crise socioambiental. Na LS, apoiado neste princípio, Francisco critica a fragmentação da ciência que perde o sentido da totalidade das relações existentes entre as coisas (Cf. LS 110); o domínio tecnocrático com sua lógica globalizante (Cf. LS 111), que não é neutro de intenções e possibilidades configurando-se de várias maneiras (Cf. LS 114); e o antropocentrismo, que coloca a razão técnica acima da realidade, pois “não sente a natureza como norma válida nem como refúgio vivente” (LS 115). Estes conceitos da realidade, apresentados pelo Papa, desafiam a humanidade a pensar no bem comum (Cf. LS 201).

4. “O todo é superior à parte” (EG 235; LS 141), para Francisco, o todo e a parte andam unidos e interligados entre si, porém não se pode cair nos seus extremos. Um extremo é o universalismo, fora das suas fronteiras, no qual o ser humano vive no mundo para assistir os fogos de artifício do mundo dos outros. O outro extremo, é pensar só o local, fechado sobre si e não se deixa interpelar pela diversidade que está fora das suas fronteiras (Cf. EG 234).

O todo é mais do que a simples soma das partes (Cf. EG 235), é a união dos povos com suas múltiplas faces que conservam sua originalidade, sua identidade e suas peculiaridades (Cf. EG 236), mas se integram, se interconectam num projeto comum. “É a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente se incorpore a todos” (EG 236). A visão obcecada por questões limitadas e particulares não atinge as raízes da história pessoal e comunitária, limita a integração confundindo a esfera global e local.

Este princípio também articula a ideia de que “há uma interação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que o todo é superior à parte” (LS 141). Este princípio possibilita a visão mais integral e integradora das análises dos problemas ambientais que são inseparáveis dos contextos humanos (Cf. LS 141).

A sensibilidade ecológica e social do Papa Francisco, apoiado nestes princípios de leitura da realidade, propõe “uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e suas relações com a realidade que o rodeia” (LS 15). O humanismo atual apela aos distintos saberes, incluindo o econômico, para uma visão mais integral e integradora da realidade. Hoje, a análise dos problemas ambientais é inseparável dos contextos humanos, pois há um intercâmbio entre os ecossistemas e os diferentes mundos de referência social (Cf. LS 141). Esta visão enriquece a Doutrina Social da Igreja com a ecologia integral, que conecta a criação com o Criador.

A pandemia do *Covid-19* acentua a crise socioambiental hodierna. Para Francisco, “só unidos e cuidando dos mais frágeis podemos vencer os desafios globais”⁵³. E, assevera, que o ser humano falhou na preservação da terra. O ser humano peca contra a terra, contra o próximo e contra o Criador. Segundo Francisco, “a terra não perdoa: se deteriorarmos a terra, a resposta será terrível”⁵⁴. O ser humano é chamado a reencontrar o sentimento do respeito sagrado pela terra, pois ela é casa de Deus e nossa casa, e dela dependemos para viver⁵⁵.

O avanço da ciência e da tecnologia, de modo avassalador nos últimos dois séculos, fragmentou o saber humano para passar a ideia de crescimento infinito e ilimitado. O crescimento produzido pelo saber fragmentado contém infinitas partículas que o ser humano não está conseguindo absorver. O progresso da humanidade não equivale ao conhecimento supostamente alcançado, pois os fragmentos não possibilitam um olhar de conjunto da

⁵³ FRANCISCO, *Vida Após a Pandemia*, p.59.

⁵⁴ FRANCISCO, *Vida Após a Pandemia*, p.61.

⁵⁵ Cf. FRANCISCO, *Vida Após a Pandemia*, p. 60-61.

realidade. Esta fragmentação limita o sentido e a compreensão do contexto onde este ser humano se encontra, perdendo sua sensibilidade com a natureza, com o outro e com Deus.

A complexidade dos problemas atuais não pode ser mitigada “a partir duma única perspectiva nem dum único tipo de interesses” (LS 110), mas deve ter em conta, o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber, para ordenar de modo responsável o comportamento⁵⁶ com o outro e com o mundo circundante, em vista da justiça na cooperação e na paz.

As diferentes perspectivas de olhar e entender a realidade lançam o desafio da construção de novos modos de vida humana no planeta para identificar cenários futuros. Segundo Francisco, “o certo é que o atual sistema mundial é insustentável a partir de vários pontos de vista, porque deixamos de pensar nas finalidades da ação humana” (LS 61). Ao pensar um novo modelo de relação entre humanos e meio ambiente, temos a oportunidade de construir a esperança e de conectar a humanização da ecologia numa cidadania ecológica da qual o ser humano é parte integral.

A humanidade em crise é, também, a raiz da crise ambiental e vive momentos tenebrosos no contexto atual marcado pela pandemia do *Covid-19*. O desenvolvimento considerado ilimitado, com o mercado divinizado e o meio ambiente desequilibrado, sinaliza para o esgotamento de uma época marcada por ultrapassar limites e causar perdas ambientais e sociais irreparáveis, que podem ser motivo de grande mudança no modo de vida humano em relação a si mesmo, as outras criaturas e ao Criador.

Para Francisco, é preciso “tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece com o mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS 19). As inquietações da humanidade são oportunas para desenvolver um novo projeto civilizacional, superar os conflitos mantendo as polaridades e a identidade de cada cultura, elaborar uma visão integral da sociedade e da ecologia, das ciências e das religiões. No próximo capítulo deste trabalho abordarei os desafios de uma ética comunitária na América Latina.

⁵⁶ Segundo Marciano Vidal, o comportamento humano está inter-relacionado com múltiplos fatores sociais e ambientais. E a busca pela especificidade da ética cristã não acabou, mas é um assunto aberto a novas reflexões e uma tarefa que se incumbe e se vincula à teologia moral. VIDAL, *Moral de actitudes*, p. 72.

2 *Laudato Si'* e os desafios da construção de uma “Ética Comunitária”

O “evangelho da criação” é a boa nova que chega até os tempos atuais, da qual, a terra antecede todas as criaturas e elas, também, precedem a humanidade. O ser humano é convidado a cultivar, administrar e guardar reciprocamente a terra e as outras criaturas. Uma vez que o ser humano é também criatura, a relação humanizada com a criação exige responsabilidade em todos os seus atos praticados e uma conduta vocacional de jardineiro.

O ser humano na época moderna atinge os limites da estrutura do planeta pela dinâmica da tecnologia e pela globalização do paradigma tecnocrático. A crise ecológica é de raiz humana e não um problema natural. O novo projeto civilizacional não é uma volta ao passado, mas uma nova mentalidade fundamental para curar as relações do ser humano no âmago de si mesmo e na relação com as outras criaturas e com o Criador.

Este segundo capítulo propõe-se a reconstruir algumas reflexões pertinentes à temática de trabalhos anteriores à *Laudato Si'*, produzidos na América Latina. Um dos principais documentos do CELAM, em que se toma por base é o Documento de Aparecida (DAP) e a reflexão apresentada por dois pensadores, antes e depois da LS, com grande expressão na Teologia da Libertação: Enrique Dussel e Leonardo Boff⁵⁷.

2.1 Marcos predecessores

Considero “marcos precursores” da *Laudato Si'*, os documentos do CELAM, dentre os quais destaco o documento de Aparecida, e os autores Enrique Dussel e Leonardo Boff.

2.1.1 Documentos do *Conselho Episcopal Latino-Americano*

Os documentos proféticos do *Conselho Episcopal Latino-Americano* (CELAM), à luz do Vaticano II e, de modo especial, da *Gaudium et Spes* (GS), abrem o diálogo com o mundo,

⁵⁷ A temática socioambiental faz parte da história das Campanhas da Fraternidade, de modo especial nos anos de: 1979 – Preserve o que é de todos; 1986 – Terra de Deus, Terra de Irmãos; 2002 – Por uma terra sem males; 2004 – Água, fonte de vida; 2007 – Vida e missão neste chão; 2008 – Escolhe, pois, a vida; 2010 – Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro; 2011 – A criação geme como em dores de parto; 2016 – Casa comum, nossa responsabilidade. No presente trabalho, porém, não abordei as temáticas desenvolvidas nas Campanhas da Fraternidade, que também precederam a *Laudato Si'* e uma após a Encíclica, por duas razões: pela falta de acesso aos textos-base e também para não alargar a dissertação.

retomam a sadia prática da escuta do mundo e olham a sua situação social para agir em benefício de sua salvação integral. O olhar não assume um posicionamento ideológico, mas teológico-pastoral para transformar a realidade, lançando as bases da reflexão social com a opção preferencial pelos pobres e a promoção da dignidade humana. Esta reflexão toma por referência o pensar a partir das vítimas do sistema dominador, que faz ecoar o clamor por libertação.

A reflexão do CELAM ganha profundidade no documento de *Medellín*, ao firmar as linhas pastorais para avançar no despertar de uma viva consciência sobre a justiça na responsabilidade e na solidariedade; na denúncia dos abusos e das injustiças consequentes das excessivas desigualdades entre ricos e pobres. No despertar da consciência crítica da situação social; no diálogo com as outras religiões em vista da justiça e da paz; na implementação dos direitos humanos, na promoção de preços justos para as matérias-primas; na revisão da política armamentista dos países e na animação e aclamação dos que contribuem para a criação de uma nova ordem social em vista da paz dos povos. A defesa evangélica do direito dos pobres e oprimidos demanda esforço dos governos a tudo quanto destrói a paz social.

Em Puebla, os bispos aprofundaram a leitura da realidade do continente latino-americano, ao optar pelo método ver-julgar-agir. Além de concluírem que a situação de injustiça social é um pecado a ser combatido, reconheceram que o caminho da evangelização, segundo a *Evangelli Nuntiandi*, passa pela promoção da dignidade humana. A *Gaudium et Spes* já afirmava que a procura para alcançar uma vida digna do homem não se limita a ter mais, deve-se aspirar a ser mais (Cf. DP p. 19). Em Puebla, os bispos latino-americanos reafirmaram as conclusões de *Medellín*, na clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, como conversão de toda a Igreja no intuito de sua integral libertação (Cf. DP 1134).

Os bispos enfatizaram, ainda, a atitude de escuta sincera e acolhedora dos construtores da sociedade temporal, que detém poder decisório, atitude pela qual se almeja conhecer o ambiente secular e descobrir o caminho para atualizar a Doutrina Social da Igreja. Além disso, uma “ética capaz de formular as respostas cristãs, aos grandes problemas da cultura contemporânea” (Cf. DP 1227), para lutar contra a corrupção econômica e postular o princípio ético da justiça e do amor.

Em Aparecida, o então Cardeal Bergoglio, participou como presidente da Comissão de Redação do documento que, entre outros assuntos, refletiu as questões ecológicas e éticas da América Latina e do Caribe. Em primeiro lugar, o documento destaca a conscientização existente no continente para receber a natureza como herança gratuita e protegê-la como espaço de convivência humana e, para o bem de todos. O documento trata diretamente da questão ecológica e apresenta a criação como espaço para a vida. “A criação também é manifestação do

amor proveniente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos em fonte de vida digna para todos” (DAp 125). O documento reconhece que há uma maior valorização da natureza no contexto atual e alerta que: “[...] percebemos claramente de quantas maneiras o homem ameaça e inclusive destrói seu ‘habitat’” (DAp 125).

Os poderes econômicos e tecnológicos exploram a natureza, pois é frágil e indefesa, arrasando as fontes da vida em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade (Cf. DAp 471). Nesta direção, os bispos sinalizam a existência de um desenvolvimento predatório no continente, que ameaça de modo especial os mais vulneráveis e frágeis, que lutam com suas poucas forças pela equidade na distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos. O documento aponta para a destruição da “ecologia humana” e apresenta o germe para um “[...] modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens [...]” (DAp 747c). Logo, percebe-se que a orientação de Aparecida nos remete a um cuidado integral com a obra criada por Deus.

O Documento de Aparecida constata:

A melhor forma de respeitar a natureza é promover uma ecologia humana aberta à transcendência que, respeitando a pessoa e a família, os ambientes e as cidades, segue a indicação paulina de recapitular as coisas em Cristo e de louvar com Ele ao Pai (cf. 1Cor 3,21-23). O Senhor entregou o mundo para todos, para os das gerações presentes e futuras. O destino universal dos bens exige a solidariedade com a geração presente e as futuras. Visto que os recursos são cada vez mais limitados, seu uso deve estar regulado segundo um princípio de justiça distributiva, respeitando o desenvolvimento sustentável. (DAp 126)

A evangelização leva os homens e as mulheres a descobrirem o dom da criação e o exercício responsável para cuidar da casa de todos os seres vivos, com estilo de vida sóbrio e austero na solidariedade (Cf. DAp 474a). Além disso, reconhece a importância do diálogo ecumênico e inter-religioso nas iniciativas sociais para reagir ao materialismo e abalizar a espiritualidade, a oração e a mística como expressões da fome e da sede de Deus. Valoriza a ética como sinal de superação do hedonismo, da corrupção e do vazio de valores, pois percebe o visceral sentimento de solidariedade, característico do povo deste continente, pela prática da partilha e da ajuda mútua (Cf. DAp 99), e aponta para um desenvolvimento alternativo.

O Documento de Aparecida sinaliza para a importância da participação dos cidadãos nas políticas públicas para garantir a proteção, conservação e restauração da natureza, como aspecto a ser divulgado e incentivado pela Igreja (Cf. DAp 474d), e dá destaque especial ao cuidado da Amazônia pela sua importância para toda a humanidade (Cf. DAp 475). Quanto aos “novos areópagos e centros de decisão”, menciona a presença ética dos que semeiam os valores evangélicos, onde se faz cultura, como o mundo das comunicações, da construção da paz, do desenvolvimento e da libertação das minorias mais exploradas, a partir da opção preferencial pelos que vivem na pobreza e nas periferias existenciais, da ecologia e a proteção da natureza.

Os documentos do CELAM, à luz dos documentos papais, entendem que uma das chaves da ética social e ambiental é a exigência do bem comum. O bem comum é o conjunto das condições de vida social para a realização da vida do ser humano e critério para a justiça social. A temática da ecologia integral ganha acento especial em Aparecida que tem sua coroação com a Encíclica *Laudato Si'*, que abre caminho para aprofundar a vivência cristã na perspectiva ecológica, como parte da fé e do cuidado responsável que, até então, era tratado de modo especial na dimensão humana.

A Doutrina Social da Igreja apresenta a justiça, a caridade e o bem comum como valores que compõem um modo de vida, segundo a tradição Salvífica. E participam da realização integral e solidária da vida de toda a criação. A Salvação doada por Jesus Cristo é universal e integral incidindo na relação do ser humano com Deus “[...] e a responsabilidade ética para com o próximo, na concretude das situações históricas” (CDSI 40) é, sem dúvidas, a luz no fundo de um túnel que parece escuro e sem saída.

Na América Latina, a reflexão teológica, da qual o Cardeal Bergoglio participou, sobre a relação do ser humano com os outros e com a natureza foi desenvolvida pelo CELAM, com a participação de vários teólogos que participam da Teologia da Libertação, se anteciparam da *Laudato Si'* e refletiram sobre as questões sociais e ambientais na América Latina. Neste trabalho destaca-se os pioneiros a refletirem sobre a temática: Enrique Dussel e Leonardo Boff.

2.1.2 Enrique Dussel: “Ética Comunitária”

Na obra “Ética comunitária”, Dussel trabalha vários temas, dentre eles as questões da “ética comunitária: o princípio-Jerusalém” e da “ética ecológico-cultural”, que serão a base desta reflexão. Esta exposição de Enrique Dussel faz parte da série coleção teologia de libertação na história na Teologia da Libertação, que se desenvolveu na América Latina depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín. As reflexões que antecederam a

Encíclica de Francisco, na América Latina, são fruto de um continente marcado pela colonização e a exploração do ser humano, que identifica sua história nas marcas visíveis da diversidade cultural, da riqueza natural da natureza e da luta dos pobres por uma vida digna.

A abordagem de Dussel investiga o significado dos fatos e não sua mera descrição, o que explica a práxis dos cristãos nos processos históricos vividos na América Latina. A proposta da ética comunitária de Dussel é fundada no mútuo amor-de-justiça e de caridade dos participantes da comunidade, como ato livre e pleno como pessoas, que celebram e assumem a totalidade da vida⁵⁸. O gesto de bondade, justiça e partilha do pão na comunidade, que só é possível quando se tem pão para partilhar, como ato em direção a outra pessoa. A práxis e o prático, para Dussel, significam o ato humano que se dirige a outra pessoa humana e a própria relação de pessoa a pessoa⁵⁹, que só é pessoa diante de outra pessoa⁶⁰.

Outra distinção importante apresentada por Dussel consiste na diferença entre *práxis* e *póiesis*. A *práxis* é a relação prática entre pessoas, é a presença real de uma pessoa ante a outra, obrar com o outro, ou com os outros. A *póiesis*, segundo Dussel, equivale a fabricar, produzir com ou em algo, trabalhar a natureza e esta diz respeito à relação pessoa-natureza⁶¹. Estas distinções de Dussel propõe uma ética material de defesa da vida com o objetivo de resgatar a vida negada às vítimas dos sistemas de opressão.

A experiência fundadora do pensamento libertador, para Dussel, é a crítica do humanismo elaborada pela tradição dos povos semitas nos temas sobre: o pobre, a viúva, o órfão, o estrangeiro e o outro. E afirma que...

No sentido bíblico, “pobre” é o termo dominado, oprimido, humilhado, instrumentalizado da relação prática que se denomina pecado. O ato constitutivo do “pobre” na Bíblia não é o “não ter” bens, mas o “estar dominado” pelo pecador. É a contrapartida do pecado, seu fruto (e, enquanto tal, enquanto “pobre” ou oprimido, é justo, santo).⁶²

⁵⁸ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 22.

⁵⁹ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 22.

⁶⁰ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 18.

⁶¹ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 18.

⁶² DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 33.

O pobre e o rico na Bíblia, recorda Dussel, são pessoas concretas e categorias dialéticas, que no conteúdo de um se inclui o outro⁶³. A carência do pobre não é meramente “não ter” bens, mas ter “sido despojado do fruto do seu trabalho a partir da dominação objetiva do pecado”⁶⁴ na relação social institucionalizada. A identidade do ser humano consiste na ação diante do clamor interpelativo do outro, do pobre que sofre na miséria e com fome. A desumanização ocorre ao não se deixar interpelar e não agir diante da pessoa massacrada pela miséria e pelo poder dominante globalizado.

“O ético não é regido pelas normas morais, pelo que o sistema globalizado indica como bom, rege-se pelo que o pobre reclama, pelas necessidades do oprimido, pela luta contra a dominação, as estruturas, as relações estabelecidas pelo ‘Príncipe deste mundo’”⁶⁵. O “Príncipe deste mundo”, segundo Dussel, é a dominação dos poderosos, que oprimem, conforme Mt 20,25: “Os príncipes das nações as dominam e os poderosos as oprimem”.

A ética se dá no sistema de práticas espirituais libertadoras da opressão, impulsionada pelo Espírito de Deus. O pobre, desprovido de bens, é o fruto do pecado do sistema dominante que determina o ritmo da vida e totaliza as práticas carnis regidas segundo sua ordem moral, é excluído. Esta relação opressora do outro se institucionalizou no sistema vigente globalizado, como modo de vida e não é uma proposta evangélica libertadora, nem uma postura ética. Para Dussel, a ética é libertadora.

Um momento determinante da ética, e toda ética é libertadora (se não, é apenas moral), é a interpretação que se pode dar àquela expressão de Mt 5,3, “Felizes os pobres *tô pneúmati*”, que pode ser traduzido: “de espírito”, “espiritual”, “os que escolhem ser pobres”, etc. Esta é uma porta aberta para esvaziar, inverter, aniquilar a ética do Evangelho e transformá-la numa moral de dominação, a fim de que os “ricos” possam também ser “pobres” (mesmo que seja na “intenção”).⁶⁶

A libertação do pobre se dá na efetivação da práxis como ação e consiste na relação, no face a face, de uma pessoa diante da outra pessoa objetivamente, não é algo abstrato, ou promessa impossível de ser alcançada. O pobre de “intenção” é uma justificativa do poder dominante que constrói sua moral para salvaguardar e perpetuar o poder do rico, como se isso

⁶³ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 34.

⁶⁴ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 34.

⁶⁵ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 63-64.

⁶⁶ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 64.

não afetasse em nada a relação com o outro e com Deus. A vida humana não é um conceito, uma ideia, mas uma realidade que busca a sobrevivência, social e ambiental, na unidade com as outras criaturas e com a terra.

O povo que caminhava pelo deserto em direção ao futuro não tinha normas nem exigências para o novo caminho. A lei do Egito não existe mais. Mas ainda não havia uma nova lei. Era um povo sem lei, sem legalidade nova. “Não está bem o que estás fazendo” (Ex 18,17), aconselha o velho sogro ao jovem genro. A “nova” lei, no entanto, não é um código “moral” e na medida em que se “moraliza”, que se torna “antiga” lei, terá de ser renovada. Com efeito, as aparentes negações (“Não terás outros deuses... Não pronunciarás o nome do Senhor... Não matarás... Não cometerás adultério... Não furtarás...” (Ex 20,3-17) são de fato afirmações: negação da negação. “Não farás para ti ídolos”: fazer ídolos para si é negar a Deus; negar o ídolo é afirmar a Deus. “Não furtarás”: roubar é um não ao bem do outro; não roubar é respeitar o próximo”⁶⁷.

A moral de dominação cultiva preceitos sem justiça para o pobre, para as culturas e para o planeta. Jesus lança novas exigências éticas nas Bem Aventuranças, conforme Lc 6,20: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus”. Para Dussel, as Bem Aventuranças “são o código “ético” por excelência”⁶⁸. O pobre como sujeito adquire consciência, escuta a voz do outro pobre no meio do povo e se transforma no sujeito do Reino, no protagonista principal. “O pobre como sujeito da pobreza é vítima do mal, do pecado. Sua pobreza é morte e fruto da dominação e da rapina do rico”⁶⁹. O pobre dominado-passivo é massa, manipulável e pode ser entendido por meio de uma lógica de rebanho, ‘boiada’, que aceita frequentemente as normas da carne e se submete à estrutura dominante deste mundo⁷⁰.

Em todo sistema de dominação, de pecado, há dominados por definição, há “pobres”. Descobrir o “pobre” aqui e agora, concretamente, é característico da consciência ética. Toda práxis que se destina à sua libertação é fundamentalmente boa. Pode haver condições que limitem sua bondade e que até a tornem injusta. Mas a “libertação do pobre” é o princípio prático da *eticidade* da práxis, e não do cumprimento de normas “morais” – como a dos fariseus. A “moral” não é o fim do homem, o homem sim deveria ser o fim da “moral”, mas este é um princípio *ético* (Mt 12,1-8).⁷¹

⁶⁷ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 67.

⁶⁸ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 68.

⁶⁹ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 68.

⁷⁰ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 68.

⁷¹ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 70.

A ética comunitária, para Dussel, se distingue da moral vigente, que tem um antes e um depois do encontro face a face entre os humanos, que pode construir uma nova ordem, a norma viva e a nova lei. A esperança não consiste na ordem da moral dominante que orienta a práxis para seus fins, mas na ética libertadora capaz de transformar o pobre em sujeito de construção da nova ordem. Esta transforma a relação pessoa-pessoa e abre perspectiva prática de novas possibilidades para a vida.

As ações práticas da humanidade e das instituições devem permitir a existência da vida no planeta terra. “A passagem da natureza para o produto, por força do trabalho humano, é um processo produtivo, tecnológico implementado atualmente pela ciência”⁷². Segundo Dussel, tanto a moral como a ética constituem a relação entre a pessoa, a natureza e o trabalho como práticas do ser humano.

[...] as relações com a natureza e o produto estão mediados ou se dirigem a *outras pessoas*, sempre tem também um estatuto *prático*, moral ou ético. Tanto a questão ecológica (não só a natureza, mas também a “casa” do homem) como a cultura (o “culto” da terra) são, pois, humanas, práticas.⁷³

A terra oferece a riqueza natural, a matéria-prima transformada pelo homem para morar e para se alimentar. As práticas do ser humano na relação com a terra, pessoa-terra, para Dussel, são a ecologia, que pelo trabalho gera o produto, pessoa-pão, que ele entende como cultura. O autor define esta relação inspirado na Bíblia, desta forma:

O fruto do trabalho, na Bíblia, é o “pão”: sacramentalidade eucarística, satisfação como alimento, essência da cultura humana. A cultura é em primeiro lugar a agricultura: culto da terra como o trabalho da natureza. O trabalho em si é a substância da cultura, sua essência última, sua determinação fundamental, no sentido de que seu ser como *atualização* do homem pelo trabalho é um *modo de produzir* a vida humana, de autoproduzi-la, de criá-la. Antes de ser os objetos, ou mesmo os modos de consumo de tais objetos culturais, a cultura é um modo de trabalhar.⁷⁴

⁷² DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 215.

⁷³ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 215.

⁷⁴ DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 218. Grifo do autor.

A relação do ser humano com a terra⁷⁵, segundo Dussel, está profundamente marcada pela cultura econômica e a política de dominação das potências mundiais desenvolvidas dos centros industriais, os países ricos sobre os países pobres⁷⁶. Esta relação de domínio econômico usa a cultura, pretensamente universal para controlar a tecnologia e a ciência e dominar as demais culturas, impondo duros fardos aos países mais pobres.

A teologia Latino-Americana assume a opção pelos pobres, que fica evidente nas diferentes abordagens escritas, de modo especial, na década de 1980. Este modo de pensar não é um bloco monolítico e fechado, mas na sua dinâmica de abertura para encontrar os pobres e escutar o seu clamor, proporciona o movimento que abre o horizonte da diversidade de abordagens emergentes das problemáticas do continente e, de modo particular, dos clamores manifestos dos mais sofridos. Assim, na esteira de outros tantos teólogos, Enrique Dussel é uma expressão de visão teológica, filosófica e histórica que escava as raízes da realidade para iluminar novos caminhos.

A relação com a mãe Terra, segundo Dussel, é um resgate da dignidade da vida humana pela consciência histórica das práticas realizadas e chegam até nossos dias. Na diversidade de abordagens disponíveis, outro referencial da teologia Latino-Americana é Leonardo Boff.

2.1.3 Leonardo Boff: ética e ecologia

O teólogo Leonardo Boff produziu muitas obras sobre a temática da ética e da ecologia antes da LS. Em sua obra “Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma”, publicada no ano de 1996, observando as mudanças estruturais da política ideológica mundial, considera que os esquemas mentais também mudaram. Em sua visão, o que permaneceu foram os sonhos, pois pertencem à substância do ser humano e permitem novas visões fornecendo entusiasmo para o pensamento e a criatividade⁷⁷.

Este trabalho é desenvolvido em duas etapas: num primeiro momento discorre-se sobre a temática da ecologia desenvolvida na obra: “Ética da vida: a nova centralidade”, publicada no

⁷⁵ Dussel afirma que a terra é mãe da vida: “Desde a antiga “Pachamama” dos incas ou a “Cuahtlicue” dos astecas, e também a “terra mater” dos romanos, a terra é considerada por todos os povos agrícolas – mas também pelos próprios plantadores ou nômades - como a mãe da vida, do alimento, da fertilidade. A terra é o solo fundamental, “onde” se vive, “donde” se vive. De seu seio materno surge a batata andina, o milho meso-americano, o trigo e a uva para o pão e o vinho do Mediterrâneo”. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 215.

⁷⁶ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 217.

⁷⁷ Cf. BOFF, *Ecologia*, p. 9.

ano de 2009, de modo especial, sobre as quatro ecologias: ambiental, social, mental e integral. No segundo momento, buscamos os fundamentos éticos desenvolvidos por Boff antes da LS.

Antes de adentrar nas vertentes da ecologia se faz necessário um breve esclarecimento sobre o termo ecologia, que o autor apresenta em pelo menos duas obras: “Ética da vida: a nova centralidade” e “Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma”. Segundo Boff, o termo ecologia foi criado por Ernst Haeckel (1834-1919) e significa “o estudo do interretorrelacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si com seu meio ambiente, entendido como uma casa”⁷⁸. O termo ecologia “é composto de duas palavras gregas: *oikos*, que significa “casa”, e *logos*, que quer dizer “reflexão ou estudo”⁷⁹. Assim, ecologia refere-se ao estudo que se faz acerca das condições e relações que formam o hábitat (casa) do conjunto e de cada um dos seres da natureza”⁸⁰. A definição conceitual de Boff se fundamenta em Haeckel: “ecologia é o estudo da interdependência e da interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos)”⁸¹.

No início deste novo milênio os desafios ético-sociais da ecologia, que até então não passavam de um subcapítulo da biologia, segundo Boff, assumem um importante papel de alcance universal e com grande força mobilizadora⁸². O ser humano intensifica as suas ações sobre a terra com o uso da ciência e da técnica, que não são neutras e atualmente são “as grandes armas de manutenção da dependência política e de garantia da hegemonia econômica sobre nações e povos que não detêm a produção, o estoque e a venda de tais bens”⁸³. A capacidade humana atinge os limites da terra, que possui sistemas complexos e limitados e com a ação do ser humano corre o risco de comprometer seu equilíbrio e sua regeneração.

A primeira vertente ecológica pontua a respeito do meio ambiente em si, desvinculado do ser humano e da sociedade, “para que não sofra excessiva desfiguração, visando à qualidade de vida, à preservação das espécies em extinção e à permanente renovação do equilíbrio dinâmico, urdido em milhões e milhões de anos de evolução”⁸⁴. Uma visão que privilegia novas soluções técnicas para a poluição e corrige a voracidade do projeto industrial⁸⁵.

⁷⁸ BOFF, *Ética da vida*, p. 11.

⁷⁹ BOFF, *Ética da vida*, p. 11.

⁸⁰ BOFF, *Ecologia*, p. 17.

⁸¹ HAECKEL, Ernest Heinrich August APUD BOFF, *Ecologia*, p. 17.

⁸² Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 11.

⁸³ BOFF, *Ecologia*, p. 126.

⁸⁴ BOFF, *Ética da vida*, p. 12.

⁸⁵ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 12

Segundo Boff, o planeta deve ser cuidado como um todo, pois a destruição das partes inviabiliza a vida. A humanidade moderna tem armas químicas e biológicas, que podem devastar a terra, assim como, a irresponsabilidade de poluir a água, envenenar os solos, contaminar a atmosfera e agravar a injustiça social entre o Norte e Sul.

A ecologia social requer considerar o ambiente inteiro e insere o ser humano e a sociedade dentro da natureza⁸⁶. “Preocupa-se não apenas com o embelezamento da cidade, com melhores avenidas, com praças ou praias mais atrativas. Mas, prioriza o saneamento básico, uma boa rede escolar e um serviço de saúde decente”⁸⁷. A injustiça social significa uma violência contra o ser humano e uma injustiça ecológica contra o todo natural-cultura humano.

A vertente da ecologia social almeja um desenvolvimento sustentável universalizável, que atenda às carências básicas do ser humano de hoje e das gerações futuras, com relações justas, sem sacrificar o capital natural da terra. Porém, a sociedade moderna não se desenvolve de forma sustentável e consome os recursos naturais, pressupondo que, os recursos naturais e o desenvolvimento são infinitos. O que se constata, é que alguns recursos estão acabando, como a água e os combustíveis fósseis. Assim, não basta um desenvolvimento sustentável, mas viável, que proporcione o bem-estar sociocósmico para atender toda comunidade planetária⁸⁸.

A ecologia mental ou profunda sustenta as causas do déficit da terra que não está somente no tipo de sociedade vigente, mas também no tipo de mentalidade que vigora no ser humano, cujas raízes alcançam épocas anteriores à história moderna, incluindo a profundidade da vida psíquica humana, consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica⁸⁹.

No ser humano existem instintos de violência, vontade de dominação e modelos sombrios que o afastam da benevolência em relação à vida e à natureza. Na mente humana iniciam-se os modelos mentais que levam a uma guerra contra a terra. A categoria que expressa esses modelos é a cultura antropocêntrica. O antropocentrismo considera o homem como o centro do universo e pensa que os demais seres só têm sentido quando ordenados ao ser humano, disponíveis ao seu bel-prazer. Esta estrutura quebra com a lei mais universal do universo: a solidariedade cósmica. Todos os seres são importantes e interdependentes, visto que vivem dentro de uma teia entrelaçada de relações⁹⁰.

⁸⁶ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 12

⁸⁷ BOFF, *Ética da vida*, p. 12.

⁸⁸ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 13

⁸⁹ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 14

⁹⁰ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 14

O ser humano depende dos demais seres e a cosmologia moderna ensina que tudo tem a ver com tudo, todo o tempo e em todas as circunstâncias. O ser humano esquece esta realidade, afasta-se e coloca-se sobre as coisas em vez de sentir-se junto e com elas, numa imensa comunidade planetária e cósmica⁹¹. E para atingir uma nova mentalidade, de respeito e veneração com a terra e com os seres vivos, no homem e na mulher é necessário resgatar a dimensão do feminino.

Pelo feminino o ser humano se abre ao cuidado, se sensibiliza pela profundidade misteriosa da vida e recupera sua capacidade de maravilhamento. O feminino ajuda a resgatar a dimensão do sagrado. O sagrado impõe sempre limites à manipulação do mundo, pois ele dá origem à veneração e ao respeito, fundamentais para a salvaguarda da Terra. Cria a capacidade de re-ligar todas as coisas à sua Fonte criadora e ordenadora. Dessa capacidade re-ligadora nascem todas as religiões.⁹²

A revitalização das religiões é fundamental para cumprir sua função de encontrar expressões adequadas à nova experiência ecológica. A superação da crise ecológica exige um outro perfil de cidadãos com outra mentalidade: mais sensível, mais espiritual e cooperativo. O futuro do planeta terra e da humanidade dependem da palavra ecologia e do ambiente inteiro.

Por último, Boff apresenta a ecologia integral, que parte de uma nova visão da terra e desperta no ser humano a consciência de sua função dentro da imensa totalidade. A vertente da ecologia integral tem uma visão holística de “captação da totalidade orgânica, una e diversa em suas partes, sempre articuladas entre si dentro da totalidade e constituindo essa totalidade”⁹³. A ecologia integral parte do novo conceito de terra que nasce com as expedições espaciais em torno do ano de 1960, quando o ser humano olha a terra da nave espacial, da lua e descreve-a como o “planeta azul-branco”. Da perspectiva dos astronautas, as percepções humanas não distinguem as diferenças entre: as espécies e raças, todos são igualmente humanos; e entre terra e humanos, emergindo como uma única entidade⁹⁴. O ser humano é a própria terra que sente, pensa, ama e venera.

A ecologia integral, segundo Boff, entende cada ser humano, a terra e o universo como um nó de relações voltadas para todas as direções. Esta corrente ecológica, para Boff, exige

⁹¹ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 14

⁹² BOFF, *Ética da vida*, p. 15.

⁹³ BOFF, *Ética da vida*, p. 17.

⁹⁴ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 15-16.

uma nova civilização, que possa guardar com responsabilidade o destino do planeta e um novo tipo de religião para religar Deus e mundo, mundo e ser humano, ser humano e espiritualidade do cosmos⁹⁵.

Para Boff, esta corrente leva o cristianismo a aprofundar a dimensão cósmica da fé, afirmando a presença de Deus nas criaturas e, de modo especial, na encarnação de seu Filho Jesus Cristo⁹⁶, que assume a matéria e se insere no processo cósmico. A criação, em comunhão com o Criador, é um eterno criar, recriar no jogo das relações entrelaçadas com o desenvolvimento da natureza.

Cabe ao ser humano discernir como as correntes ecológicas se complementam e descobrir em que medida podem ajudar nas relações, que produzem os padrões de comportamentos e a consequência da ação humana de preservar o planeta⁹⁷.

A ética e a ecologia refletem a íntima relação e interação das criaturas entre si e com o Criador. Assim afirma Boff:

Para chegarmos à raiz de nossos males e também ao seu remédio, necessitamos de uma nova cosmologia espiritual, isto é, de uma reflexão que veja o planeta com um grande sacramento de Deus, como o templo do Espírito, o lugar da criatividade responsável do ser humano, a morada de todos os seres criados no amor. Ecologia, etimologicamente tem a ver com morada. Cuidar dela, repará-la e adaptá-la às eventuais novas ameaças, alargá-la para abrigar novos seres culturais, eis a sua tarefa e também sua missão.⁹⁸

O termo *ethos*, segundo Boff, é sinônimo de ética, como “conjunto ordenador dos princípios, valores e motivações últimas das práticas humanas, pessoais e sociais”⁹⁹. O autor destaca ainda, que no grego, existem duas maneiras de escrita do termo. Uma com o *eta*, ou *e* longo, que significa a morada humana e o caráter, o jeito, o modo de ser e o perfil de uma pessoa. A outra maneira de escrever *ethos* é com *épsilon*, ou *e* curto, para dizer sobre os

⁹⁵ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 18.

⁹⁶ Para Marciano Vidal, a ética vivida e proposta por Jesus não é uma parte justaposta de sua vida e de sua mensagem. Jesus não era um moralista, nem propôs uma moralidade. A ética de Jesus é contextualizada no texto vivo de sua pessoa. Vidal afirma ainda, que no pensamento da teologia cristã e sobretudo os padres alexandrinos, “a norma da ética cristã é Cristo: em sua pessoa total (atos e palavras). Para Vidal, “não há outra norma senão a Pessoa de Cristo: nela se manifesta a vontade original de Deus. E isso é verdade porque o valor moral de um cristão também é CRISTO”. VIDAL, *Moral de actitudes*, p.263.

⁹⁷ Cf. BOFF, *Ética da vida*, p. 19.

⁹⁸ BOFF, *Ética da vida*, p. 41.

⁹⁹ BOFF, *Ética e moral*, p. 39.

costumes, usos, hábitos e tradições¹⁰⁰, moral. No contexto das grandes transformações, é de suma importância que haja pontos de referência comuns para as condutas pessoais e sociais e, de modo especial, a relação do ser humano com o outro e com a natureza.

No pensamento de Leonardo Boff “o decisivo na ética não é o que queremos que seja ou o que conseguimos impor pelo poder”¹⁰¹, mas o que a realidade interpela para cada ser humano que está em sintonia com o seu contexto. Em sua concepção, as tradições culturais tanto do oriente quanto do ocidente “desenvolveram uma ética da compaixão universal”¹⁰². O princípio basilar, da compaixão universal, é o que conserva e promove de modo especial todos os seres vivos e despende atenção peculiar à vida dos mais fracos. A dimensão ética inscrita no ser humano impõe limite aos seus desejos, para viver a solidariedade e a comunhão, que lhe possibilita a função de administrador responsável e zelador da Criação¹⁰³.

Segundo Boff, assistimos o fim de um tipo de mundo, que precisa de um novo paradigma de convivência com a terra e um novo pacto social entre os povos¹⁰⁴. Ele destaca que: “A crise ecológica revela a crise do sentido fundamental de nosso sistema de vida, de nosso modelo de sociedade e de desenvolvimento”¹⁰⁵. O modelo de vida adotado pelo ser humano transforma e ameaça o planeta a ponto de colapsar e extinguir a vida humana. A crise é planetária e força mudanças profundas deslocando velhos fundamentos e solidificando novos para responder os problemas reais.

Para Boff, a ética é um conjunto de valores e princípios válidos para todo ser humano, pois estão ancorados na humanidade. A questão ética é o que significa agir humanamente. A etimologia da palavra “ética” vem da palavra grega *êthos* e o seu sentido primeiro é residência, morada, ou “como modo do ser humano habitar, como forma de se organizar na vida em família”¹⁰⁶ e em sociedade. Para Boff, a palavra ética significa o viver humanamente¹⁰⁷.

¹⁰⁰ Cf. BOFF, *Ética e moral*, p. 38.

¹⁰¹ BOFF, *Ecologia*, p. 34

¹⁰² BOFF, *Ecologia*, p. 35.

¹⁰³ Cf. BOFF, *Ecologia*, p. 36.

¹⁰⁴ Cf. BOFF, *Saber cuidar*, p. 4.

¹⁰⁵ BOFF, *Ecologia*, p. 40.

¹⁰⁶ BOFF, *Ética e eco-espiritualidade*, p. 11.

¹⁰⁷ Cf. BOFF, *Ética e eco-espiritualidade*, p. 12.

O caminho da sociedade nos leva ao umbral da ética. [...] A ética vai além da moral. Por ela expressamos o comportamento justo e a maneira correta de o ser humano se relacionar, consoante a dinâmica própria e intrínseca à natureza de cada coisa. O decisivo na ética não é o que queremos que seja ou o que conseguimos impor pelo poder (por aí se criam as várias morais), mas o que a realidade mesmo diz e exige de cada um que se coloca em sua escuta e em sintonia para com ela.¹⁰⁸

Segundo Leonardo Boff, viver humanamente na casa comum implica realizar o primeiro princípio de todo agir humano: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Para Boff, o diálogo em torno da ética está ancorado em quatro princípios, quais sejam: o cuidado, o respeito, a responsabilidade e a solidariedade.

O cuidado ilimitado do outro é a condição prévia para que o ser possa aparecer. É também o condicionador antecipado de toda ação: tudo aquilo que eu amo, eu cuido¹⁰⁹. O respeito consiste em agir de tal maneira que as ações não desrespeitem a natureza e as pessoas, numa relação profícua e includente. O respeito a todos os seres, garante o direito de coabitar e de coexistir de cada espécie. A responsabilidade inscrita no código de todos os seres se difere no ser humano, que ao invés da seleção natural é proposto o cuidado e o amor. Isto não lhe permite fazer qualquer coisa diante do outro e da natureza¹¹⁰. A solidariedade universal consiste na distribuição dos bens conforme a necessidade de cada um, para que todos possam crescer e viver¹¹¹. Estes princípios são fundamentais para o viver e o conviver humanamente na casa comum.

Foi pelo trabalho que os seres humanos formaram as culturas como modelação da natureza em consonância com seus projetos e valores. Nesse processo se revelava já a vontade de poder e de dominação sobre a natureza. Ela se reforçou quando o ser humano se sentiu desafiado pelos obstáculos que encontrava. Então aumentou sua agressividade e exasperou sua indústria e gênio. Começou a utilizar um tipo de razão, a instrumental-analítica, pois essa é apropriada para a intervenção profunda na natureza. Esta faz com que o modo-de-ser do trabalho exija “objetividade”. Quer dizer, imponha um certo distanciamento da realidade a fim de estudá-la, acumular experiências com ela e assenhorear-se dela.¹¹²

¹⁰⁸ BOFF, *Ecologia*, p. 34.

¹⁰⁹ Cf. BOFF, *Ética e moral*, p. 48.

¹¹⁰ Cf. BOFF, *Ética e moral*, p. 50-51.

¹¹¹ Cf. BOFF, *Ética e moral*, p.53-54.

¹¹² BOFF, *O cuidado essencial*, p. 28-35

O ser humano tem um grande desafio na vida, segundo Boff, que é o de construir o seu ser com espírito ético junto à natureza, pois nasce na condição de criatura. O agir humano em relação ao restante da criação possui vínculo de responsabilidade pela sua capacidade diferenciada de consciência de si e dos outros. “O ser humano sempre é parte da natureza e interventor da natureza. A relação ser humano-natureza é dialética, quer dizer, ambos se encontram indissolavelmente intrincados um no outro, de tal forma que o destino de um se transforma no destino do outro”¹¹³.

As reflexões de Leonardo Boff, antes da LS, contribuem para despertar na teologia novas sistematizações que impulsionam a relação prática dos humanos com as outras criaturas e com o Criador. Estas reflexões têm muita proximidade com a *Laudato Si'* do Papa Francisco, pois como latino-americano, participou das discussões sobre as questões ecológicas e éticas no continente.

2.2 *Laudato Si'*

Já se passaram seis anos da publicação da Encíclica *Laudato Si'*, “Louvado seja, meu Senhor”, na qual o Papa Francisco reflete sobre o cuidado da casa comum. O título da Encíclica remete a São Francisco de Assis, que no seu hino de louvor a todas as criaturas canta a melodiosa intimidade com toda a natureza. A fidelidade de São Francisco “à Sagrada Escritura, propõe reconhecer a natureza como um livro esplêndido no qual Deus fala e transmite algo de sua beleza e bondade: na grandeza e na beleza das criaturas, contempla-se, por analogia, o seu Criador” (LS 12). O Papa Francisco reconhece em São Francisco o modelo para uma ecologia integral vivida no seu dia a dia, que requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas e são inseparáveis das preocupações com a natureza, a justiça com os pobres, com a sociedade e com a paz interior.

Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa. Isto exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrependê-se de coração, mudar a partir de dentro. (LS 218)

¹¹³ BOFF, *Ethos mundial*, p. 46.

Segundo o Papa Francisco, “o mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor” (LS 12). A contemplação sapiencial do mundo pode transformar a racionalidade e sensibilidade do ser humano com todas as criaturas e, por fim, reconhecer o Criador. O louvor supera a dor e o mistério revela a beleza da interconexão dos pólos energizados que iluminam a esperança, motor da humanidade.

A força motriz da *Laudato Si'* consiste na afirmação de que “tudo está interligado” e “interconectado”, o ser humano, a terra e a natureza são partes de um mesmo todo. Assim, destruir um, atenta o aniquilamento do outro e, de modo especial, os mais vulneráveis, os mais pobres e o planeta. Destruir a natureza equivale a exaurir as condições de vida do ser humano, que para a fé cristã é pecado (Cf. LS 8). A ecologia integral permeia a Encíclica *Laudato Si'* e elucida a íntima relação dos problemas atuais, que requerem o olhar atento a todos os aspectos da crise mundial nas dimensões humanas, social e ecológicas (Cf. LS 137).

Os desafios ético-teológicos da Encíclica consistem no reconhecimento da natureza como criação e na conversão ecológica, que passa pelas relações respeitadas do ser humano com o Criador e com as outras criaturas.

2.2.1 Desafios ético-teológicos emergentes da *Laudato Si'*

O “evangelho da criação” “exprime o poder criador de Deus de plasmar a vida e de fazer com que o mundo exista, juntamente com o quanto contém para sustentar a humanidade”¹¹⁴. A ligação das questões sociais e ambientais com a fé cristã compromete os cristãos com as complexas situações socioambientais e oferece a luz da fé para cuidar da natureza e dos humanos mais frágeis. A relação com Deus está conectada com toda a criação, obra do Seu plano de amor. No plano de amor de Deus as criaturas têm valor, significado e dignidade em si, conforme frisam os documentos pontifícios *Querida Amazônia* 54 e *Laudato Si'* 76. O ser humano é criado à imagem e semelhança do Criador, vocacionado e responsável para cuidar da obra criadora de Deus (Cf. LS 65). A fé o faz olhar com maior respeito à natureza, pois revela o amor escrito de Deus Criador, confiada como habitação a ser cultivada e guardada. O modelo de progresso que se baseia no lucro não reconhece a criação como dom de Deus, do qual provém toda autoridade no serviço do bem comum (Cf. LF 55).

¹¹⁴ FRANCISCO. *Vida Após a Pandemia*, p. 61.

A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn* 1,26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. [...] Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. (LS 65)

Segundo Paulo Suess, a reflexão teológica da questão socioambiental é a teologia da criação. Para Suess, “tudo o que existe fora de Deus foi criado por Ele”¹¹⁵. A criação, segundo a tradição judaico-cristã, “é mais do que dizer natureza, pois tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado” (LS 76). E, segundo a Carta aos Romanos 11,36, “tudo é dele, por ele e para ele”, a criação é a revelação da glória de Deus¹¹⁶. O “evangelho da criação”, para Francisco, é um convite à percepção da beleza e da dignidade da obra criada. O universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu cuidado para com toda a humanidade (Cf. LS 84). A humanidade entende melhor a importância e o significado da criação ao contemplá-la no “conjunto do plano de Deus” (LS 71).

Na contemplação do Criador e da criação o ser humano se descobre como um ser ético, capaz de responder com responsabilidade a proposta que lhe vem da criação (Cf. FT 214). Ao auscultar a natureza humana a ética descobre caminhos, que podem melhorar as ações humanas e estabelecer relações amorosas de adequada unidade com a diversidade de todas as coisas, com a criação. A natureza, é entendida por Francisco, “como um sistema que se analisa, compreende e gere” (LS 76), é a expressão da diversidade da qual o ser humano faz parte integral. A criação “só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal” (LS 76).

A harmonia da vida no planeta se dá na diversidade dos elementos e criaturas que constituem os ecossistemas. Estes incidem diretamente no ser humano e são necessários para o equilíbrio planetário que possibilita o existir da vida. A manipulação da natureza realizada pelas ações do ser humano, através do trabalho e da criatividade cultural, “continua a obra da criação com certa liberdade que exige responsabilidade”¹¹⁷. O modo de vida próprio de cada lugar é constituído de hábitos e costumes para organizar o espaço de forma a proporcionar abrigo,

¹¹⁵ SUESS, *Dicionário da Laudato Si'*, p. 09 e 10.

¹¹⁶ Cf. SUESS, *Dicionário da Laudato Si'*, p.10.

¹¹⁷ SUESS, *Dicionário da Laudato Si'*, p.10.

segurança e conforto ao ser humano. A organização do espaço para a vida do ser humano será plena ao integrar-se com a natureza, fonte de subsistência que lhe garante qualidade de vida.

A vida, tendo como centro o humano, impacta a natureza e desequilibra o planeta, que ameaça entrar em colapso e exaurir as possibilidades de vida. A centralidade do ser humano como dono do mundo agride e atinge o processo natural da vida.

O estado de perplexidade continua, pois se por um lado ainda não temos a certeza das possíveis consequências das mudanças climáticas sobre a biodiversidade, por outro tomamos mais consciência dos limites e dos riscos, sobretudo diante da insustentabilidade dos modelos políticos e econômicos, onde a biodiversidade não é contemplada como parte fundamental e integradora dos processos socioambientais, mas como expressão de uma realidade passível de exploração, esvaziada de sentido e fonte de recursos inesgotável, voltada para atender às demandas do mercado e ao consumismo insaciável da sociedade moderna.¹¹⁸

O egoísmo consumista do ser humano explora o planeta e esgota todas as fontes vitais da natureza. “A cultura e o sistema dominante são consumistas e esbanjadores”¹¹⁹. Neste sentido, o ser humano é desafiado a reconhecer o lugar onde está, o que está fazendo, o modo como vive e se relaciona com Deus, com o próximo e com a terra. Estas três relações vitais romperam-se não só por fora do ser humano, mas de modo especial no seu âmago, no seu interior (Cf. LS 66). Urge identificar princípios para interligar as relações vitais do ser humano, que balizem de forma equitativa a vida em plenitude para todos e possibilitem novos modelos de vida humana planetária.

2.2.2 Princípios éticos presentes na *Laudato Si'*

Os desafios éticos emergentes da *Laudato Si'* unem a família humana na proteção da vida na casa comum por meio de um “novo *ethos*”. Segundo Josafá Siqueira, o desafio atual na construção de uma ética ambiental é trabalhar na vertente do *ethos* (costumes) e do *héxis* (hábitos), reeducar antigos hábitos para criar novos e corrigir os costumes não sustentáveis e ecologicamente incorretos¹²⁰. Os princípios éticos presentes na *Laudato Si'* compreendem uma

¹¹⁸ SIQUEIRA, *Ética socioambiental*, p. 65.

¹¹⁹ BOFF, *Ecologia: grito da terra*, p. 267.

¹²⁰ Cf. SIQUEIRA, *Ética e meio ambiente*, p. 20.

visão integradora do bem comum e da sustentabilidade, da inclusão socioambiental e da educação ambiental, da teologia da criação e da conversão ecológica. A situação de caos social e ambiental atinge a humanidade em seu conjunto, que carece de diálogo para a construção do futuro do planeta. “O verde e o social caminham juntos: o destino da Criação está unido ao destino de toda a humanidade”¹²¹.

Para Libânio, “na fé atribuímos a Deus a criação e as leis evolutivas. O ser humano consegue, em parte modelar para o bem e para mal a realidade criada”¹²², que instiga a teologia a aproximar¹²³ Deus da sua criação no mundo material, pois esta é uma realidade espiritual. Não se pode defender uma espiritualidade que esqueça Deus criador todo amoroso e sensível com os dramas da natureza e do ser humano (Cf. LS 75). A relação do ser humano com Deus, único dono do mundo, é a melhor maneira de colocá-lo no seu lugar, acaba com a pretensão humana de dominar e impor à realidade suas leis e interesses (Cf. LS 75). A contemplação do Criador que vive entre os humanos e naquilo que os rodeia, precisa ser descoberta e não criada (Cf. LS 225).

Francisco suscita diversas reações dos cristãos católicos e da sociedade mundial, ao indagar o modo atual de vida, de produção, de consumo e os modelos político e econômico vigentes. “O Papa sublinha que o atual sistema mundial é insustentável, e que, no horizonte teológico, a humanidade frustrou a expectativa divina na sua missão de cuidar e ser guardiã dos bens da Criação”¹²⁴. As reações que a Encíclica suscita, dinamizam o campo de reflexão da fé vivida e celebrada e orientam o agir dos cristãos e dos homens e mulheres de boa vontade. “Quando a fé esmorece, há o risco de esmorecerem também os fundamentos do viver” (LS 55).

No centro da fé bíblica manifesta-se o amor de Deus, o seu cuidado visível por cada pessoa e o seu desejo de salvação que abraça a humanidade e a criação inteira. O clímax desta manifestação visível se dá na encarnação, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo (Cf. LF 54). Ele se oferece como O sacrifício, sem colocar ninguém no seu lugar: o Cordeiro, a oferta e a vítima, que manifesta a graça de Deus no amor incondicional, assumido no mistério da cruz.

¹²¹ FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*, p. 31.

¹²² LIBÂNIO, *A ética do cotidiano*.

¹²³ Segundo Boff, “as Igrejas foram cúmplices pela mentalidade que levou à atual crise mundial da biosfera. Elas não foram suficientemente críticas e não articularam, como contrapeso, sua própria bagagem teológica que permitia uma relação de respeito e veneração para com o criado.” BOFF, *Ecologia*, p. 79. “Quanto mais a teologia insistia sobre a transcendência de Deus e sobre sua distância do mundo material, tanto mais a Terra era entendida como um simples objeto de exploração humana e como uma realidade ‘não-espiritual’.” Relatório final da VIII Assembleia do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Canberra, em 1990. In. BOFF, *Ecologia*, p. 79.

¹²⁴ SIQUEIRA, *Laudato Si'*, p. 13.

O cristão se compromete com as questões socioambientais ao admitir a Criação como dom de Deus. A vida que emana no nascer do sol, do domingo sem ocaso, permite ao ser humano conhecer e identificar sua fé no cenário da vida pela força do amor (Cf. LS 64).

2.3 Reflexos e perspectivas a partir da *Laudato Si'*

A *Laudato Si'* repercute em diversos espaços acadêmicos, nas comunidades eclesiais de base, nos espaços públicos e, de modo especial, nos grupos que se organizaram para continuar refletindo sobre a Encíclica e suas temáticas. Ela animou o Sínodo da Amazônia e é tema das conferências episcopais em diversas partes do mundo.

O trabalho por ora apresentado segue investigando as reações da *Laudato Si'* na América Latina tendo como base os pensadores Dussel e Boff. De Dussel, toma-se por referência a entrevista concedida para o jornal *online Resumen Latinoamericano*, que foi republicada no jornal *online* do *Instituto Humanitas Unisinos*, no ano de 2019. Quanto ao segundo autor, Leonardo Boff, optou-se pela obra “Ética e espiritualidade: como cuidar da casa comum”. A seguir apresenta-se as respectivas reflexões.

2.3.1 Enrique Dussel

Os assuntos abordados por Dussel na entrevista são: “a vida e a morte, a saúde e a doença, a mudança climática e os possíveis destinos não só da América Latina, como também do mundo e da humanidade em geral”¹²⁵.

Já em 1998, em sua obra “Ética da Libertação”, Dussel havia citado Humberto Maturana, “não é que exista algo assim como ‘a vida’ em sentido abstrato, ou como enteléquia, mas, sim, que existem seres vivos autopoieticos”. Ao relembrar a afirmação, Dussel observa que a exposição de Maturana tem muito a ver com a sua concepção de ética. “A vida é *autopoietica*”. As plantas e os animais vão reproduzindo a vida em processo num sistema organizado e auto-suficiente. O mundo físico dos corpos celestes gasta energia e vai se

¹²⁵ Nas páginas a seguir, apresento uma síntese das afirmações de Dussel em entrevista disponível no IHU: FONSECA, Manuel; CORONA, Omar García; TINEO, Facundo. A ecologia deveria ser o remédio para tratar a grande enfermidade da terra: a destruição ecológica”. In: *IHU On Line*. Entrevista com Enrique Dussel. Publicado em: 3 de julho de 2019. Tradução Centro de Promoção de Agentes de Transformação (CEPAT). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590549-a-ecologia-deveria-ser-o-remedio-para-tratar-a-grande-enfermidade-da-terra-a-destruicao-ecologica-entrevista-com-enrique-dussel>. Acesso em: 26 de nov. de 2020.

degradando. A vida, ao contrário, é como um sistema processual ordenado com uma direção, que vai sendo criada com etapas qualitativas superiores.

Em torno do humano, a vida conseguiu sua maior complexidade e um desenvolvimento ainda indefinido para o futuro. Isto se é que mudamos os usos da civilização, que já começou, por outro lado, um processo entrópico geometricamente desenvolvido que levará à extinção da espécie humana. Já por cinco vezes a vida matou mais de 90% dos viventes e a última foi a etapa dos dinossauros. Estamos na quinta etapa, mas o antropoceno (a etapa do ser humano) parece que está acabando, caso continuemos o caminho que empreendemos. Iremos destruir a vida humana e também grande parte da vida que é parasitária de nossa vida.

A humanidade vive uma etapa que pode levar ao seu desaparecimento, pois se produz um processo suicida. Segundo Dussel, esta etapa não é o conceito de vida, nem da boa vida, mas ao contrário. “A vida é o ponto de partida” e sua afirmação tem a ver com a política e a economia. “Podemos dizer que a vida é a condição absoluta e universal de tudo o que o ser humano faz. Se matamos as condições que permitem a vida se reproduzir e crescer, então, é um ato ruim. É um ato bom se permitir a reprodução e o crescimento da vida.” E, apresenta, a exploração uns dos outros e os que vivem dos outros, como uma injustiça econômica. Assim, Dussel distingue a afirmação e a negação da vida: a afirmação seria o que ama a vida, *biófilo*; e a negação, o que ama a morte, *necrófilo* da vida.

O tema da vida, segundo Dussel, é motivo de reflexão de todas as ciências. A medicina é a arte de curar, de evitar a doença prolongando a vida. Esta é a sua essência, porém “o exercício da afirmação da vida se dá em estruturas ideológicas, políticas, econômicas e outras, precisamos enxergar que a própria medicina, primeiro responde a um conceito da vida”.

Segundo Dussel, o corpo era a vida para os gregos e a alma dava a vida ao corpo. A medicina, nesta compreensão, curava um pouco o corpo. Para os gregos, também valia a máxima: uma mente sã em corpo sadio. A medicina atual, pelo modo de intervenção, por vezes, também continua pensando que o tema fundamental é a corporalidade sofredora com a enfermidade, que supõe uma vida não cumprida. Assim, Dussel define a medicina “como uma ciência, uma instituição e instrumentos que afirmam a vida e a luta contra a enfermidade”.

A enfermidade é definida de muitas maneiras na história da humanidade.

Na Idade Média, pensava-se que um enfermo poderia estar sujeito a uma ação demoníaca. Então, fazia-se um exorcismo do demônio para curar alguém, pois o mal

era habitado por um espírito maligno. Nós, ao contrário, vamos para uma visão mais material. Não digo corporal, porque isso é diferente.

A enfermidade é influenciada pela farmacologia, que produz remédio, por uma indústria que cura a enfermidade com uma intervenção. Segundo Dussel, não se percebe que os remédios fazem parte de um sistema de transnacionais capitalistas e sua finalidade é o lucro. O exemplo que Dussel apresenta é muito importante para ilustrar essa questão: “por exemplo a Bayer – que produz não só sementes transgênicas, como também remédios”.

A farmacologia pode ser entendida como uma área de conhecimento permeada pela técnica através da qual o capital consegue lucrar por meio da exploração da enfermidade. E, impossibilita ao pobre, a compra dos remédios mais apropriados para curar as enfermidades novas que são produzidas. O problema da questão é que o poder econômico explora a enfermidade e determina, de certa forma, o uso da medicina e os médicos.

O serviço do médico funciona para evitar a enfermidade. E, portanto, o médico se transforma em instrumento de um sistema. Na Faculdade de Medicina, estuda-se a anatomia, a fisiologia e uma quantidade de partes da ciência médica para lutar contra a enfermidade. Contudo, não se estuda todo o sistema da exploração da enfermidade. Isso já seria metafísica, ou ética, e parece que não corresponde à Medicina. Mas, é justamente o tema. O médico é um instrumento do capital, e por isso há uma medicina para as classes altas que podem pagar e uma “medicina massiva” para os que não podem pagar, que, é claro, morrem antes, ainda que a [expectativa de] vida tenha crescido em relação a sua duração quantitativa.

A vida do ser humano e da natureza estão sendo definidas pelo poder econômico globalizado vigente. O avanço do conhecimento humano tem sido significativo para encontrar solução para as enfermidades, porém, o acesso é restrito aos endinheirados da sociedade. E, para além das enfermidades, este sistema produz outros efeitos nocivos para a vida na face da terra, que atinge primeiro os mais vulneráveis, os pobres e a natureza. A luta pela vida é o grande desafio da humanidade, que requer um novo modo de vida humana.

A sociedade moderna aponta a quantidade de pessoas no mundo como um problema e a solução para esta sociedade, segundo Dussel, é que os pobres morram. Afirma, ainda, que há outras formas para baixar a demografia e a terra voltar a crescer, porém a política e a economia que determinam a medicina não captam toda essa complexidade.

O tema da ética médica consiste em afirmar a vida do ser humano e não a exploração da enfermidade, visto que há um problema de injustiça em relação à luta contra a enfermidade.

Dussel apresenta três princípios éticos para a medicina: a) afirmar a vida e efetivar o seu prolongamento de maneira feliz; b) que a organização política seja formulada no princípio democrático; c) e a factibilidade, ou seja, executar a decisão tomada sobre como se deve afirmar a vida. E conclui pontuando: “é necessário mudar as estruturas, não só da medicina, mas também da economia, onde a finalidade já não seria o aumento da taxa de lucro, mas, ao contrário, o aumento da qualidade da vida”.

Segundo Dussel, a realidade supõe uma nova teoria e uma nova ética, porém não é a ética dos valores ou da honestidade individual, mas pensada a partir das estruturas reais. A gravidade da situação é global e de conjunto, pois as condições que possibilitam a reprodução da vida estão chegando ao limite. A vida volta a estar no horizonte próximo. Esta nova realidade só será possível com uma nova mentalidade diferente da lógica do lucro, da lógica idolátrica do capital.

A humanidade está diante de um tempo apocalíptico, segundo Dussel, no fim dos tempos num sentido mítico, pois não há muito futuro para a humanidade, caso continue como está e não mude. “A ecologia se transforma em remédio que agora trata a enfermidade da terra, que é a destruição ecológica. Essa é a grande enfermidade. E como conseguir, então, que a vida continue para as próximas gerações”.

Segundo Dussel, na América Latina há uma batalha política e econômica, pois se a política tomar certas medidas que não estejam na lógica do capital, este se retira e instaura-se a crise. A política tem a ver com o como se dirige a economia, que está bem organizada e sabe como se defender de qualquer ameaça de organizações que não sirvam ao capital e ao lucro.

A situação é complicada e exige realismo crítico. A história continua e os povos continuarão lutando, e as pessoas vão tomando consciência de que a situação é difícil e que é necessário se comprometer. Assim conclui Dussel: “não sou otimista, mas não perco a esperança”.

2.3.2 Leonardo Boff

A obra tomada como referência na presente pesquisa é “Ética e Espiritualidade: como cuidar da casa comum”, publicada no ano de 2017. Esta exposição se revela no título que está na perspectiva da *Laudato Si'*, pois no seu enunciado tem duas palavras em comum: cuidar e casa comum. E, Boff cita Francisco várias vezes nesta obra. A temática central da obra é a Terra. Na primeira parte, reflete sobre “o que é a terra”, primeiro como Grande Mãe, a seguir como Casa Comum e por último Gaia. Na segunda parte discorre sobre os fundamentos de

“uma ética da Mãe Terra”. Na terceira parte aborda “a dignidade e os direitos da Mãe Terra”. Na quarta parte registra “os novos rumos para a Mãe Terra” e na última parte discorre sobre “ética e espiritualidade: duas irmãs gêmeas”. Este trabalho se concentra no segundo capítulo e de modo especial, no ponto: Quatro virtudes cardeais de uma ética da Terra.

O drama que afeta o planeta e a humanidade contém transfundo ético¹²⁶. Para Boff, os atos, as atitudes e o conjunto das relações humanas são danosas e eticamente irresponsáveis. A terra precisa de uma ética regeneradora¹²⁷. Assim, Boff cita a afirmação de Francisco na *Laudato Si'*, 53: “Nunca maltratamos e ferimos a nossa Casa Comum como nos últimos dois séculos [...]. Essas situações provocam os gemidos da irmã Terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo”.

Para Boff, as fontes históricas das éticas vigentes provêm das religiões, da razão crítica, do desejo, da responsabilidade e do cuidado. As religiões “animam valores, ditam comportamentos e dão um significado último à vida de grande parte da humanidade que, a despeito do processo de secularização, rege-se pela cosmovisão religiosa”¹²⁸. O valor da ética das religiões é inestimável, pois se refere ao último fundamento, o Absoluto, o Ser Supremo: Deus. O mais difícil, em sua concepção, é fundamentar o consenso ético somente no fator religioso¹²⁹, devido à exigência do diálogo entre as religiões baseado nos princípios basilares em comum, e não nos que as diferenciam. Isso conduz à construção da paz, que contribuirá para a paz entre os povos¹³⁰.

O cristianismo questiona o sistema capitalista ao optar pelos pobres, aqueles que não contam para o mercado, porém o mercado é anterior e mais amplo em sua estruturação do que o sistema capitalista. A relação de mercado se faz presente na realidade humana desde sua gênese. O mercado é eminentemente social e rege a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços. No sistema atual, ele adota a economia do crescimento linear na produção de bens e serviços, deixando de lado a produção do suficiente para todos. A lógica do mercado

¹²⁶ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 11.

¹²⁷ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 11.

¹²⁸ BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 55.

¹²⁹ Para Leonardo Boff, o pensador alemão Hans Küng propõe o fator religioso como a matriz da ética planetária. E apresenta o diálogo entre as religiões como caminho possível para a construção da paz entre os povos. Esta reflexão é desenvolvida por Hans Küng nas suas obras: *Projeto de uma ética mundial*: Paulinas, 1991 e *Uma ética global para a política e a economia mundial* (Vozes, 1999). KÜNG APUD BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 55.

¹³⁰ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 55.

divinizado se apresenta como inimiga da vida das grandes majorias e, negador do projeto de Deus, “que é a construção da irmandade entre todos os humanos”¹³¹.

Outra fonte da ética é a razão crítica, que, segundo Boff, é imprescindível em qualquer matriz de ética, de modo que não se pode renunciar a ela. Esta razão crítica, porém, não abarca o todo da vida humana, que é constituída por outras dimensões como a afetiva, o cuidado, a estética e a espiritual¹³². A fonte racional da ética é restrita aos ambientes ilustrados e com pouca incidência no habitual das populações.

Já, a fonte ética do desejo de conquistar o mundo, une-se com a cultura da modernidade gerando, no capitalismo comercial, a cultura do consumo pelo consumo e a satisfação exacerbada de todos os desejos. É desta fonte, com estrutura infinita, que surge a possibilidade do ser humano dar forma, direção e limite aos seus desejos, dos quais nascem as normas, os valores e a sua própria identidade. “Precisamos incorporar o desejo, fundamento do princípio esperança, fonte de inovações, utopias e sonhos, em algo mais fundamental que se componha com outras dimensões da condição humana”¹³³.

As outras duas fontes da ética apresentadas por Boff são: a responsabilidade¹³⁴ e o cuidado. A primeira é a capacidade que o ser humano tem de dar-se conta das consequências dos seus atos. Toda ação, consciente ou inconsciente, repercute na realidade pessoal, coletiva e da natureza. A consciência dos atos acompanha a pessoa por toda a vida e lhe permite perceber o que é bom e o que é destrutivo. O cuidado, por sua vez, decorre da razão sensível e cordial que completa e enriquece a razão intelectual¹³⁵. A fonte do cuidado é fundamental, pois condiciona o agir para que o ser possa aparecer, previne e protege a vida, suscita compaixão e ternura para consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Também impulsiona o ser humano a uma relação amorosa com atitude positiva para prevenir danos futuros e resgatar danos acontecidos.

Para Boff, a ética não apenas assenta-se e efetiva-se por meio de princípios e ideais, mas fundamentalmente se concretiza em virtudes e na maneira cotidiana de viver uma relação

¹³¹ BOFF, *Ética da vida*, p. 54.

¹³² Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 57.

¹³³ BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 58.

¹³⁴ Esta fonte é embasada no pensamento de Hans Jonas, na sua obra: *Princípio responsabilidade*, do qual Boff cita o imperativo categórico: “aja de tal maneira que as consequências de tuas ações não sejam destrutivas da natureza e da vida na Terra.” JONAS APUD BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 58.

¹³⁵ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 59.

ética¹³⁶ para com as pessoas e com a natureza¹³⁷. Para ele, na fase atual da humanidade, são elencadas quatro virtudes. A hospitalidade¹³⁸, a primeira virtude da globalização, postula que todos os seres são habitantes deste planeta e têm o direito de visitá-lo, de hospedar e de serem hospedados nele. A hospitalidade tem desafiado a humanidade em todos os períodos de sua história. No contexto atual, os países fecham as suas fronteiras por conta do coronavírus, impedindo o ingresso de pessoas de outros países. A hospitalidade se dá no gesto concreto de acolher o outro, para que possa viver dignamente sua vida¹³⁹.

A segunda virtude é a convivência necessária, indispensável: os seres humanos não existem, mas coexistem; não vivem, mas convivem. “A convivência supõe que para além das diferenças possamos descobrir pontos em comum. Só então convivemos com as diferenças e não apesar delas”¹⁴⁰. Os seres humanos são ecodependentes, não estão diante da natureza, mas dentro dela e da qual a família humana faz parte. A virtude da convivência indispensável, segundo Boff, convida a conviver com as diferenças e no jogo das diferenças interdependentes. O desafio, portanto, consiste em não permitir que as diferenças se constituam em desigualdades em relação ao outro nosso semelhante e à natureza¹⁴¹.

A terceira virtude é a tolerância necessária, pois quando os seres humanos se encontram, percebem que têm valores distintos que dificultam o acolhimento¹⁴². A tolerância consiste em permitir que o outro seja diferente de mim, mesmo que eu não o entenda. A tolerância enriquece as relações e possibilita a descoberta de que é possível ser humano de muitos modos. A intolerância gera conflitos, abusos e a tendência de eliminar o diferente.

A quarta virtude, é a comensalidade, isto é, que todos possam se encontrar ao redor de uma única mesa, que é a experiência existencial, para celebrar a gratuidade dos elementos da natureza, para conviver e trocar experiências, unidos no sentimento de estar em casa. Segundo Boff, “foi pelo comer e beber juntos que nossos ancestrais antropóides deixaram para trás a

¹³⁶ Segundo Marciano Vidal, ninguém pode escapar da responsabilidade das injustiças estruturais da sociedade, não há refúgio numa ética de justificação puritana por mecanismos farisaicos e hipócritas. A pessoa é a fonte e o conteúdo da dimensão ética e suas realizações dependem das decisões livres e responsáveis. Cf. VIDAL. Dicionário de moral, p. 242. A ética tem um significado especificamente marcado pelo livre agir do homem. Cf. VIDAL. *Caminhos para a ética cristã*, p. 15.

¹³⁷ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 95.

¹³⁸ Leonardo Boff embasa esta virtude na obra de Kant, Paz Perpétua. Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 95

¹³⁹ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 98.

¹⁴⁰ BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 98.

¹⁴¹ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 98 e 99.

¹⁴² Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 99.

animalidade e se transformaram em humanos”¹⁴³. Nessa direção, a família humana pode se dividir entre os milhões e milhões de famintos e os poucos que dispõem abundantemente os meios de vida¹⁴⁴.

A vida é a temática central dos debates e reflexões deste tempo, que por diversos enfoques assume a causa dos vulneráveis, dos pobres e da natureza: Criação. A humanidade contempla a vida moderna e sente a dura realidade, imposta pelos diversos fatores apresentados neste trabalho. A interpretação do contexto social e ambiental exige novas respostas para transformá-lo, pois as questões também mudaram. A criação querida por Deus, Criador e libertador do povo, se afastou dos princípios fundamentais de cultivar e guardar, cuidar e amar.

No próximo capítulo serão abordadas algumas proposições para praticar o cuidado, a solidariedade e a responsabilidade, confiados pelo Criador à criatura humana.

¹⁴³ BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 100.

¹⁴⁴ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 100.

3 Francisco depois da *Laudato Si'*

Este capítulo propõe-se refletir sobre as declarações do Papa Francisco após a LS, tendo presente a dimensão humana e social do cuidado, da solidariedade e da responsabilidade na perspectiva da interdependência para sair da espiral de autodestruição. A humanidade é convidada a pensar num único mundo e num projeto comum (Cf. LS 164), que preserve a vida no planeta, supere as desigualdades e as agressões à criação.

A *Laudato Si'* é revisitada pelo Papa em diversos momentos de suas manifestações. Aqui, tomarei como referência os seus pronunciamentos por ocasião do dia mundial de oração pelo cuidado da criação, que é celebrado a cada ano no dia primeiro de setembro. Esta data já era celebrada pela Igreja Ortodoxa e Francisco assumiu essa reflexão na Igreja Católica desde 2015. O objetivo do tempo de oração pelo cuidado da criação visa ser um momento para aumentar o sentimento de unidade entre as várias confissões cristãs e oferecer aos fiéis a preciosa oportunidade de renovar a vocação de guardiões da criação; de agradecer à Deus Criador pela obra maravilhosa confiada aos cuidados do ser humano, invocando sua ajuda para protegê-la e sua misericórdia pelos pecados cometidos contra o mundo.

O Papa Francisco salienta:

Compartilhando com o amado irmão o Patriarca Ecumênico Bartolomeu as preocupações pelo futuro da criação (cf. Cart. Enc. *Laudato Si'*, 7-9), e acolhendo a sugestão de seu representante, o Metropolita Ioannis de Pérgamo, um dos convidados na apresentação da Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum, desejo comunicar-vos que decidi instituir também na Igreja Católica o "Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação" que, a partir do ano corrente, será celebrado no dia 1º de Setembro, assim como já ocorre há tempos na Igreja Ortodoxa.¹⁴⁵

Com a instituição desta data na Igreja Católica, Francisco amplia o diálogo ecumênico e compartilha as suas preocupações com o futuro da criação. Francisco afirma: “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa” (LS 217). A obra de Deus, escrita e inscrita na criação, revela sua presença como fonte de vida e de amor em todas as criaturas, sua

¹⁴⁵ FRANCISCO. Carta do Papa Francisco por ocasião da instituição do “Dia mundial de oração pelo cuidado da criação”.

gratuidade e infinita bondade que se expressa na diversidade de formas de vidas e de ecossistemas presentes no planeta. Estes requerem um olhar atento, um ver capaz de se sentir parte, de compartilhamento do comum, em direção a um modo de vida no qual o humano seja parte da natureza criada, mas também criadora de múltiplas e diversificadas fontes de energia, de vida e sustentabilidade à existência humana. Dessa íntima relacionalidade entre o humano e o Outro, seja esta entidade compreendida como a Suprema força criadora, ou mesmo como as demais formas de vidas existentes no planeta terra, é que dependerá o futuro das novas gerações e como será ainda possível se pensar em termos de pertencimento à terra, e como isso poderá mostrar um fundamental redimensionamento da vida humana em sua coexistência num mundo ainda habitável. Nessa direção, no que segue, será abordada a temática do evangelho da criação na perspectiva da ecologia integral, a partir da *Laudato Si'*.

3.1 O “Evangelho da Criação”

Ao abordar a temática do “Evangelho da Criação” a Encíclica recolhe e expõe as convicções da fé cristã e da tradição para confrontar a atual crise socioambiental, e corrigir as interpretações da tradição que possam justificar e favorecer a dominação do ser humano sobre a criação. Nessa direção, Francisco é categórico: “Não somos Deus” (LS 67). Esta negação identifica o ser humano como criatura entre as criaturas, para viver a sua vocação de guardar e cultivar o dom de Deus em si e nas demais criaturas.

A interpretação do livro da criação e dos textos Sagrados, por vezes incorreta e mal compreendida pelo ser humano, induziu e instigou a adoção de práticas que expressam uma exploração feroz da natureza, que justifica a dominação que o ser humano exerce nas demais criaturas, colocando-o em um patamar acima das criaturas, enquanto senhor e dono de todos os bens, capaz de arbitrar e decidir acerca da disposição dos bens da criação, em como usá-los e em vista dos fins que melhor lhe aprouver. Diante disso, alerta Francisco: “É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a cultivar e guardar o jardim do mundo” (LS 67). A releitura aponta para uma relação de reciprocidade solidária e responsável entre o ser humano e as outras criaturas (Cf. LS 67).

Somos feitos de *matéria terrena*, e os frutos da terra sustentam a nossa vida. Mas, como nos recorda o Livro do *Gênesis*, não somos simplesmente “*terrestres*”: temos em nós também o *sopro vital* que vem de Deus (cf. *Gn 2,4-7*). Portanto, vivemos na casa comum como uma família humana e na biodiversidade com as outras criaturas

de Deus. Como *imago Dei*, imagem de Deus, somos chamados a cuidar e respeitar todas as criaturas e a nutrir amor e compaixão pelos nossos irmãos e irmãs, especialmente pelos mais fracos, à imitação do amor de Deus por nós, manifestado no seu Filho Jesus, que se fez homem para partilhar conosco esta situação e para nos salvar.¹⁴⁶

Segundo Francisco, o mundo natural para os crentes é o “Evangelho da criação”, que exprime o poder Criador de Deus em todas as criaturas.¹⁴⁷ A família humana faz parte da criação e dialoga sobre a maneira de como melhor construir o futuro do planeta, que será possível se não destruir o meio ambiente que o sustenta. O ser humano, criatura terrestre¹⁴⁸ com sopro divino, é a criatura capaz de pensar e ter consciência de suas ações que, podem ser sobre os outros ou com os outros. Os “outros”¹⁴⁹, compreende os seus semelhantes humanos, animais, plantas, terra, ar e as águas. “Deus escreveu um livro estupendo, cujas letras são representadas pela multidão de criaturas presentes no universo” (LS 85).

A criação é dom supremo do amor de Deus, que segue presente em cada criatura como ação criadora (Cf. LS 80). A diversidade das criaturas, mesmo na sua espécie, é a mais sublime expressão de Deus a ser compreendida pela racionalidade humana num verdadeiro ato de amor. A criação é um conjunto integral e relacional da linguagem do amor de Deus, que se revela ao ser humano num espaço geográfico. A natureza é parte constitutiva geradora das diversificadas formas de vidas e do ser humano, como explicita Francisco

Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus. A história da própria amizade com Deus desenrola-se sempre num espaço geográfico que se torna um sinal muito pessoal, e cada um de nós guarda na memória lugares cuja lembrança nos faz muito bem. Quem cresceu no meio de montes, quem na infância se sentava junto do riacho a beber, ou quem jogava numa praça do seu bairro, quando volta a esses lugares sente-se chamado a recuperar a sua própria identidade. (LS 84)

¹⁴⁶ FRANCISCO. *Audiência geral, catequese por ocasião do 50º dia Mundial da Terra*.

¹⁴⁷ Cf. FRANCISCO. *Audiência geral, catequese por ocasião do 50º dia Mundial da Terra*.

¹⁴⁸ “A Terra é o grande sujeito vivo que sente, que ama, que pensa e que sabe que pensa, que ama e que sente por nós e através de nós. O amor nos inicia a uma identificação tal com a Terra que já não precisamos mais tomar consciência dessas coisas. Elas já viraram nossa segunda natureza”. BOFF, *Ecologia, grito da terra*, p. 270.

¹⁴⁹ Susin e Zampieri apresentam na obra: *A vida dos outros: ética e a teologia da libertação animal*, afirmam que: “Aos animais não devemos justiça, mas benevolência. Tratá-los com benevolência lhes é devido, e a crueldade é errada em si mesma. É certo que a crueldade para com os animais pode levar o homem a progredir na crueldade para com o próprio homem.” SUSIN, ZAMPIERI, *A vida dos outros*, p. 95.

Na mensagem de lançamento da década de restauração de ecossistemas promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), Francisco menciona um esforço para promover uma “ecologia integral”.¹⁵⁰ O conceito da ecologia integral, de Francisco, é complexo e multidimensional, visto que exige uma visão do todo e a longo prazo. Nessa direção, salienta a “inseparável preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior” (Cf. LS 10). A ecologia integral, por conseguinte:

- a) Visa recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos e o espiritual a mais íntima relação do Criador com as criaturas (Cf. LS 210).
- b) Torna o ser humano consciente da própria responsabilidade consigo mesmo, com o próximo, com a criação e com o Criador (Cf. LS 210).¹⁵¹
- c) Inclui as dimensões humanas e sociais no respeito à diversidade para acolher e conviver em consonância sem pretender torná-lo/a igual.¹⁵²
- d) Contempla e compreende o conjunto da criação, querida por Deus e a interdependência das criaturas, pois nenhuma se basta por si mesma (Cf. LS 86).
- e) Atenta para mudanças na humanidade, que conduzam a um crescimento integral da vida no planeta, no qual o ser humano possa cuidar do jardim confiado a ele por Deus.¹⁵³

Assim, assevera Francisco:

[...] precisamos de uma nova abordagem ecológica que transforme a nossa maneira de habitar o mundo, os nossos estilos de vida, a nossa relação com os recursos da Terra e, em geral, o modo de olhar para o homem e de levar a vida. Uma ecologia humana integral, que envolve não só as questões ambientais mas o homem na sua totalidade, torna-se capaz de ouvir o clamor dos pobres e de ser fermento para uma nova sociedade.¹⁵⁴

¹⁵⁰ Cf. FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre para o lançamento da Década de Restauração de Ecossistemas promovido pela ONU*.

¹⁵¹ Cf. FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre para o lançamento da Década de Restauração de Ecossistemas promovido pela ONU*.

¹⁵² Cf. FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco para lançamento da plataforma de ação Laudato Si'*.

¹⁵³ Cf. FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco para lançamento da plataforma de ação Laudato Si'*.

¹⁵⁴ FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco para lançamento da plataforma de ação Laudato Si'*.

Segundo Cláudio Hummes, a ecologia integral enunciada por Francisco é “um novo modo de entender a relação profunda existente entre todas as criaturas do nosso planeta”¹⁵⁵. O estudo da ecologia como relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem (Cf. LS 138), é ampliado com o horizonte da ecologia integral que postula a interconexão e a interdependência entre meio ambiente e comunidade humana. A relação dos organismos vivos está estreitamente interligada no mundo, não só na natureza, mas também na sociedade que a habita (Cf. LS 139). A ecologia integral “vai muito além do cuidado com a natureza, trata-se de cuidar uns dos outros como criaturas de Deus que nos ama e, de tudo o que isso envolve”¹⁵⁶. Ou seja, dito de outro modo: cuidar da casa comum, do cosmos, em última instância, indica o cuidado¹⁵⁷ de si próprio, das diversificadas formas de vida, dos ecossistemas, das riquezas naturais e dos biomas existentes. Pois, do equilíbrio entre essas várias formas de vida depende a coabitação dos humanos no mundo. Logo, viver é estar em íntima e estreita relação e uso, o que, por fim, indica que seremos afetados pelo modo como se trata da natureza, das coisas e dos outros. Dependendo da forma como é usada a natureza e como são dispostos e utilizados os bens naturais, decorrem determinadas consequências diretas à saúde vital do planeta. E, ainda mais, tendo em vista a existência de outros paradigmas já vigentes, de destruição e de aniquilação da vida, visto que a salvação econômica possui primazia total sobre as demais dimensionalidades da vida.

Uma ecologia integral se concretiza nos pequenos gestos que quebram a lógica da violência, da exploração e do egoísmo humano. E, recupera a harmonia da criação com a dedicação de tempo, com a reflexão sobre o estilo de vida, os ideais do ser humano e a contemplação do Criador (Cf. LS 225).

O princípio da ecologia integral é a interdependência entre os sistemas sociais e ambientais, que unifica a ética social ao bem comum. Como já foi apresentado neste trabalho, Francisco faz referência ao termo “ecologia integral” para referir-se à abordagem sistêmica da realidade social e ambiental e sua interdependência, respeitando e honrando as culturas locais de todos os povos. Para ele, a cultura ecológica:

¹⁵⁵ HUMMES, *O sínodo para Amazônia*, p. 24.

¹⁵⁶ FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*, p. 31.

¹⁵⁷ Segundo Boff: “Quando amamos, cuidamos e quando cuidamos, amamos. Por isso o *ethos* que ama se completa com o *ethos* que cuida. O “cuidado” constitui a categoria central do novo paradigma de civilização que forceja por emergir em todas as partes do mundo”. BOFF, *Ética e moral*, p. 48.

Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso contrário, até as melhores iniciativas ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece, é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial. (LS 111)

Conforme Cláudio Hummes, a degradação, a devastação e a destruição da natureza pelas intervenções irresponsáveis da humanidade, na busca predatória de bens de consumo, revelam algo de errado nessa modalidade de intervenção. Os seres humanos fazem parte do planeta, mas não são donos absolutos para tratar a natureza como propriedade e extrair suas riquezas a todo custo, sem prestar contas a ninguém. “O resultado nefasto é a crise climática e socioambiental grave que hoje a humanidade enfrenta”¹⁵⁸. Reconhecer que a terra é criação de Deus e que o ser humano é formado do pó da terra, pelo sopro divino para cuidar da terra, explicita e pressupõe o quanto tudo está interligado e conectado. Portanto, tudo o que se faz contra a terra repercute negativamente na sociedade e vice-versa¹⁵⁹.

Como salienta a ecologia integral, os seres humanos estão profundamente ligados entre si e à criação na sua totalidade. Quando maltratamos a natureza, maltratamos também os seres humanos. Ao mesmo tempo, cada criatura tem o seu próprio valor intrínseco que deve ser respeitado. Escutemos tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres e procuremos atentamente ver como se pode garantir uma resposta adequada e célere.¹⁶⁰

A conexão da natureza com a sociedade que a habita tem relação com sua organização, sua economia, seu comportamento, sua espiritualidade e a maneira de entender a realidade¹⁶¹. As ações e os gestos simples do cotidiano do ser humano fazem parte da ecologia integral (Cf. LS 230), que tece a conexão dos fragmentos da realidade socioambiental, sensibiliza a razão na leitura do contexto com o olhar aberto à diversidade e conectado com a realidade para vislumbrar um mundo possível. O tempo revela o destino do que não se pode evitar para a

¹⁵⁸ HUMMES, *O sínodo para Amazônia*, p. 24.

¹⁵⁹ Cf. HUMMES, *O sínodo para Amazônia*, p. 24.

¹⁶⁰ FRANCISCO. *Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para a celebração do dia mundial de oração pelo cuidado da criação*, 2016.

¹⁶¹ Cf. HUMMES, *O sínodo para Amazônia*, p. 25.

humanidade de forma inseparável de sua íntima unidade com aquilo que tem que ser do humano na casa comum. Esta visão conecta o Criador às criaturas, o humano e a natureza para cuidar uns dos outros como um todo na harmonia da diversidade.

Na interlocução com Austen Ivereigh, o Sumo Pontífice denuncia a dissociação entre a ética e da economia. “Uma sociedade fragmentada nunca pode estar em paz consigo mesma, porque é incapaz de enxergar os efeitos sociais da desigualdade”¹⁶². E critica a ideia fictícia que permite o aumento da riqueza de forma descontrolada para criar suposta prosperidade para todos. Trata-se do mito do progresso¹⁶³: quanto mais se obtiver riqueza, mais progresso. A verdade, no entanto, é o oposto: quanto mais riqueza, mais natureza arrebatada, mais capital acumulado e, por conseguinte, mais miséria e fome. Assim, menciona Francisco.

Para ver que isso é falso, basta olhar à nossa volta: entregues aos seus próprios meios, os mercados geraram imensa desigualdade e enormes danos ecológicos. Uma vez que o capital se converte num ídolo que governa o sistema socioeconômico, ele nos escraviza e nos coloca uns contra os outros, exclui os pobres e põe em perigo o planeta que todos partilhamos.¹⁶⁴

A humanidade escravizada pelo sistema socioeconômico tecnocrata¹⁶⁵ ameaça a vida do planeta e submete a maior parte de sua espécie a situações de extremas desigualdades desumanizantes. “Enquanto permitimos que permaneçam as desigualdades, as injustiças e a violação aos direitos humanos uns dos outros, não teremos condições de lutar e defender os outros seres universais a nós confiados”¹⁶⁶. A desumanização como resultado da concentração de riqueza nas mãos de poucas pessoas, gera pobreza extrema para a maioria da humanidade e provoca rupturas entre os humanos. De um lado, os poucos que têm muito, que vivem fartados e com acesso a todos os recursos dos bens da criação, da ciência e da técnica; do outro, os que

¹⁶² FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*, p. 93.

¹⁶³ Segundo Boff, o modelo vigente de desenvolvimento do qual as sociedades mundiais são reféns de um mito de progresso e do crescimento ininterrupto e ilimitado, ostenta taxas crescentes na produção de bens e serviços, que “obedece à lógica férrea da maximalização dos benefícios com a minimalização dos custos e do emprego do tempo.” BOFF, *Ecologia: Grito da terra*, p. 95

¹⁶⁴ FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*, p. 94.

¹⁶⁵ Na *Populorum Progressio*, parágrafo 34, Paulo VI pontuava: “A tecnocracia de amanhã pode gerar ainda piores males que o liberalismo de ontem. Economia e técnica não têm sentido, senão em função do senhor das suas ações e juiz do valor destas, é autor do seu progresso, em conformidade com a natureza que lhe deu o Criador, cujas possibilidades e exigências ele aceita livremente.”

¹⁶⁶ OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Alcances e limites da Laudato Si'*, p. 14-19.

não possuem nada, os zeros da sociedade que lutam para sobreviver sem conseguir acessar o alimento, a habitação e os imunizantes necessários para sobreviver nas pandemias. Aos pobres é negada a possibilidade de obterem os direitos básicos, normativamente previstos nas constituições federativas de cada Estado, o que coloca em xeque a velha e esfarrapada figura do Estado, sempre mais diminuído e desacreditado. Na lógica do tardo-capitalismo, a esfera estatal está assente na ideia de que este deve reger-se como uma empresa, deixando ao cidadão a liberdade máxima para escolher entre aquilo que mais lhe aprouver, mas obviamente, olvidando-se de que o ponto de partida é desigual. Isto é, qual seria a livre possibilidade de avançar e de crescer socialmente para um empobrecido que não possui os bens básicos para uma vida digna, um mínimo existencial equitativo diante de quem possui bens acumulados?

A injustiça causa desequilíbrio nos sistemas sociais e ambientais e rompe a conexão relacional da humanidade com o Criador e com as demais criaturas. Esta unidade é fundamental para a vida na casa comum, pois não há sociedade fora da natureza e a construção social precisa pressupor um cosmos, um ambiente vivível, ou seja, a sociedade constitui-se na natureza, é textura dela, parte dela; do contrário, a natureza é vista como inimiga da sociedade e vice-versa. O percurso do processo contínuo de desenvolvimento sustentável se dá na diversidade da criação.

A diversidade não pode ser entendida como desigualdade social, ou ambiental, pois faz parte integral da criação como biodiversidade. Cada exemplar é único em sua espécie e sua presença harmoniza o todo. A complexidade da diversidade compõe a beleza da criação, que consiste no movimento contínuo de desenvolvimento integral. O desigual que constitui a diversidade ecológica não parte do aspecto divergente do outro, mas da sua potencial necessidade como diferente para o bem do todo. A relação de desigualdade ameaça a dignidade dos seres vivos, que equilibram o todo com sua participação equitativa na casa comum.

3.2 O cuidado solidário

O Papa Francisco reflete na *Laudato Si'*, “sobre o cuidado da casa comum”, inspirado no exemplo de São Francisco de Assis, que louva o Criador pelas suas criaturas, chamando-as de irmãs e irmãos. O testemunho de São Francisco, no seu cântico das criaturas e no seu modo de vida, revela uma relação cuidadosa pelo que é frágil. A vida do Santo é um exemplo de alegre convívio e “atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados” (LS 10). O sinal de São Francisco inspira uma nova humanidade para conviver em harmonia com as outras criaturas e com Deus.

O Sumo Pontífice faz referência a São Francisco no louvor às criaturas e na visão do planeta como casa, lugar para a vida humana acontecer com as demais criaturas. E, manifesta o anseio de unir toda família humana em vista de proteger a casa comum, pois a situação ambiental exige que sejam tomadas medidas responsáveis em relação à criação na busca de um desenvolvimento sustentável (Cf. LS 13). O Papa Francisco revela sua confiança em Deus e na capacidade da humanidade para assumir o desenvolvimento sustentável, ao afirmar: “O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum” (LS 13).

A capacidade humana para colaborar na construção da casa comum é interrompida pela inveja, que provoca rupturas e causa “o descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e proteção, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra” (LS 70). O rompimento das relações vitais quebra os elos de fraternidade, justiça e fidelidade do ser humano com os outros e consigo mesmo (Cf. LS 70).

O Criador faculta ao ser humano o cuidado da casa comum, que ao contemplar a criação deve adotar um modo de vida para cuidar de si mesmo e zelar por toda a criação. Segundo Francisco, a origem da vocação humana ao cuidado, procede do Criador.

Na Bíblia, o livro do Génesis revela, desde o início, a importância do cuidado ou da custódia no projeto de Deus para a humanidade, destacando a relação entre o homem (‘adam) e a terra (‘adamah) e entre os irmãos. Na narração bíblica da criação, Deus confia o jardim plantado no Éden (cf. Gn 2,8) às mãos de Adão com o encargo de o cultivar e guardar (Gn 2,15). Isto significa, por um lado, tornar a terra produtiva e, por outro, protegê-la e fazê-la manter a sua capacidade de sustentar a vida. Os verbos cultivar e guardar descrevem a relação de Adão com a sua casa-jardim e indicam também a confiança que Deus deposita nele fazendo-o senhor e guardião de toda a criação.¹⁶⁷

A terra é um organismo vivo e sistêmico, constituído pelos ecossistemas com imensa biodiversidade, que abriga e sustenta a vida de todas as criaturas. Por isso, o cuidado da terra é também o cuidado da própria humanidade. O cultivo da terra pelo trabalho das criaturas deveria fazer dela um belo jardim de flores, frutos e sementes que as alimentam. O ser humano é

¹⁶⁷ FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do 54º dia mundial da paz.*

vocacionado para cuidar da terra, pois o Criador lhe capacita para cultivar e guardar a casa comum, que compreende o cuidado da vida de todos os seus habitantes.

Neste contexto, juntamente com a importância dos pequenos gestos diários, o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma *cultura do cuidado* que permeie toda a sociedade. Quando alguém reconhece a vocação de Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isto faz parte da sua espiritualidade, é exercício da caridade e, deste modo, amadurece e se santifica. (LS 231)

A interdependência assinala que a vida humana está entrelaçada às demais criaturas para sobreviver, ou seja, todas as formas de vida estão interligadas (Cf. LS 137) e fazem parte da ecologia social. Por esse motivo, o ser humano que contempla com sabedoria a criação recolhe o alimento e o próprio sentido da sua existência e limita as suas ações para que o sistema vida possa fazer seu percurso natural com sua diversidade, da qual os humanos fazem parte integral. Nesta direção, afirma Francisco:

A contemplação, que nos leva a uma atitude de cuidado, não significa olhar para a natureza de fora, como se não estivéssemos imersos nela. Mas estamos dentro da natureza, somos parte da natureza. Pelo contrário, partimos do interior, reconhecendo-nos como parte da criação, tornando-nos protagonistas e não meros espectadores de uma realidade amorfa apenas para ser explorada. Aqueles que contemplam desta forma sentem-se maravilhados não só pelo que veem, mas também porque se sentem parte integrante desta beleza; e inclusive se sentem chamados a preservá-la, a protegê-la. E há uma coisa que não devemos esquecer: quem não sabe contemplar a natureza e a criação, não sabe contemplar as pessoas na sua riqueza. E quem vive para explorar a natureza, acaba por explorar as pessoas e tratá-las como escravas. Esta é uma lei universal: se não se sabe contemplar a natureza, será muito difícil saber contemplar as pessoas, a beleza das pessoas, o irmão, a irmã.¹⁶⁸

O melhor remédio contra o mau uso da casa comum é a contemplação (Cf. LS 214), que educa e sensibiliza o ser humano para o cuidado da criação. A atitude de cuidar da casa comum torna-se ato sábio e solidário na interação com a natureza em prol da vida integral de todas as criaturas e da própria humanidade, que é parte deste conjunto e não sobrevive sem o todo. Os humanos podem contribuir com o cuidado da criação todos os dias nas pequenas ações que

¹⁶⁸ FRANCISCO. *Audiência geral*: catequeses “curar o mundo”: 7.

realizam, com as pesquisas científicas e com as novas tecnologias, coletando informações e conhecimentos sobre o funcionamento dos ecossistemas e da vida, sem pretender dominá-los ou simplesmente servir ao sistema econômico vigente. A cultura do cuidado é uma maneira de superar a cultura da indiferença e do descarte nas pequenas ações em nível microestrutural, de zelo pela vida. Essas ações expressam cuidado com o outro, com a casa comum, com a garantia de vida, consigo mesmo, e os demais modos de vida e ecossistemas.

A reflexão sobre a economia divinizada pelo mercado, já apresentada neste trabalho, procurou expor o modelo econômico incapaz de estabelecer relações em defesa da vida e pode ser aprofundada em estreita relação com o pensamento de Francisco, na perspectiva de construção do bem-estar da criação. Assim, observa:

As temáticas econômicas e financeiras, nunca como hoje, atraem a nossa atenção, pelo motivo da crescente influência exercitada pelo mercado em relação ao bem-estar material de boa parte da humanidade. Isto requer, de uma parte, uma adequada regulação de suas dinâmicas, e de outra, uma clara fundamentação ética, que assegure ao bem-estar conseguido uma qualidade humana das relações que os mecanismos econômicos, sozinhos, não podem produzir. Semelhante fundamentação ética é hoje pedida por muitos, especialmente por aqueles que operam no sistema econômico-financeiro. Especificamente neste âmbito, se torna evidente a necessária harmonia entre o saber técnico e a sabedoria humana, sem a qual todo o agir humano termina por deteriorar-se. Ao contrário, só com esta harmonia, pode-se progredir numa via de um bem-estar para o homem que seja real e integral.¹⁶⁹

A influência do mercado sobre os indivíduos e a sociedade requer uma adequada regulação e uma clara fundamentação ética, que possam assegurar o bem-estar do ser humano e do meio ambiente. Para Libânio, o sentido ético que nasce no interior do ser humano e vai além do meramente instintivo, orienta as energias em vista da construção de um mundo diferente e atinge tanto o horizonte almejado quanto a maneira de realizá-lo concretamente¹⁷⁰. O horizonte ético aplicado na vida do ser humano e na sua prática de mercado pode proporcionar um novo processo nas relações comerciais para atingir o bem-estar entre os humanos e com a natureza.

Francisco instiga:

¹⁶⁹ CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*, parág. 1.

¹⁷⁰ Cf. LIBÂNIO, *A ética do cotidiano*.

O atual sistema econômico é insustentável. Estamos perante o imperativo moral, e a urgência prática, de reconsiderar muitas coisas: como produzimos, como consumimos, pensando na nossa cultura do desperdício, a visão a curto prazo, a exploração dos pobres, a indiferença para com eles, o aumento das desigualdades e a dependência de fontes de energia nocivas. Todos estes são desafios.¹⁷¹

A humanidade não pode ignorar nem continuar indiferente diante dos desafios que a “ciência diz-nos, cada dia com mais exatidão, que precisamos agir urgentemente”¹⁷², para diminuir drasticamente a emissão de gases de efeito estufa, o consumo ilimitado de matéria-prima, o consumismo incentivado pelo mercado, a pobreza da maior parte da humanidade e o descaso com a casa comum. Frente a isso, Francisco sugere três linhas de ação: a) promover uma educação baseada em dados científicos e uma abordagem ética para o cuidado do meio ambiente, pois os problemas ambientais estão ligados às necessidades humanas¹⁷³; b) assegurar o acesso à água potável e à alimentação para todas as pessoas, direito humano essencial e universal¹⁷⁴; c) mudar progressivamente a matriz energética dos combustíveis fósseis para fontes de energia limpa, reduzindo a emissão de gases com efeito estufa na atmosfera¹⁷⁵. Segundo Francisco, estas três propostas devem fazer parte de um vasto conjunto de ações integradas para alcançar soluções duradouras aos problemas¹⁷⁶.

A unidade das pessoas em torno de projetos comuns e ações concretas para implementar mudanças no contexto atual, exige solidariedade e responsabilidade, que ultrapassem o imediato e o critério utilitarista de eficiência e produtividade para o lucro individual¹⁷⁷, pois a privatização do bem natural da água é contrária ao direito humano de acesso a ela. Estes desafios requerem uma conversão das criaturas humanas para um novo modo de vida, que inclua de modo integral a humanidade e as fontes vitais constituídas pelas criaturas que habitam o planeta.

¹⁷¹ FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco aos participantes no “Countdown”*.

¹⁷² FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco aos participantes no “Countdown”*.

¹⁷³ Cf. FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco aos participantes no “Countdown”*.

¹⁷⁴ Cf. FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco aos participantes no “Countdown”*.

¹⁷⁵ Cf. FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco aos participantes no “Countdown”*.

¹⁷⁶ Cf. FRANCISCO. *Mensagem em vídeo do Papa Francisco aos participantes no “Countdown”*.

¹⁷⁷ Cf. FRANCISCO. *Dia mundial de oração pelo cuidado da criação*, 2018.

3.3 Rumo à conversão ecológica

Nesta parte do presente trabalho abordarei sobre a solidariedade como caminho de conversão ecológica e vice-versa. A solidariedade nasce da consciência e não de uma lei, ou uma doutrina e significa mais do que algumas ações esporádicas de generosidade, “supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns”¹⁷⁸. A solidariedade ajuda o ser humano ver o outro como criatura com dignidade por participar da vida na casa comum e não como um instrumento que se pode explorar (Cf. SRS 40).

Para Boff, a “solidariedade está inscrita, objetivamente, no código de todos os seres, pois todos somos interdependentes uns dos outros. Coexistimos no mesmo cosmos e na mesma natureza com uma origem e um destino comuns”¹⁷⁹. Segundo o autor, a solidariedade permitiu o salto da animalidade à humanidade, ao se reunir em grupo para preparar solidariamente o alimento, superando o individualismo. No contexto atual a humanidade precisa de um *ethos* que se solidarize com os pobres e com a natureza¹⁸⁰.

Na *Laudato Si'* Francisco afirma: “Precisamos de uma nova solidariedade universal” (LS 14), ao referir-se às atitudes de negação, de indiferença, de resignação acomodada e de confiança cega nas soluções técnicas dos problemas atuais. Estas atitudes não transformam a realidade para resolver os problemas, mas dificultam os caminhos de solução. E, tomando a referência de Bento XVI, reitera que “toda lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais” (LS 142). Com esta visão de solidariedade, Francisco afirma que a ecologia social é institucional e alcança diferentes dimensões e grupos sociais como a família, a comunidade local, a nação e a vida internacional. A solidariedade, para Francisco, é o fruto da conversão pessoal e uma virtude moral do comportamento social (Cf. QA 114).

Assim, para Francisco:

A solidariedade exprime o amor pelo outro de maneira concreta, não como um sentimento vago, mas como a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos. A solidariedade ajuda-nos a ver o outro – quer como pessoa quer, em sentido lato, como povo ou nação – não como um dado

¹⁷⁸ FRANCISCO. *Catequeses – “Curar o mundo”*: 5.

¹⁷⁹ BOFF, *Ética e moral*, p. 53.

¹⁸⁰ Cf. BOFF, *Ética e moral*, p. 54.

estatístico, nem como meio a usar e depois descartar quando já não for útil, mas como nosso próximo, companheiro de viagem, chamado a participar, como nós, no banquete da vida, para o qual todos somos igualmente convidados por Deus.¹⁸¹

A solidariedade não se reduz a sentimentos ou atitudes, mas consiste na partilha dos bens da terra e num verdadeiro sistema social, oposto ao vigente que se baseia na competição, na posse e no pensamento cultural único¹⁸². Segundo Francisco, a solidariedade é uma forma de fazer história, de pensar e agir em termos de comunidade para proteger a vida no planeta.

Francisco faz uma releitura dos seus antecessores, que já refletiam sobre a temática da solidariedade, conforme se observa, à seguir, de acordo com a visão de João Paulo II e Bento XVI.

João Paulo II aproxima a solidariedade da caridade e pontua que “À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir as dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação” (SRS 40). Para João Paulo II, a prática da solidariedade se dá na sociedade quando seus membros se reconhecem uns aos outros como pessoas (SRS 39).

Para Bento XVI, “a solidariedade consiste primeiramente em que todos se sintam responsáveis por todos e, por conseguinte, não pode ser delegada só ao Estado” (*Caritas in Veritate*, 38). E, assevera, a solidariedade universal não só como um fato e um benefício, mas como um dever (Cf. *Caritas in Veritate*, 43). E, já assinala que a natureza está tão integrada nas dinâmicas sociais e culturais, que quase não constituía uma variável independente (Cf. *Caritas in Veritate*, 51), dando forte indício para uma solidariedade com a natureza.

A solidariedade intergeracional, abordada por Francisco, se situa no pensar como deixar o planeta para as gerações futuras, na lógica do dom gratuito do bem comum recebido e comunicado, não pelo critério utilitarista, nem pela atitude opcional, mas pela justiça de que o bem recebido também pertence aos que hão de vir (Cf. LS 159). No parágrafo 162 da *Laudato Si'*, Francisco reitera que é urgente pensar nas gerações futuras e instiga a reflexão da solidariedade e da moral na geração atual, de modo especial, para com os pobres.

¹⁸¹ FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para celebração do 54º dia mundial da paz*.

¹⁸² A carta da terra explicita uma solidariedade humana de pertença e relação com a vida. “Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões local e global estão ligadas. Cada um compartilha responsabilidade pelo presente e pelo futuro bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida e com humildade em relação ao lugar que o ser humano ocupa na natureza”. BOFF, *Ética e moral*, p. 112.

Não percamos tempo a imaginar os pobres do futuro, é suficiente que recordemos os pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar. Por isso, para além de uma leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração. (LS 162)

Os pobres e a terra clamam por uma solidariedade renovada, que transforme as causas estruturais da pobreza e da devastação do meio ambiente, provocadas pelos efeitos da idolatria do mercado divinizado. Os pobres de hoje não podem esperar, assim como a terra não suporta mais o modelo da vida de boa parte da humanidade hodierna. O sentido da solidariedade é a consciência de habitar na casa comum, confiada ao ser humano pelo Criador, para guardar a vida pela mesma força que fora criado, do qual lhe vem os princípios pelos quais pode orientar sua vida.

A leitura e a compreensão tendenciosas dos princípios da criação permitiram justificar o domínio despótico do ser humano sobre a criação, a injustiça e a violência pela infidelidade ao tesouro de sabedoria que deveria ser guardado (Cf. LS 200). A conversão ecológica possibilita uma nova perspectiva para a vida, com a jubilosa sobriedade da partilha, que transforma as relações entre os humanos, com os outros seres vivos e com o Criador (Cf. LS 217).

O Papa recorre ao modelo de São Francisco de Assis para propor uma sã relação com a criação num processo contínuo de conversão integral do ser humano (Cf. LS 218). O processo de conversão ecológica integral, quer em nível pessoal quer comunitário, se dá com uma clara e profunda tomada de consciência das ações praticadas pelo ser humano contra a criação. Toda ação contra a natureza tem consequência na vida humana e pode ser entendida como uma ação contra o Criador, um pecado. Esta conversão para o cristão, exige deixar emergir, nas relações com o mundo que o rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus.

A conversão proposta pelo Papa Francisco, segundo Susin, não é converter as pessoas para a Igreja e nem para o âmbito divino, mas para a vida, pois a palavra vida não exclui Deus, Ele é vivo e só os vivos glorificam a Deus¹⁸³. Esta conversão é denominada de conversão pastoral. A experiência da conversão leva à mudança do coração e do modo de vida, para

¹⁸³ Cf. SUSIN, *Conversão ecológica: “conversão da conversão”*, p. 40-51.

transformar a realidade de injustiça vivida pelos pobres e a espiral de destruição da criação (Cf. LS 218).

Neste sentido, é oportuno apresentar o testemunho do próprio Cardeal Jorge Mário Bergoglio, que relata a sua conversão ecológica:

Gostaria de começar com um fragmento de história. Em 2007 teve lugar a Conferência do Episcopado Latino-Americano no Brasil, em Aparecida. Fiz parte do grupo de redatores do documento final, e chegavam propostas sobre a Amazônia. Eu disse: ‘Mas estes brasileiros, como aborrecem com esta Amazônia! O que tem a Amazônia a ver com a evangelização?’. Eu era assim em 2007. Depois, em 2015, saiu a *Laudato Si’*. Percorri um caminho de conversão, de compreensão do problema ecológico. Antes eu não entendia nada!¹⁸⁴

O fragmento de história do Papa Francisco apresenta o caminho percorrido para sua conversão ecológica e convida a todo ser humano modificar a direção, o rumo, permitindo assim, compreender a sua atenção à temática social e ambiental com a reflexão desenvolvida na *Laudato Si’*. A crise socioambiental passa a ser meditada e refletida pelo Sumo Pontífice, ouvindo grupos de cientistas, filósofos e teólogos para compreender os problemas ecológicos e sociais. Francisco destaca: “quero frisar isto: da absoluta incompreensão, em Aparecida em 2007, à Encíclica. Gosto de dar testemunho disto. Temos que trabalhar para que todos percorram este caminho de conversão ecológica”¹⁸⁵. A conversão ecológica individual, pautada nas ciências, pode conduzir a humanidade a um novo modelo de vida em sociedade e com a natureza.

A espiritualidade cristã motiva uma paixão para cuidar do mundo com a mística do Evangelho que anima, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária (Cf. LS 216). “A crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior” (LS 217) para reconciliar a relação dos humanos com o mundo e reconhecer-se parte integral da criação. Cada homem e cada mulher deve examinar a sua vida para reconhecer de que modo está ofendendo a criação de Deus com as ações que realiza ou com a acomodação paralisante (Cf. LS 218).

Na *Laudato Si’* Francisco aprofunda a reflexão sobre a conversão¹⁸⁶ e afirma que a complexa crise ecológica e social da atualidade não se resolve só com a conversão individual

¹⁸⁴ FRANCISCO. *Audiência do Papa Francisco a um grupo leigo ecologistas vindos da França*.

¹⁸⁵ FRANCISCO. *Audiência do Papa Francisco a um grupo leigo ecologistas vindos da França*.

¹⁸⁶ Para Francisco de Aquino Junior, a “conversão ecológica”, de que fala o Papa Francisco, é tanto uma “conversão interior” quanto uma “conversão comunitária”. Pessoas novas e sociedades novas para uma nova relação entre si

da pessoa. Frisa, ainda, que esta seja importante e necessária, não basta que cada ser humano seja melhor no seu mundo individual, pois pode perder a capacidade e a liberdade para vencer a lógica da razão instrumental (Cf. LS 219). E, citando Romano Guardini, Francisco assinala a urgência de uma conversão comunitária:

Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias: As exigências desta obra serão tão grandes, que as possibilidades das iniciativas individuais e a cooperação dos particulares, formados de maneira individualista, não serão capazes de lhes dar resposta. Será necessária uma união de forças e uma unidade de contribuições. A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária. (LS 219)

A conversão comunitária tece uma rede que intensifica o cuidado generoso e terno pelo dom recebido do amor Criador (Cf. LS 220), bem como desperta uma consciência amorosa no ser humano, capaz de reconhecer a sua interconexão com as outras criaturas e sua capacidade diferenciada lhe confere uma responsabilidade derivada da fé (Cf. LS 220). A conversão ecológica pode estabelecer uma nova cultura pautada na vida integral do meio ambiente e dos humanos com profundas transformações no estilo de vida da humanidade, porém a mudança de rumo é desafiadora e lenta.

A mudança abrupta no modelo de vida da humanidade provocada pela pandemia do *Covid-19*, emerge como uma necessidade de adaptação às exigências do contexto, revelando a sua difícil tarefa de transformação no modelo de vida da humanidade, o que pode se transformar em conversão. Esta mudança forçada diminuiu o ritmo da vida, pois a única forma de conter a transmissão do vírus foi o isolamento social. A pandemia afetou os mais vulneráveis, aumentando o número de pobres e privando-os dos bens de primeira necessidade. A situação tece uma consciência nas pessoas, seja para cuidar de si mesmo e dos outros e não disseminar o vírus, ou para partilhar alimentos e vestimenta. Esta mudança, instigada pela pandemia (muitas vezes entendida como castigo), provocou no imaginário coletivo das pessoas o desejo de voltar ao normal, voltar ao passado para continuar a vida. Elas não percebem que a vida continua seu processo justamente de onde se encontra no presente momento da história. O desejo de retorno ao passado revela que o pensamento não mudou, não houve conversão, nem

e com a natureza. Portanto, conversão “global” ou “integral”: conversão das pessoas e das estruturas da sociedade. Cf. AQUINO JUNIOR, *Fé cristã e a superação da crise ecológica*, abordagem teológica, p. 24-39.

transformação do tecido social para uma verdadeira solidariedade. A responsabilidade pela mudança de vida e construção do novo modelo de vida será abordada nas próximas páginas deste estudo.

3.4 A responsabilidade ética

A responsabilidade do ser humano em relação à criação é uma resposta livre ao Criador que, segundo Francisco, chama a todos para se tornarem instrumentos Dele no planeta e sejam o que sonhou ao Criá-los (Cf. LS 53). Os humanos são parte da criação, chamados a interagir, cultivar e guardar a vida do planeta. A resposta apresentada pela cultura moderna, porém, não dispõe de lideranças capazes de superar o poder do paradigma tecno-econômico, que possam criar um sistema normativo com limites invioláveis de proteção dos ecossistemas (Cf. LS 53).

Para Boff, a voracidade do crescimento mundial consumista atinge os limites da terra, que só será freado pelo desenvolvimento de “um *ethos* de ilimitada responsabilidade por tudo o que existe e vive, como condição de sobrevivência da humanidade e de seu habitat natural”¹⁸⁷. A necessidade de responder aos problemas do contexto atual possibilita uma tomada de consciência dos atos praticados e suas consequências sobre os outros e a natureza¹⁸⁸.

As respostas apresentadas aos problemas geradores da crise socioambiental são insatisfatórias, pois não mudam a lógica perversa da visão humana de dominação da criação. A visão dominadora do ser humano tolera saquear a natureza sem considerar as suas potencialidades secretas e suas leis evolutivas, considerando-a como um material inerte a ser explorado, sem se preocupar com a perda da biodiversidade e dos bens milenarmente elaborados pela diversidade cultural. Neste sentido, afirma Francisco:

Na realidade, não somos os guardas de um museu e das suas obras-primas das quais devemos limpar o pó todas as manhãs, mas os colaboradores da preservação e do desenvolvimento do ser e da biodiversidade do planeta, e da vida humana nele presente. A conversão ecológica capaz de reger o desenvolvimento sustentável inclui de modo inseparável tanto a assunção plena da nossa responsabilidade humana em relação à criação e aos seus recursos, como a busca da justiça social e a superação de um sistema iníquo que produz miséria, desigualdade e exclusão.¹⁸⁹

¹⁸⁷ BOFF, *Ética e moral*, p. 51.

¹⁸⁸ Cf. BOFF, *Ética e moral*, p. 51.

¹⁸⁹ FRANCISCO. *Aos participantes na Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*.

A conversão ecológica dinamiza a consciência responsável dos humanos de boa vontade no processo de transformação das relações entre as pessoas, a sociedade e a criação. A responsabilidade do ser humano no contexto atual reside em proporcionar profundas mudanças do sistema social antropocêntrico, materialista e tecnocrata, que produz as misérias humanas, polui e “trata a vida como recurso a explorar ou a descartar em função do poder e do lucro”¹⁹⁰. A mudança não é uma negação da importância dos recursos econômicos e dos meios técnicos, que podem colaborar para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (Cf. LS 187). Para Francisco, o “autêntico progresso científico e tecnológico deveria inspirar políticas mais humanas”¹⁹¹.

O exercício do poder político, em suas esferas nacional, regional ou mesmo municipal, precisa ser acompanhado com afinco e proximidade por parte dos cidadãos para sustentar acordos entre si e com as populações vizinhas com as mesmas políticas ambientais (Cf. LS 179). Como não existem receitas uniformes aos problemas e limites de cada país ou região, a política precisa ser, de fato, um ato de bem gerir a *polis*, de pensar e de dispor acerca dos bens presentes e disponíveis aos humanos, capaz de ser uma esfera que possa exigir medidas e tecnologias de transição nos níveis nacional e local, na produção industrial com a máxima eficiência para economizar energia, diminuir o uso de matéria-prima e poluir menos; orientar a alteração do consumo; apoiar a economia de resíduos e reciclagem; facilitar formas de cooperativas e organizações comunitárias para defender os pequenos produtores e desenvolver técnicas agrícolas sustentáveis para salvaguardar os ecossistemas (Cf. LS 180). Estas são algumas orientações que Francisco oferece para o que fazer no contexto conturbado que a humanidade vive.

Para Francisco, as transformações da humanidade são um processo natural para responder com responsabilidade às urgências e necessidades da vida humana e de toda a criação. Isso implica, por conseguinte, em escutar com sabedoria a realidade dos pobres e da terra, fazer uma revisão do caminho percorrido e tomar consciência da necessidade de mudar para transformar as causas da crise socioambiental que atinge a humanidade e, enfim, convergir para outro paradigma civilizacional. Essa mudança, por si, implica na transformação das

¹⁹⁰ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na assembleia geral dos membros da pontifícia academia para a vida.*

¹⁹¹ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na assembleia geral dos membros da pontifícia academia para a vida.*

práticas individuais e comunitárias para construir um desenvolvimento sustentável e integral e uma história capaz de incluir a todos, humanos e demais seres da criação.

A ética articula a harmonia, o respeito e a contemplação de todos os seres, na imensa responsabilidade humana pela criação. “A paixão pelo acompanhamento e pelo cuidado da vida, ao longo de toda a sua história individual e social, exige a recuperação de um *ethos* da compaixão ou da ternura, para a geração e a regeneração do humano na sua diferença”¹⁹². A defesa da vida requer a defesa da terra, na compaixão dos que lutam pela justiça social e ambiental com o firme propósito de unir a família humana num projeto político “que pense com visão ampla e leve em frente uma reformulação integral, abrangendo num diálogo interdisciplinar os vários aspectos da crise” (LS 197). E, demanda que responda com processos estratégicos de mudança real, frente a crise socioambiental, apontando para soluções concretas, pois a continuidade da vida humana no planeta depende das opções tomadas pelo próprio ser humano para proteger a sua vida, uma vez que esta depende da vida integral do planeta.

¹⁹² FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na assembleia geral dos membros da pontifícia academia para a vida.*

CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida sobre a ética socioambiental, segundo a *Laudato Si'*, teve por eixo central a urgência de um novo modelo de vida do ser humano na criação, numa estrutura de sociedade que vive em profunda crise multifacetada, apresentada como crise socioambiental pelo Papa Francisco (Cf. LS 139), que perpassa todas as dimensões sociais e ambientais. A crise social atinge toda humanidade, que buscamos explicitar por meio dos diversos paradoxos expostos na pesquisa, que evidenciando a raiz humana da crise no panorama global. A crise ecológica e suas múltiplas causas englobam e permitem uma gama de interpretações e transformações da realidade para construir soluções possíveis às questões ambientais.

O contexto atual, permeado pela idolatria do mercado, toma proporções desumanizadoras destruindo o sentido da vida humana e, de modo especial, da consciência de que o ser humano é parte integral do processo da vida de toda criação. A razão instrumental passa a ser usada para servir aos interesses humanos de domínio e de extrema exploração da natureza, colocando-se a serviço do sistema econômico tecnocrata que sacrifica a vida no planeta. Essa lógica que diviniza a economia e sacrifica o planeta, perpetua-se em nome do desenvolvimento e do progresso ilimitado, instigando a humanidade e, de modo especial, os pobres e a natureza a uma espiral de destruição, com a promessa de proporcionar bem-estar ao ser humano. “A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilo de vida, de produção e de consumo, para combater o aquecimento global ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam” (LS 23).

A crise socioambiental sistêmica é decorrente da atividade humana descontrolada sobre si mesmo e sobre a natureza. E, segundo Francisco, “às previsões catastróficas já não se pode olhar com desprezo e ironia” (LS 161), pois o resultado pode ser a destruição da criação. As motivações humanas para realizar práticas destrutivas nascem do fetiche da idolatria do mercado, que cultiva o deus dinheiro como centro da vida. A crise ecológica, sustenta Francisco, é uma “expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade” (LS 119), causada pela enfermidade das relações humanas fundamentais. Estas enfermidades da humanidade se manifestam nas práticas humanas, a quem submetem um grande número de pessoas à extrema miséria e, que segundo Francisco, são condenadas à morte

prematura (Cf. LS 48). Os pobres vivem a exclusão social como moradores em situação de rua, habitantes dos casebres das periferias dos grandes centros urbanos e os pequenos agricultores das áreas rurais acidentadas, todos sem as mínimas condições de dignidade para a vida. O contrário da pobreza não é a riqueza, mas a justiça social, pois o pobre, segundo Dussel, é o dominado pelo pecador¹⁹³, que instrumentaliza a relação com o semelhante destituindo-o da dignidade humana.

Nessa senda, outra patologia que poder-se-ia situar, a partir da modernidade, consiste na relação do ser humano com as outras criaturas e com a natureza que em, segundo Boff, se intensificam com o uso da ciência e da técnica atingindo os limites da terra e comprometendo o seu equilíbrio e a sua regeneração¹⁹⁴. O ser humano se coloca no centro da criação e domina as outras criaturas, esquecendo-se de que ele mesmo é criatura, submete-as ao seu prazer e satisfação. Por conseguinte, o ser humano pautando as suas relações sob o prisma de uma visão antropocêntrica, coloca-se no centro da criação, onde pretende ocupar o lugar do Criador.

A relação com Deus é outra enfermidade da humanidade hodierna em que se pretende dominar a criação com o uso desregrado da ciência submetendo-a à devastação. As relações vitais, danificadas no seio da sociedade, podem ser entendidas como parte dos *sinais dos tempos* a serem interpretados e transformados colocando à prova a exigência e a urgência de conversão ecológica dos indivíduos e das comunidades. Como revigorar as relações vitais da humanidade? A construção de um projeto comum para a humanidade soluciona os problemas socioambientais?

Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida (LS 202).

A mudança no estilo de vida é algo desejável, porém exige repensar a totalidade dos processos da lógica subjacente na cultura atual (Cf. LS 197), para superar o individualismo consumista e reconsiderar os impactos ambientais nos modelos de produção (Cf. LS 208). Logo, a conversão do modelo de desenvolvimento global (Cf. LS 194), por um paradigma de

¹⁹³ Cf. DUSSEL, *Ética comunitária*, p. 33.

¹⁹⁴ Cf. BOFF, *Ética e espiritualidade*, p. 90.

desenvolvimento integral implica em uma mudança no coração dos humanos, com uma conversão ecológica global (Cf. LS 219). Esta transformação, embora não seja simples de ser posta em operacionalização, consiste em uma possibilidade para encontrar a solução de alguns problemas enfrentados pela humanidade do século XXI.

A Encíclica *Laudato Si'*, apresentada no decorrer deste estudo, é um marco importante para a vida da Igreja Católica e para a vida humana na face da terra, pois dinamiza uma série de debates resgatando a centralidade da vida na questão ecológica e social. Ela, propõe, que os cristãos e os humanos de boa vontade empreendam ações propositivas, positivas e proativas, em direção à construção de uma convivência mais justa e solidária, humanamente mais equitativa e, do ponto de vista criatural, capaz de tomar o respeito e o cuidado como valores primordiais desse novo *habitus*, desse novo *ethos* a ser redimensionado no dia a dia da convivência.

O Papa Francisco convida, com insistência, na *Laudato Si'* a um novo estilo de vida, pois o modelo de vida vigente marcado pela cultura¹⁹⁵ da acumulação, do consumo, da competição e do saber entendido como poder, que fundamentam o individualismo antropocêntrico é insustentável. A construção de um novo estilo de vida exige tomar consciência da situação em que a humanidade se encontra e mudar a direção, convergir para uma nova rota. A ciência da necessidade de mudança não é algo apenas no interior do ser humano, mas um fazer uma práxis encarnada, um agir examinando o que está sendo realizado com a consciência atingida, o que se faz com o conhecimento obtido no decorrer da história da humanidade, com a *res-publica*.

Por isso, não basta falar apenas da integridade dos ecossistemas; é preciso ter a coragem de falar da integridade da vida humana, da necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores. O desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente. Não é fácil desenvolver esta humildade sadia e uma sobriedade feliz, se nos tornamos autônomos, se

¹⁹⁵ “Precisamos de uma mudança, queremos uma mudança, procuramos uma mudança. O problema surge quando nos damos conta de que, para muitas das dificuldades que nos afligem, não temos respostas adequadas e inclusivas; pelo contrário, sofremos de uma fragmentação na análise e no diagnóstico que acaba por bloquear todas as soluções possíveis. Afinal, falta-nos a cultura necessária para permitir e estimular a abertura de diferentes visões, baseadas num tipo de pensamento, política, programas educacionais, e até de uma espiritualidade que não se deixe fechar numa única lógica dominante. Se é urgente encontrar respostas, é indispensável crescer e apoiar grupos dirigentes capazes de desenvolver a cultura, iniciar processos — não vos esqueçais desta palavra: iniciar processos — traçar caminhos, ampliar horizontes, criar pertenças... A fim de ser significativo, cada esforço para administrar, cuidar e melhorar a nossa casa comum exige uma mudança nos estilos de vida, dos modelos de produção e de consumo, das estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades. FRANCISCO. *Encontro Internacional “the economy of Francesco”*”.

excluimos Deus da nossa vida fazendo o nosso eu ocupar o seu lugar, se pensamos ser a nossa subjetividade que determina o que é bem e o que é mal. (LS 224)

A natureza vem sendo cada vez mais danificada por uma inversão dos valores humanos, que demandam uma resposta urgente por meio de um novo estilo de vida, com novos valores para equilibrar e reparar a criação. A humanidade, ciente das suas práticas sobre as outras criaturas, pode evitar ações prejudiciais ou danosas e mudar o rumo da história, mudar o comportamento e o modo de agir a fim de evitar catástrofes maiores. O equilíbrio da humanidade pode ser restabelecido com uma educação ambiental para dispor a humanidade a um “salto para o Mistério, do qual a ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo” (LS 210), reordenar o itinerário pedagógico da ética ecológica para efetivar o crescimento do ser humano na solidariedade universal, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão (Cf. LS 210).

Neste sentido, Francisco assegura que, cuidar do mundo significa cuidar dos seres humanos, mas é necessário que estes se constituam como um “nós” que habita a casa comum. E afirma: “Conversão é reconciliação com a criação” (LS 218). Para tanto, devemos examinar as nossas vidas e reconhecer de que modo ofendemos a criação de Deus com nossas ações e nossa incapacidade de agir (Cf. LS 218). Conversão é mudança de coração (Cf. LS 218), que possibilita a equidade nas relações e harmoniza o convívio entre os humanos, com a criação e com o Criador, que nos dá forças e luz para prosseguir na caminhada.

A *Laudato Si'* nos convida a desenvolver um estilo de vida alternativo, simples, mas que permite ao humano saborear as pequenas coisas e agradecer pelas possibilidades que a vida lhe oferece (Cf. LS 222). A Encíclica sobre o cuidado da casa comum é para ser vivida com benignidade pelo ser humano consigo mesmo, com o outro, com as demais criaturas, para o bem de todas as formas de vida da criação. Desse modo, nas palavras de Basílio Magno, exorta Francisco: “Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, porque, se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é o seu Criador” (LS 244).

A dignidade da vida pode ser entendida como dimensão da criação da qual o ser humano faz parte e tem a responsabilidade de servir com a sua capacidade racional e emocional, para refletir e construir processos com a natureza cultivando a solidariedade, o cuidado e a compaixão. A condição humana vivenciada na natureza, em contato vital com ela, consiste em conviver com as demais criaturas, inserindo-se na teia das relações como parte integrante da natureza, nem acima ou fora dela, mas interligado, interconectado com o todo. Para Francisco,

a diferença da criatura humana das demais criaturas se dá no estilo de vida marcado pela compaixão, pelo cuidado e pela criatividade, bens que Deus não cessa de suscitar nos corações das criaturas para tecer um novo modo de fazer a história da Salvação.

A humanidade é convidada a guardar e cuidar a criação como condição para a vida, como algo absoluto e universal, embora a maneira de demonstrar, o guardar e o cuidar, varie no tempo e no espaço, que passa pelo amor e pela razão sensível, não como algo apenas instintivo no ser humano. A máxima do amor é inerente à proposta da fé cristã, que impele os cristãos à prática do amor com o testemunho da tradição e das mentes iluminadas e generosas de homens e mulheres criativos/criativas e humildes, que expressam estes sinais na história da humanidade. Na *Laudato Si'* o Papa Francisco recorre ao testemunho de São Francisco de Assis para elucidar uma sadia relação entre os humanos e a criação, na tentativa de recompor a ruptura entre as gerações, pois a condição humana adulta é uma vida capaz de cuidado, de responsabilidade e de amor.

A *Laudato Si'* inaugura um horizonte de reflexão e ação, que capacita todos a agirem em prol da vida, cada um em seu contexto, com práticas responsáveis, solidárias e sustentáveis para romper com as estruturas de dominação da terra e das criaturas pelo ser humano. As resistências a serem enfrentadas para mudar o estilo de vida humana no planeta, a maneira de reorganizar a economia, a política, a religião e a sociedade, tendo presente a terra como organismo vivo. Portanto, esse modelo civilizatório vigente e em profunda crise, que insiste nas mesmas práticas danificadoras da vida, exige a irrupção de um novo estilo de vida, especialmente em tempo de pandemia.

Este estudo, desenvolvido em contexto de pandemia, permitiu experimentar uma época de mudanças abruptas nos hábitos da humanidade. O isolamento social, medida adotada para evitar o contágio dos humanos pelo vírus invisível que pode levar o ser humano à morte, causou mudanças radicais no estilo de vida das pessoas e desencadeou inúmeras consequências. O que se percebe, no decorrer deste tempo, que se estende até o presente momento e, que, provavelmente perdurará por alguns anos, é a clara resistência das pessoas para mudanças, mesmo que necessárias e urgentes.

O desafio de cuidar da vida para evitar o contágio com um vírus passa a ser enfrentado pela humanidade como algo passageiro e a esperança é de voltar ao que era antes da pandemia, ou mesmo, a um 'novo normal', que poderá apresentar novas exigências e novos contornos, aspectos que revelem a resistência a uma mudança real. Além de evidenciar a fragilidade da vida humana e sua interdependência, manifesta, por conseguinte, o verdadeiro objetivo das instituições e poderes instituídos para com a vida de todos na face da terra, com a triste

constatação de que nem todos estão engajados num processo de mudança para cuidar, proteger e defender a vida da criação.

Em suma, Francisco destaca dois eixos basilares: a política e a economia, que revisadas e redimensionadas sob outros patamares, em suas bases, possibilitariam um novo estilo de vida. A política, enquanto garantia do bem comum, tomando por base um novo modelo econômico, certamente propiciaria uma justa e digna provisão da vida. O modelo econômico vigente, necessita ser redesenhado com a máxima urgência, tendo como perspectiva uma correta e justa disposição das coisas, dos bens da criação, de acordo com a necessidade do humano para bem viver dignamente, respeitando as demais formas de vida. A política, enquanto possibilidade de garantia do bem comum, consistiria, portanto, na arte e no exercício de administrar os bens da criação. Essas transformações e mudanças dependem de homens e de mulheres de boa vontade, que ousem crer, pensar e agir criativamente, contemplando a criação engajados na construção do plano de esperança e de amor do Criador, no tempo de agora, no tempo que ainda resta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. Benjamin e o capitalismo. *IHU On-Line*, 2013. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520057-benjamin-e-o-capitalismo-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 26 jul. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. Fé cristã e a superação da crise ecológica, abordagem teológica. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Org.). *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 24-39.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: Rumo à sociedade pendente*. Petrópolis: Vozes, 1998. BRASIL, Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: ensaio sobre Economia e Teologia*. São Paulo: Vozes, 1989.

BALDUZZI, Renato, CIROTTI, Carlo; SANNA, Ignazio. *Le mani sull'uomo: quali frontiere per la biotecnologia?* Roma: Editrice Ave, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAVARESCO, Agemir. Cenários, diagnósticos e estratégias planetárias na Laudato Si. In: BAVARESCO, Agemir; PONTEL, Evandro; TAUCHEN, Jair (Orgs.). *Cordeiro de Deus: Festschrift em homenagem a Luiz Carlos Susin*. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2019, p. 87-100.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. Versão online. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 26 nov. 2020.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*. Versão online. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 06 dez. 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, Leonardo. *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOFF, Leonardo. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Versus, 2013.

BOFF, Leonardo. *Ética e espiritualidade: como cuidar da casa comum*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão Social*. Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005. Disponível em: revista.ibict.br/inclusao/article/download/1503/1690. Acesso em: 26 nov. de 2020.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar, ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. Tradução Helberto Michel. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

CAPRA, Fritjof. *Laudato Si' – A ética ecológica e o pensamento sistêmico do Papa Francisco*. *Ecolinguística: Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 06, n. 02, p. 05-17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32659/26615>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHAMPLIN, Russel Normann. *Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2013.

COMBLIN, José. *A vida - Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones - Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspectos do atual sistema econômico-financeiro*. Versão online. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180106_oeconomicae-et-pecuniariae_po.html. Acesso em: 16 jul. 2021.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Medellín: Texto integral da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Versão online. Disponível em: <https://www.faculdadesjesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/documentos/documento-FwdDtt9v3ukKPDZq.pdf>. Acesso em: 29 nov. de 2020.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Texto oficial. Puebla de los Angeles, México, 27-1 a 13-2 de 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Aparecida, Brasil, 13-31 de maio de 2007.

DELLA CROCE, Giovanna. *Simone Weil e l'esperienza di Cristo*. Milano: Edizione OR, 1993.

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. Salmos com imprecções: uma abordagem libertadora. In: BAVARESCO, Agemir; PONTEL, Evandro; TAUCHEN, Jair (Orgs.). *Cordeiro de Deus*: Festschrift em homenagem a Luiz Carlos Susin. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2019, p. 113-132.

DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária*. Tradução de Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1986.

FONSECA, Manuel; CORONA, Omar García; TINEO, Facundo. A ecologia deveria ser o remédio para tratar a grande enfermidade da terra: a destruição ecológica”. Entrevista com Enrique Dussel. *IHU On Line*, 2019. Tradução Centro de Promoção de Agentes de Transformação (CEPAT). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590549-a-ecologia-deveria-ser-o-remedio-para-tratar-a-grande-enfermidade-da-terra-a-destruicao-ecologica-entrevista-com-enrique-dussel>. Acesso em: 26 de nov. de 2020.

FRANCISCO Papa. *Audiência geral*: catequese por ocasião do 50º dia Mundial da Terra. *La Santa Sede*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200422_udienza-generale.html. Acesso dia 15 jun. de 2021.

FRANCISCO, Papa. Audiência do Papa Francisco a um grupo leigo ecologistas vindos da França. Quinta-feira, 3 de setembro de 2020. *La Santa Sede*, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/september/documents/papa-francesco_20200903_laici-ecologia.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Audiência Geral de 16 de setembro de 2020 - Catequeses “Curar o Mundo”: 7. Cuidado da Casa Comum e atitude contemplativa. *La Santa Sede*, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200916_udienza-generale.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Audiência Geral de 2 de setembro de 2020 - Catequese - “Curar o Mundo”: 5. A solidariedade e a virtude da fé. *La Santa Sede*, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html. Acesso em: 22 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Carta do Santo Padre por ocasião da instituição do “Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação”. *La santa Sede*, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150806_lettera-giornata-cura-creato.html. Acesso em: 30 jul. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Brasília. Edições CNBB; 2015.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Versão online. *La Santa Sede*, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 06 dez. 2020.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos participantes na assembleia geral dos membros da pontifícia academia para a vida. *La Santa Sede*, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171005_assemblea-pav.html. Acesso em: 29 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária da Pontifícia Academia das Ciências. *La Santa Sede*, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161128_pontificia-accademia-scienze.html. Acesso em: 21 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Encontro internacional “the economy of Francesco”. Mensagem em vídeo do Papa Francisco. *La Santa Sede*, 2020. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201121_videomessaggio-economy-of-francesco.pdf. Acesso em: 15 de jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília. CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazônia*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia_po.pdf. Acesso em: 28 ago. 2021. Acesso em 30 jul. 2021.

FRANCISCO, Papa. Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para a celebração do dia mundial de oração pelo cuidado da criação. *La Santa Sede*, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20160901_messaggio-giornata-cura-creato.html. Acesso em: 30 jul. 2021.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do 54º dia mundial da paz. *La Santa Sede*, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 22 jun. 2021

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Santo Padre Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres. “A esperança dos pobres jamais se frustrará”. *La Santa Sede*, 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papafrancesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html. Acesso em: 12 mar. 2020.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Santo Padre para a celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação. *La Santa Sede*, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20180901_messaggio-giornata-cura-creato.html. Acesso em: 30 jul. 2021.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Santo Padre para o lançamento da Década de Restauração de Ecossistemas promovida pela ONU. *La Santa Sede*, 2021. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/papa-francesco_20210604_messaggio-ecosistema.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Mensagem em vídeo do Santo Padre aos participantes no “Countdown”, evento digital de TED sobre mudança climática. *La Santa Sede*, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201010_videomessaggio-ted-clima.html. Acesso em: 10 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Mensagem em vídeo do Santo Padre para o lançamento da Plataforma de Ação *Laudato Si'*. *La Santa Sede*, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/papa-francesco_20210525_videomessaggio-laudatosi.html. Acesso em: 15 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Mensagem para o II dia mundial dos pobres. “Este pobre clama e o Senhor o escuta”. *La Santa Sede*, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20180613_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html. Acesso em: 13 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Participação ao II Encontro dos Movimentos Populares – Discurso do Santo Padre. *La Santa Sede*, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em: 12 maio 2021.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda. 2020. E-Book.

FRANCISCO. *Vida após a pandemia*. Prefácio pelo cardeal Michael Czerny. Tradução portuguesa: L'Osservatore Romano. Tipografia vaticana, 2020. E-Book.

FREI BETTO. A espiritualidade proposta pela encíclica Louvado Sejas. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Org.). *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 157-168.

GADA, Élio Estanislau. *Economia e bem comum: o cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*. São Paulo: Paulus, 2016. E-Book.

HUMMES, Cláudio. *O sínodo para Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2019. E-Book.

IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário teológico para a América Latina*. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html. Acesso em: 05 dez. 2020.

JOÃO PAULO II. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 05 dez 2020.

JONAS, H. *El principio de responsabilidad*. Ensayo de una ética para la civilización tecnológica. Barcelona: Herder, 1995.

KAISER Jr., Walter. *O cristão e as questões éticas da atualidade*. Vida Nova. 2015. E-Book.

KASPER, Walter. *et. al. Dicionário enciclopédico de exegésis y teologia bíblica*. Edición, presentación y traducción de Marciano Villanueva Salas. Tomo 2/I-Z. Barcelona. Herder. 2011.

LIBÂNIO, João Batista. *A ética do cotidiano – obra póstuma do teólogo João Batista Libânio*. São Paulo: Paulinas, 2015. E-Book.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia*. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996.

LORIZIO, Giuseppe; SABETTA, Antonio; ZÁK, L'ubormír. *Manuale di teologia fondamentale*. In: LORIZRIO, Giuseppe. Org. Roma: Città Nuova, 2004.

MAGISTER, Sandro. Os quatro ganchos nos quais Bergoglio pendura o seu pensamento. In. *IHU On-Line*. Entrevista com Giovanni Scalese. Publicação em: 23 de maio de 2016. Tradução de André Langer. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/555391-os-quatro-ganchos-nos-quais-bergoglio-pendura-o-seu-pensamento>. Acesso em: 6 de junho de 2021.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte. Org. e tradução: Cristina Magro e Víctor Paredes. Belo Horizonte: UFMG,. 2001.

MOLTMANN, Jürgen. *Ética da esperança*. Tradução Vilmar Schneider. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

MORA, Jose Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Buenos Aires: Sudamericana, Tomo II, 2007.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A religião na sociedade urbana e pluralista*. São Paulo: Paulus, 2013.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. Alcances e limites da *Laudato Si'* à luz da ecoteologia no Brasil. In: *Ecoteologia*. Brasília, 17 de setembro de 2017, p. 14-19.

PASSOS, João Décio. *Método teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018.

SALVÀ, Peppe. Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro. In: *IHU On Line*. Entrevista com Giorgio Agamben. Publicada em: 30 de agosto de 2012. Tradução de Selvino J. Assmann. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>. Acesso em: 26 de nov. de 2020.

SCUDELER, Luiz Gonzaga. *Doutrina Social da Igreja e o Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2014. E-Book,

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Ética e meio ambiente*. São Paulo: Loyola. 2002.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Ética socioambiental*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2009.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Laudato Si'*: um presente para o planeta. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2016.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical*. Caxias do Sul: Educs, 2016.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Laudato Si'*: sobriedade feliz, 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da Encíclica “Sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2017.

SUNG, Jung Mo. Deus é ídolo na economia. In: *Vida Pastoral*. São Paulo, n. 164. p. 15-20. janeiro-fevereiro de 2009, Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/atualidade/deus-e-idolo-na-economia/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SUNG, Jung Mo. *Idolatria do dinheiro e direitos humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*. São Paulo: Paulus, 2018.

SUSIN, Luiz Carlos. Conversão ecológica: “conversão da conversão”. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Org.). *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 40-51.

SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal*. São Paulo: Paulinas, 2015.

TEIXEIRA, Orci Paulino Bretanha. *A fundamentação ética do estado socioambiental*. EdIPUCRS/Fi. 2013. E-Book.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1990.

VIDAL, Marciano. *Caminhos para a ética cristã*. Tradução Antônio Silva. Aparecida: Santuário, 1989.

VIDAL, Marciano. *Dicionário de moral* – dicionário de ética teológica. Tradução A. Maia da Rocha e J. Sameiro. Aparecida: Santuário, 1991.

VIDAL, Marciano. *Moral de actitudes*. Tomo primeiro, moral fundamental. Madrid: Talleres Gráficos Montaña, 1975.

ZAMPIERI, Gilmar. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum – um guia de leitura. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p.4-23, jan.-jun. 2016.

ZIMMERMANN, Roque. *América Latina: o Não-Ser*. Petrópolis: Vozes, 1986.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br